

ÂNGELA MARIA BARBOSA NEVES

JUVENTUDE E CONFLITO FAMILIAR: DIVERGÊNCIAS
ENTRE PAIS E FILHAS, NA PERSPECTIVA DAS JOVENS DO RECIFE

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de Psicologia Educacional, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Amélia Azevedo Goldberg

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- 1983 -

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

COMISSÃO JULGADORA:

"(...) Precisamos destruir a nossa capacidade de ver com clareza o que se encontra diante de nós e de imaginar o que fica para além. Muito antes que seja deflagrada uma guerra termonuclear, já desperdiçamos a nossa sanidade. Princípios com as crianças. É imperioso agarrá-las a tempo. (...) As crianças não são tolas ainda, mas nós as transformaremos em imbecis como nós próprios, dotadas de Q.I. elevado, se possível.

Desde o instante do nascimento, quando o bebê da idade da pedra se defronta com a mãe do século vinte, é submetido às forças da violência chamadas amor, assim como o foram a mãe e o pai. Tais forças destinam-se sobretudo a destruir a maior parte de suas potencialidades. Este empreendimento tem êxito, de modo geral. Quando o novo ser humano chega aos quinze anos, mais ou menos, já se transformou num ser parecido conosco: uma criatura meio demente, mais ou menos adaptada a um mundo louco. Tal é a normalidade na época presente.

O amor e a violência, corretamente falando, são pólos opostos. O amor deixa o outro em paz, mas com afeição e preocupação. A violência tenta cercear a liberdade do outro, forçá-lo a agir da maneira que desejamos, mas com extrema falta de preocupação, com indiferença diante do destino alheio.

Estamos efetivamente nos destruindo por meio da violência mascarada de amor."

(RONALD D. LAING)

Este é o resultado de um longo trabalho, que exigiu esforço e dedicação, não só de nossa parte, como de muitas outras pessoas, que, embora não as nomeando pessoalmente nestas linhas, aqui saberão se reconhecer. A todas elas, que direta ou indiretamente participaram conosco, desde o desabrochar das primeiras idéias que deram origem a este trabalho, até a sua apresentação final, manifestamos a nossa gratidão. Ressaltamos, no entanto, a colaboração que recebemos dos(as) amigos(as) e parentes, ao provocarem o nosso encontro com as entrevistadas.

De forma muito especial, queremos ressaltar a nossa gratidão, a todas as jovens que conosco colaboraram, no momento das entrevistas, narrando as suas experiências de vida. Por uma questão de sigilo profissional, os seus nomes serão omitidos. Mas, a cada uma, fica o nosso 'Muito obrigada' e o nosso reconhecimento de que, sem a sua participação, nada deste trabalho teria sido realizado.

RESUMO

Título: JUVENTUDE E CONFLITO FAMILIAR: DIVERGÊNCIAS ENTRE PAIS E FILHAS, NA PERSPECTIVA DAS JOVENS DO RECIFE
Autora: ÂNGELA MARIA BARBOSA NEVES

Estudo sobre os conflitos nas relações familiares, do ponto de vista das filhas jovens, no que se refere ao relacionamento entre elas e seus pais.

Optou-se por realizar uma Pesquisa Qualitativa, que constou de um trabalho de campo, onde foram entrevistadas 20 jovens, de 15 a 20 anos, residentes no Grande Recife, situadas na faixa sócio-econômica dos Setores Intermediários da sociedade.

Para a análise do material, utilizou-se a Teoria de Papel, tentando mostrar a relação entre, de um lado, a atitude de forte controle comportamental exercido pelos pais, e, de outro, o desejo de autonomia das filhas, constituindo-se, esses pólos opostos, em fonte geradora de conflitos.

De acordo com o material coletado, foram 4 as áreas - no âmbito das vivências mais significativas das jovens - de manifestação de conflitos: o namoro, o estudo, as bases financeiras e as amizades. Essas áreas passaram pelo crivo de duas categorias, elaboradas de acordo com a metodologia de Análise de Conteúdo utilizada. Ambas as categorias - percepção da existência do controle, e, reação a ele - referem-se à ação da jovem em relação aos pais.

Pôde-se constatar que as jovens percebem o controle exercido por seus pais, e este, constitui-se em fonte geradora de conflitos. No entanto, na sua maioria, elas não conseguem contrapor alguma reação efetiva a tal situação. Aquelas que reagem, na maioria das vezes são reprimidas em seu intento.

RÉSUMÉ

Titre: CONFLIT ENTRE PARENTS ET FILLES, DANS LA PERSPECTIVE
DES JEUNES-FILLES DE RECIFE.

Auteur: ÂNGELA MARIA BARBOSA NEVES

Etude des conflits dans les relations familiales, du point de vue des jeunes-filles, en ce qui concerne la relation avec leurs parents.

A été réalisée une Recherche Qualitative, qui comprenait une enquête, au cours de laquelle ont été interviewées vingt jeunes-filles, de quinze à vingt ans, habitant le Grand Recife et faisant partie au plan social et économique, des Secteurs Intermédiaires de la société.

Pour l'analyse des données, a été utilisée la Théorie de Papel, cherchant à montrer la relation entre, d'un côté, l'attitude de fort contrôle du comportement exercé par les parents, et, de l'autre, le désir d'autonomie des filles; ces deux pôles opposés devenant source de conflits.

A partir des données reçues, ont été constatés - pour ce qui regarde les manières de vivre les plus significatives des jeunes-filles - quatre secteurs de manifestation de conflits: le flirt, les études, les questions d'argent et les amitiés. Ces secteurs passent par le crible de deux catégories, élaborées en accord avec la méthode d'Analyse de Contenu utilisée. Les deux catégories - perception de l'existence du contrôle, et, réaction à ce contrôle - sont liées à l'action des jeunes-filles en relation à leurs parents.

Il a été constaté que les jeunes filles perçoivent le contrôle exercé par leurs parents, et que ce contrôle devient une source de conflits. Il faut aussi remarquer que, dans leur ensemble, elles ne réussissent pas à réagir à cette situation par le biais de réactions affectives. Celles qui réagissent, dans le plupart des cas, sont réprimées dans leur tentative.

ABSTRACT

Title: YOUTH AND FAMILIAR CONFLICT: DIVERGENCIES BETWEEN PARENTS AND DAUGHTERS, FROM THE PERSPECTIVE OF YOUNG FEMALE FROM RECIFE

Authoress: ÂNGELA MARIA BARBOSA NEVES

Studied familiar relationship conflicts, from the point of view of young female, exploring particularly the relationship between daughters and parents.

Is was a Qualitative Research, involving fieldwork. Twenty young female in the 15-20 years of age range, living in the Metropolitan Recife area, categorized socioeconomically as Intermediate Sectors, were interviewed.

Data were analyzed utilizing Role Theory, being evidenced, is one side, the strong attitude of behavioral control practiced by the parents; in the other side, as an opposite, daughters desire for autonomy was a generating source of conflict.

Regarding conflict manifestations, four areas were salient, according to the most meaningful recollections of the daughters: dating, study, financial bases, and friendships. These areas were studied within two categories, according to the Content Analysis methodology utilized. Both categories - existing control perception, and reaction to such control - refer to daughter's action in relation to parents.

It was evidenced that daughters are aware of the control exerted by their parents and that such control is a generating source of conflict. But, in the majority, daughters do not manage to interpose any effective reaction to such situation. Those who oppose themselves to the situation are, in the majority, repressed in their intent.

NOTAS EXPLICATIVAS

1- CONVENÇÕES

1. (...) = trecho omitido na transcrição por não ser pertinente ao assunto em apreciação.
2. ... = interrupção do discurso da própria entrevistanda; indecisão da entrevistanda.
3. () = explicação, sugestão, especificação, complementação ou correção da pesquisadora.
4. ' ' = inserção de citações ou discurso de terceiros ; trechos, expressões ou palavras, com significação especial aplicados ao contexto; neologismo, gíria, etc.
5. X, Y = substitutos (colocados no texto, pela pesquisadora) para omitir nomes e evitar identificação.
6. palavras sublinhadas = ênfase dada pela entrevistanda.

2- VOCABULÁRIO

7. 'tã, 'tavam, 'tava, = forma contraída da conjugação do verbo estar: estã, estavam, esta
'tarem, 'tou va, estarem, estou.
8. parente = substituto (colocado no texto, pela pesquisadora, quando necessário) para omitir os nomes de parentescos específicos; irmã/irmão, prima/primo, tia/tio, sobrinha/sobrinho, ou pessoa afim.
9. não sabe = expressão integrante da oração, que constitui uma indagação sobre a compreensão do interlocutor; equivale a "entendeu"?
10. pais = pai e mãe; genitores.

Í N D I C E

	Página
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - Marco referencial	05
1. Família	
1.1. Padrões de família	
1.2. Funções da família	
2. Papéis - Conflito de Papéis	
CAPÍTULO II - O processo vivido	23
1. O que estamos estudando	
2. Que jovens entrevistamos	
3. Que caminhos seguimos	
4. Como obtivemos os dados	
5. Como analisamos os dados	
CAPÍTULO III - A família no dia-a-dia	41
a) Composição das famílias e suas características econômicas	
b) Rotina familiar	
c) Relacionamento familiar	
CAPÍTULO IV - Principal área de manifestação de conflito: namoro	55
a) O fator tempo no namoro	
b) Padrões de namoro	
c) O binômio confiança-desconfiança	
d) O desafio chamado namoro	
e) Atitudes, valores e diretrizes educacionais dos pais	

/...

CAPÍTULO V	- Outras áreas de manifestação de conflito	95
	1. Estudo	
	2. Bases financeiras	
	3. Amizades	
CONCLUSÃO		120
BIBLIOGRAFIA		130
ANEXOS		134

I N T R O D U Ç Ã O

A nossa preocupação com o jovem vem de há muito tempo. Ao desempenharmos a nossa atividade profissional, na maioria das vezes com jovens, tentamos nos aprofundar em estudos relacionados com essa grande parcela da nossa população. Sendo o Brasil um país de jovens⁽¹⁾, intriga-nos o fato de haver tão poucos estudos relacionados à nossa juventude. No entanto, essa escassez de trabalhos e pesquisas é ainda mais marcante, se comparada ao número bem maior, daqueles relacionados à criança. Esse fato temnos levado a utilizar material estrangeiro, quer estejamos na posição de aluno, quer na posição de professor de qualquer disciplina relacionada com este tema.

De acordo com a nossa experiência profissional passada, fomos despertados para o significado do relacionamento entre o jovem e sua família, que, regra geral, apresentava-se conflituoso. Na tentativa de explicar esses conflitos, atribuía-se aos jovens grande parcela de responsabilidade pela existência deles.

A juventude é uma etapa característica de vida na espécie humana. Tanto o comportamento do jovem quanto o do grupo familiar, variam no seu modo de ser, em função da cultura e do grupo social ao qual eles pertencem. Em nossa cultura, a juventude se caracteriza como sendo um período de "crise emocional", de "instabilidade afetiva" .

(1) Segundo o censo de 1980, a percentagem de jovens brasileiros, de acordo com os grupos de idade, se distribuía da seguinte forma:

10 a 14 anos	- 11,38	} 27,91
15 a 19 anos	- 18,15	
20 a 24 anos	- 9,76	

Se considerarmos os jovens da faixa entre 15 e 24 anos, vemos que, em 1980, eles representavam já quase 28% da população do país.

Fonte: IBGE, 1981.

Logo, isto justifica, para muitas pessoas, o fato do jovem ser o responsável pelos conflitos entre pais e filhos. É preciso desmistificar esses estereótipos que recaem sobre a juventude, no que se refere à responsabilidade pela eclosão desses conflitos. Para isto, tentamos ouvir os jovens, para saber o que eles têm a dizer a respeito do relacionamento familiar. Se os conflitos existem, não poderão ser atribuídos apenas aos filhos, já que estes constituem apenas uma das partes envolvidas no relacionamento.

Neste trabalho interessa-nos especificamente detectar, dentro do repertório de comportamentos característicos do papel de filha jovem, que conflitos poderão estar existindo no desempenho desse papel. Tentaremos fazer em seguida, uma análise dos temas e das causas de tais conflitos, que se verificam em nossa cultura brasileira, patriarcal, com as suas especificidades próprias. Na nossa cultura, onde predomina a família conjugal ou nuclear, as ligações afetivas entre genitores e filhos são muito mais concentradas, o que tende a fazer aumentar a intensidade de conflitos durante a juventude. Na realidade, o jovem já desenvolveu todo o seu potencial intelectual, que, junto com sua capacidade de crítica, permite-lhe perceber a coerência ou incoerência dos valores e normas transmitidos até então pela família, o seu primeiro agente socializador.

Partimos do princípio de que o relacionamento juventude-família é freqüentemente difícil em nossa cultura, e se apresenta com características marcantes. Certamente a instituição familiar tem um papel importante, tanto na detonação e acentuação de dificuldades vividas pelos jovens, quanto na resolução dessas mesmas dificuldades.

Para a realização deste trabalho, optamos por fazer uma Pesquisa Qualitativa. E nisto utilizamo-nos de entrevistas, que se caracterizaram por permitirem atingir um nível maior de profundidade, e por possibilitarem que as entrevistadas participassem ativamente do processo, dirigindo a entrevista, como sujeito ativo da ação, e não como entrevistadas, passivas diante da direção da entrevista-

dora. Entrevistamos apenas 20 jovens, todas do sexo feminino, entre 15 e 20 anos, situadas num nível sócio-econômico classificado como "Setores Intermediários" da sociedade. Os resultados apresentados adiante, embora referentes apenas a este grupo, podem ser generalizados a uma grande parcela das jovens recifenses do mesmo nível sócio-econômico das entrevistadas. Estas, mostraram-se representantes significativas dos Setores Intermediários da população, apresentando entre si, em seus depoimentos, uma ampla faixa de comportamentos e atitudes efetivamente coincidentes.

Optamos por fazer um trabalho que, embora de abrangência limitada, do ponto de vista quantitativo, tivesse algo a ver com a nossa comunidade recifense. Preferimos uma pesquisa de campo, onde pudéssemos travar contatos com as pessoas, agentes concretos da realidade.

Pretendemos que este trabalho venha a ser útil, particularmente a algumas pessoas: a todos os jovens - eles e elas -, educadores e pais, e, em especial, a todas as mulheres. É mister uma tomada de consciência da situação da mulher em nossa cultura, para a realização de um trabalho político de libertação da mulher, de 'igualdade' entre os sexos. Em particular, assumimos o propósito de fazer voltar os dados desta pesquisa, às vinte jovens com que trabalhamos. O compromisso de retorno a essas pessoas, esteve presente até mesmo quando nos preocupamos com a linguagem escrita por nós utilizada.

Este trabalho, está dividido em seis capítulos. No primeiro e segundo, procuramos, respectivamente, explicar a teoria que orientou a nossa pesquisa, e o caminho que utilizamos para a sua realização. O capítulo III mostra, do ponto de vista das filhas, como vivem e como se caracterizam as famílias cujas jovens foram entrevistadas.

Nos capítulos IV e V, analisamos detalhadamente os temas, focos de conflitos entre filhas e pais. Iniciando com o namoro, que foi o principal tema e foco de conflito apresentado no capítulo IV, seguimos abordando, no

capítulo V, outros temas que também apareceram nos depoimentos, porêm com menos intensidade. Nestes dois capítulos procuramos analisar as causas subjacentes a tais conflitos.

Na conclusão, apresentamos o conjunto das idéias que, para nós, foram mais significativas, além das implicações que o trabalho acarretou.

CAPÍTULO I

MARCO REFERENCIAL

1. FAMÍLIA

1.1. PADRÕES DE FAMÍLIA

Grande parte da população humana vive em família, seja por ter nascido de um pai e de uma mãe - a família de origem-, seja formando uma outra, pela união de dois indivíduos, e seus possíveis descendentes - a família de reprodução. É ela uma instituição composta por indivíduos, que permanecem juntos por um determinado período de suas vidas, agregados quer por laços consanguíneos quer por aqueles de parentesco. De acordo com a época, o local, e de acordo com as diversas sociedades e classes sociais, a família foi adaptando seu modo de se estruturar, bem como de viver com maior ou menor intensidade suas relações sociais e os sentimentos daí decorrentes.

Autores como Goode (1969), Ariès (1978), Poster (1979), Canevacci (1981), Prado (1981), Corrêa (1982), realizaram estudos onde mostram a evolução dos padrões familiares: desde a sua forma poligâmica onde os cônjuges possuíam vários esposos ou esposas, até a sua forma monogâmica.

A monogamia caracteriza-se pela coabitação do casal. O homem, detentor do poder familiar, cria seus filhos de paternidade incontestada, e, através da estruturação dos direitos legais, torna-os seus herdeiros. Com a transmissão dos bens do casal para os filhos, desenvolveu-se na mente humana a idéia de propriedade privada. A monogamia não se constituiu numa forma de conciliação entre o homem e a mulher. Na realidade, a subordinação da mulher ao homem está presente neste padrão de família, e o que se verifica através da história é que, a monogamia foi imposta à mulher, mas nem sempre o foi para o homem.

A família monogâmica, é hoje, o modelo vigente nas sociedades ocidentais. Nosso padrão atual de família é, pois, o conjugal, nuclear, com fundamento no grupo formado pelo casal e seus filhos. Esta — a família conjugal —, se diferencia daquela conhecida como extensa, onde várias gerações viviam juntas, e acumulavam uma enorme massa de socialidade.

Este tipo familiar tradicional, a família extensa, foi predominante nas sociedades pré-industriais, marcadas por uma economia basicamente agrícola e comercial. A hierarquia familiar era muito rígida, baseada em diferenças de sexo e idade. Ao homem, chefe da família, cabia a autoridade moral e econômica sobre a mulher, filhos e empregados. Desta forma, esta era uma estrutura familiar patriarcal, não só pelo poder que o homem exercia sobre os outros membros da família, mas também pelo fato de que, os descendentes eram identificados pela origem paterna (patrilinearidade).

Os casamentos na família extensa se realizavam por decisão das duas famílias envolvidas, de acordo com os bens que possuíam e a camada social a que pertenciam. Após o casamento, os filhos moravam o mais próximo dos pais, às vezes até na mesma residência, em grandes propriedades, quando a família era abastada, ou, quando não, em residências contíguas. As reuniões eram freqüentes, e seus membros participavam de atividades em comum.

Já na família nuclear, a ênfase é dada ao vínculo conjugal, através do casamento, que assegura a vida em comum dos cônjuges e dos filhos que dessa união porventura venham a surgir. Tal casamento se dá após um processo de "livre" escolha entre os jovens. No entanto, nessa escolha, continua havendo uma interferência indireta por parte dos genitores. Segundo Goode (1969):

"Os jovens provavelmente devem casar-se tão-só com as pessoas pelas quais se apaixonam; e apaixonam-se apenas por pessoas que encontram. Assim, o foco do controle dos pais assenta-se na pessoa a quem se permite conhecer nas festas, na escola, na vizinhança, etc." (p.12).

A idade para o casamento varia, de acordo com a possibilidade de os jovens serem economicamente autônomos. Também fica a cargo deles a decisão quanto ao número de filhos que deverão ter, sendo dada uma ênfase maior ao planejamento familiar.

Outra característica dessa família é a neolocalidade, isto é, após o casamento o jovem casal passa a residir sozinho, numa nova residência separada de seus pais.

Esboçando um confronto entre os dois tipos de família acima, vemos que, o grande grupo de parentes que participava de todas as decisões na família extensa, fica excluído daquelas da família nuclear. No entanto, essa exclusão se dá apenas a nível de decisão, já que o relacionamento continua a existir com os pais, avós, tios, primos, etc. Esses parentes seguem tendo uma certa importância, na medida em que eles criticam, sugerem, opinam ou elogiam o modo de comportar-se dos membros da família nuclear.

Tal padrão de família continua sendo patriarcal, na medida em que o poder, a autoridade, o sustento e o controle financeiro estão nas mãos do homem. Este, na sua função de pai e marido, representa a autoridade máxima. Exceção concreta a isto é a ocorrência em algumas famílias, economicamente menos favorecidas, de a mulher vir a assumir a autoridade, o poder e o sustento econômico, em substituição ao homem; em tese, porém, essa exceção parece simplesmente confirmar a regra, pois, o que se observa é a substituição eventual da figura e do papel masculinos, na família em que o homem veio a faltar. Outrossim, não podemos esquecer que mesmo essas famílias estão inseridas numa cultura patriarcal, "que coloca como valores essenciais de um lado a supremacia do indivíduo do sexo masculino e do outro a inferioridade do indivíduo de sexo feminino..." (Belotti, 1979, p.14).

No entanto, Prado coloca que, nas sociedades antigas, baseadas num sistema patriarcal, a família extensa era o modelo de padrão familiar almejado sobretudo por aquela parcela da população que detinha o poder econômico ;

este modelo foi propagado e proposto como ideal pelos grupos economicamente dominantes. A outra grande parte da população se agrupava em células nucleares ou conjugais.

Fenômeno algo semelhante é apontado por Corrêa ao colocar que a antiga família extensa patriarcal brasileira foi o modelo vigente nas famílias abastadas, predominantes na zona rural, que viviam nas famosas "casas-grandes" dos senhores de engenho, descritas por Gilberto Freire; no entanto, foi um modelo que não existiu sozinho, já que alguns outros modelos estiveram presentes concomitantemente em nossa sociedade. Acrescenta que a distância entre a antiga família extensa patriarcal e a nuclear, no Brasil, não é tão grande, já que não se verificou, na nossa sociedade, nem a extinção completa da primeira, nem a institucionalização absoluta da segunda.

Diante disto, pode-se concluir que há vários padrões de família existentes concomitantemente em uma mesma sociedade, padrões esses que são diferentes, de acordo com as camadas sociais em que os indivíduos estão inseridos. Na realidade, não se pode falar em História da família como uma organização universal única, mas sim em História de cada tipo específico de família (Prado, p.71).

No que se refere à família brasileira atual, o ideal de família não varia nos diferentes grupos sociais. Esse ideal, que é veiculado em toda a sociedade, é expresso pela grande valorização dos laços afetivos, e pelas características de comportamento que se espera dos membros da família: responsabilidade econômica por parte do marido, responsabilidade doméstica e apoio afetivo por parte da mulher, obediência e respeito por parte dos filhos às orientações paternas. Mas, no plano concreto, há diferenças efetivas entre famílias brasileiras de diversas camadas sociais, cujas distinções foram apresentadas por Prado. Tais diferenças podem ser resumidas nos três tópicos a seguir:

(a) Entre a população de menor poder aquisitivo, as famílias são nucleares, e o casal não está ligado por laços legais; também se encontram famílias chefiadas por

mulheres:

(b) Na chamada classe média, a família tende a ser nuclear, e está imersa numa ampla rede de parentes co.

(c) Nos estratos conhecidos por classe alta, a família se conserva de forma mais "extensa" do que nos outros. A autoridade é patriarcal, cabendo ao homem o controle dos meios de produção, do patrimônio e da renda familiar.

No entanto, nas duas primeiras camadas sociais dentre as citadas, segue-se, ainda que de forma relativa, o modelo patriarcal da família da classe alta.

1.2. FUNÇÕES DA FAMÍLIA

A família é um importante instrumento de controle social, na medida em que desempenha quatro funções vitais à sociedade: reprodução, identificação social, socialização, e produção de bens. Mediante o desenvolvimento dessas funções, a família garante a perpetuação da sociedade. No trabalho em pauta, interessa-nos analisar a terceira dessas funções, a socialização.

Conceituamos socialização como sendo um processo que ocorre durante toda a vida, através do qual a pessoa aprende e interioriza os elementos do seu meio sócio-cultural, de forma que os integra à sua estrutura de personalidade. O processo de socialização é mais intenso durante a infância, quando a criança aprende e interioriza os valores e as normas da família e da comunidade. Berger e Luckman (1978) definem a socialização como "a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela" (p. 175). A interiorização implica algo mais do que simples aprendizagem, ou seja, o indivíduo assume o mundo no qual os outros já vivem. Ainda esses dois últimos autores definem a interiorização como sendo:

"... a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim " (p. 174).

A interiorização ocorre em circunstâncias carregadas de emoção, e ela só se realiza quando há identificação, ou seja, a criança se identifica com os "outros significativos".

A socialização é essencial para que a sociedade sobreviva e progrida, pois é através dela que se dá a transmissão dos padrões de comportamento de uma geração para a seguinte. No entanto, esse processo se dá ao longo da história do desenvolvimento do indivíduo, e é característico dos seres humanos. Consideramos aqui a família como o primeiro agente de socialização, a escola como o segundo. Um terceiro agente, o trabalho, é proposto por Canevacci.

É tarefa da socialização estabelecer controles comportamentais a cada geração. Falando a esse respeito, Berger (1978) coloca:

"Controle social é um dos conceitos mais utilizados em sociologia. Refere-se aos vários meios usados por uma sociedade para "enquadrar" seus membros recalcitrantes. Nenhuma sociedade pode existir sem controle social" (p.81).

Sem esses controles, a sobrevivência das sociedades humanas estaria ameaçada (Scheibe, 1974, p.7). Tais métodos de controle variam de acordo com o grupo social no qual o indivíduo está inserido, mas sabe-se que o controle é exercido na tentativa de enquadrar os membros do grupo, para que eles se comportem de acordo com as finalidades e o caráter do grupo (Berger, p.81).

São vários os meios de controle disponíveis a um grupo social. Desde a violência física, até aqueles mais sutis, como a moralidade, os costumes, as convenções, que de fato conseguem exercer pressão sobre os indivíduos. Grupos como a família, os amigos, são os principais agentes que exercem pressão e controle sobre seus membros. Em

tais grupos, os laços sociais são mais importantes, já que é neles onde se desenvolvem as ligações afetivas mais intensas. Através de mecanismos de desaprovação, perda de prestígio, desprezo, ridículo, esses grupos considerados primários exercem um efeito psicológico muito mais marcante que outros grupos.

Que mecanismos contribuem para que se efetue o processo da socialização? Scheibe afirma que a socialização é uma parte do desenvolvimento psicológico do homem; ela se efetua através de mecanismos, tais como: (a) a familiaridade com os estímulos sociais, (b) a imitação (considerada pelos modernos teóricos da aprendizagem social como o principal mecanismo da socialização), (c) introjeção de padrões civilizados (outra espécie de mecanismo de socialização descrito por Freud e por psicanalistas ortodoxos), e, (d) o desempenho de papéis. Este último, a partir de agora, será objeto de nossa análise.

2. PAPÉIS - CONFLITOS DE PAPÉIS

A teoria de papel tem suas origens nos trabalhos desenvolvidos por George Herbert Mead e seus colaboradores. Teve início na década de vinte, tomando "por empréstimo" a terminologia de papel da arte dramática. Definimos papel como sendo o padrão de conduta que se espera de uma pessoa que ocupa uma certa posição na hierarquia social. É o que Berger define como sendo "uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada" (p.108). Através do papel que desempenha, cada indivíduo é orientado para o modo como deve agir em determinados grupos e situações; o papel oferece, desta forma, um padrão de conduta da pessoa na sociedade. Tal padrão é definido pelo consenso dos membros do grupo, e se refere à expectativa que eles têm a respeito da conduta de cada indivíduo.

Na definição de papel dois aspectos são importantes e merecem ser destacados: a expectativa que os outros têm a respeito do desempenho do ator, e, o desempenho propriamente dito, ou seja, a maneira como ele age, como ele se comporta. Na prática, esses dois aspectos não se separam, pois o desempenho do papel é determinado fundamentalmente pelas expectativas dos outros em relação ao comportamento de um indivíduo. A esse respeito, Lane (1981) coloca que

"existem expectativas de comportamentos mais ou menos definidos e quanto mais a relação social for fundamental para a manutenção do grupo e da sociedade, mais precisas e rígidas são as normas que a definem" (p.15).

Essas expectativas são veiculadas por outros atores, que mantêm uma relação particular com o ator em questão. Esses outros atores se configuram como sendo os "outros significativos" para ele. Apesar de tudo isto, não desconhecemos o peso da individualidade no desempenho de papéis, mas, na realidade, "podemos fazer todas as variações que quisermos, desde que as relações sejam mantidas, is

to é, aquelas características do papel que são essenciais para que a sociedade se mantenha tal e qual" (Lane, p.14).

Os papéis são atribuídos muito cedo à criança; ela começa observando comportamentos de outros atores, interioriza-os e aos poucos vai desempenhando os seus próprios papéis. Guarda para si as impressões sobre os vários tipos de comportamento, e aprende a discernir em que ocasião deverá usá-los adequadamente. As primeiras pessoas, alvo de observação por parte da criança, são seus pais, irmãos, amigos, enfim os "outros significativos". São pessoas com quem se identifica emocionalmente, identificação esta necessária para que se dê o processo de interiorização dos elementos do seu mundo sócio-cultural; são pessoas com quem ela se relaciona com mais freqüência e profundidade, e que contribuirão, com suas atitudes, para a concepção que ela fará de si própria. Inicialmente ela aprenderá a representar papéis no seu grupo mais íntimo, que é a família; posteriormente aprenderá que esses papéis são relevantes, não só para a família, mas para a sociedade em geral.

Tanto na família, quanto em outros grupos sociais em que se insere, o ator incorpora e representa os seus papéis praticamente de forma irrefletida, não planejada. Só em raras ocasiões esse processo é feito de modo deliberado, implicando em reflexão. Reforçando o caráter irrefletido deste processo, Berger coloca que "o excepcional é o homem que reflete sobre seus papéis" (p. 111). O papel dá forma às ações e ao ator; contém em si ações, emoções e atitudes.

Os papéis existem e são definidos pela sociedade a que pertencemos, assim como a nossa história de vida é fundamentalmente determinada pelas condições históricas do nosso grupo social. A sociedade cria os papéis para que se reproduzam as relações sociais e de produção, as condições materiais de vida, estabelecendo assim a sociedade de classes, onde alguns dominam e muitos são dominados, através da exploração da força de trabalho.

Cada pessoa representa vários papéis, isto de acordo com as situações e os grupos sociais aos quais pertence. No entanto, a estrutura de interação entre os papéis varia de pessoa para pessoa, de acordo com suas idiosincrasias.

Há uma estreita relação entre papel e identidade. À medida que a criança for assumindo seus papéis, vai formando sua identidade. As atividades lúdicas na infância (jogo de papéis), permitem que ela vá diferenciando o seu eu daquele dos outros. Os papéis sexuais possibilitam que ela se perceba com uma identidade masculina ou feminina. O reconhecimento social do seu desempenho de papéis, virá consolidar sua identidade social, ou seja, o modo como ela se vê e se define na sociedade. Logo, assim como o papel, a identidade não é algo pré-estabelecido, ela é atribuída socialmente, e via de regra, também se forma de modo irrefletido. Tanto a identidade social quanto os papéis,

"exercem uma mediação ideológica, ou seja, criam uma "ilusão" de que os papéis são "naturais e necessários", e que a identidade é consequência de "opções livres" que fazemos no nosso conviver social, quando, de fato, são as condições sociais decorrentes da produção da vida material que determinam os papéis e a nossa identidade social" (Lane, p.22).

É mister um trabalho de questionamento dos papéis já cristalizados. No entanto, tal trabalho torna-se difícil, já que esses papéis são mantidos por instituições, que procuram "a"nular ou amenizar os questionamentos e ações de grupos, em nome da "preservação social" (Lane, p.24). E uma dessas instituições, é exatamente a família.

Interessa-nos ver agora como se dá o desempenho de papéis dentro da família. Os papéis de esposos, pais e filhos são fixados por atribuições na família e na sociedade. Como pais, os atores devem iniciar a socialização dos seus filhos, e exercer um controle social sobre eles, tanto dentro quanto fora da unidade doméstica.

Em relação aos filhos e filhas jovens, cons

tata-se que os papéis por eles desempenhados estão inseridos numa seqüência de papéis, que sucedem ao papel de criança e precedem o de adulto. Falando sobre isto, Rocheblave-Spenlé (1975) afirma que:

"Em todas as sociedades, tal papel não é dado em si mesmo, mas depende estreitamente dos modelos sociais que definem o da criança e dos que definem o papel a atingir, o de adulto" (p.124).

A esse respeito cabe-nos observar que, em algumas famílias, o papel do jovem não está bem definido; ora alguns dos seus comportamentos são considerados como fazendo parte do repertório de papéis da criança, ora, do repertório do adulto. Para a assunção de algumas atitudes, ele é considerado muito "novo", devendo esperar para tomá-las quando se tornar mais adulto; já para outras atitudes, é considerado muito "crescido", devendo assumi-las e arcar com responsabilidades. Desta forma, torna-se difícil, às vezes, a compreensão e a aceitação dos padrões que orientam sua conduta. Esta pode se tornar uma situação conflitiva para o jovem.

Para que uma situação seja conflitiva, é necessário a existência de pelo menos duas forças que se confrontem, e que contenham em si próprias seu princípio de ação. Tais forças implicadas no conflito são reativas, isto é, cada uma age sobre a outra de forma autônoma. Logo, o conflito é o estado em que se encontra um indivíduo submetido à ação de duas ou mais forças que se confrontam, de exigências contraditórias ou motivações incompatíveis.

O conflito pode se dar a nível inter-subjetivo e intra-subjetivo. No primeiro nível, o conflito ocorre entre duas ou mais pessoas e as forças de confronto são externas; a tensão se dá entre o indivíduo e os outros. Já no conflito intra-subjetivo, o confronto se dá entre forças dentro do próprio indivíduo, a tensão é interna, o choque é da pessoa consigo própria. Na prática, fica difícil separar esses dois níveis de conflito, já que, para a maioria das pessoas, os dois ocorrem simultaneamente, se entrecruzam de

um modo muito dinâmico. Rocheblave-Spenlé (1974) coloca ainda que tanto o conflito consigo próprio, quanto o conflito com os outros, são condições indispensáveis e necessárias para a tomada de consciência existencial. Continua ela afirmando que,

"O mundo só é vivo na medida em que é problemático, e nós mesmos só temos consciência de nós na medida em que estamos divididos. Consciência e conflito são, assim, indissociáveis..." (p.20).

A psicologia clínica tem feito análises exaustivas a respeito do conflito intra-subjetivo, da pessoa com ela mesma. Já os conflitos inter-subjetivos, entre pessoas, têm sido reservados à psicologia social. É no estudo desta última que nos deteremos para fundamentar, no presente trabalho, a análise dos dados obtidos em nossa pesquisa.

Em determinados grupos sociais, o indivíduo pode encontrar-se diante de expectativas divergentes e até mesmo contraditórias por parte dos membros do grupo, expectativas essas, dirigidas ao indivíduo que desempenha um papel. Tal situação, definida como conflito de papéis, se caracteriza pela existência de dois ou mais conjuntos de pressões atuando sobre uma mesma pessoa. Essas pressões se originam em múltiplas expectativas, diferentes e inconciliáveis, que se têm acerca de um comportamento específico.

Existem três tipos básicos de conflitos de papéis. O primeiro deles se caracteriza como um conflito dos grupos de referência. Estes, são grupos em função dos quais a pessoa orienta a sua ação. Oferecem um modelo para o qual ela direciona o seu comportamento. Uma pessoa pode pertencer simultaneamente a vários grupos, e cada um deles possuir um conjunto de normas, valores e comportamentos que são considerados apropriados por seus membros e que recompensam os indivíduos que os adotam. Alguns desses grupos podem exercer seu controle de modo mais sutil, fornecendo um quadro de referência através do qual o ator pode avaliar suas próprias atitudes e reações, comparar, julgar, e decidir sobre suas opiniões.

D. J. Bem (1973) coloca que há uma inter-relação entre o indivíduo e seus grupos de referência. Frequentemente cada pessoa escolhe seus grupos na medida em que eles compartilham de suas atitudes; e o inverso é verdadeiro, ou seja, os grupos de referência ajudam a desenvolver e assegurar as atitudes dos indivíduos. Afirma que, se o grupo mudar seu "espírito", provavelmente também o indivíduo o fará. Na realidade o grupo de referência oferece óculos ao indivíduo, com que ele percebe o mundo ao seu redor. Confirmando isto, Berger coloca que a força do grupo é tão grande, que a sua opinião pode modificar até a percepção de objetos físicos do mundo que cerca o indivíduo.

Tais grupos podem ser tanto aqueles nos quais o indivíduo esteja participando efetivamente, como aqueles aos quais almeja pertencer. No conflito de grupos de referência, o indivíduo desempenha papéis diferentes, em diferentes esferas institucionais, cujas orientações se apresentam conflitivas para o ator. Esta situação conflitiva aparece com frequência para o jovem, quando, por exemplo, ele se encontra diante de orientações e expectativas divergentes por parte do seu grupo familiar, e em relação ao seu grupo de amigos. A esse respeito, Bem acrescenta:

"Assim, a crença de que os pais perdem na competição entre os grupos de referência é apenas em parte verdadeira. Em nossa sociedade, o ambiente do lar ainda parece ser o mais importante agente socializador, mesmo que os pais sejam incapazes de reconhecer o produto final" (p.150).

O segundo tipo básico de conflito de papéis ocorre quando, em um mesmo grupo, o indivíduo representa diversos papéis através dos quais se relaciona diferentemente com os outros elementos do grupo; esses atores, os "outros significativos", veiculam expectativas em relação ao comportamento do ator em questão, que são incompatíveis, e isto provoca uma situação conflitiva. A pessoa se encontra em conflito, sem saber a que expectativas deve responder. Exemplo desta situação se dá quando, em uma família, um jovem desempenha os papéis de filho e de irmão. Tan

to seus pais, quanto seus irmãos, podem ter expectativas diferentes e divergentes, quanto ao seu modo de agir em situação específica. Rocheblave-Spenlé (1974) afirma que, uma maneira diplomática de o indivíduo resolver esse conflito, consiste em colocar essas duas forças contraditórias frente a frente, levando-as a confrontar-se. Mostra que, desta forma, o conflito que poderia estar a nível interior, é colocado no exterior, onde o sujeito ficará como espectador (p.115).

Vejamos o terceiro tipo de conflito. Trata-se de uma situação, apresentada por Salem (1980) como geradora de conflito. Em tal situação expectativas conflitantes ou ambivalentes, por parte de uma mesma pessoa, são depositadas sobre um ator, no desempenho de um único papel. O ator fica confuso quanto à mensagem que recebe: algumas normas e valores são apresentados como legítimos, ao mesmo tempo em que outros, opostos aos primeiros, também assim são considerados. Podemos ilustrar essa terceira situação, mostrando o conflito vivido pelo filho, no qual recaem expectativas ambivalentes ou conflitantes por parte de um só dos seus genitores. Um pai que tem expectativas divergentes, em relação ao desempenho de um determinado papel por parte de seu filho, o deixará em conflito.

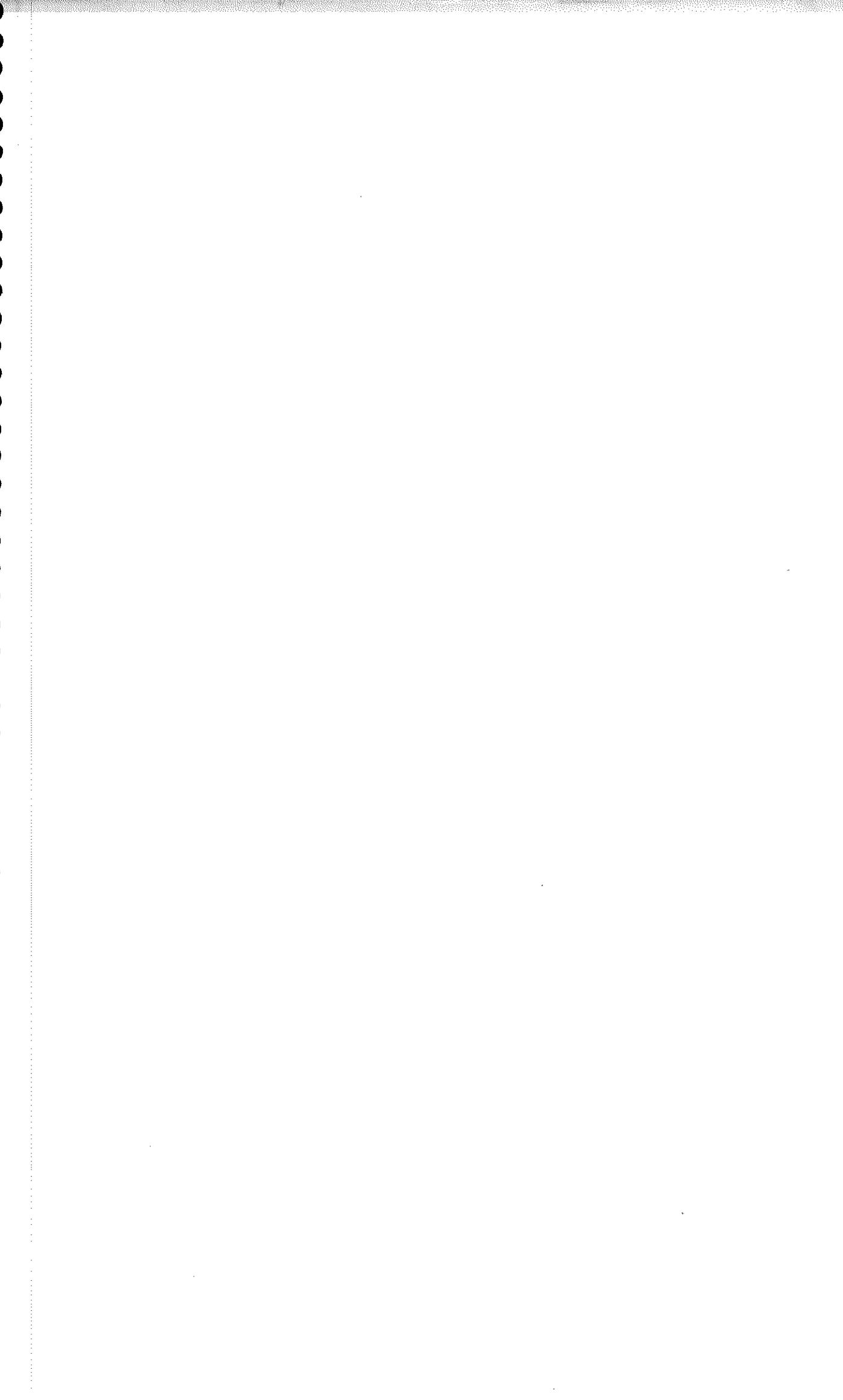
As três situações conflitivas analisadas, tiveram suas origens em expectativas conflitantes e ambíguas. No desempenho de papéis é de fundamental importância "aquilo que os outros esperam do ator". Na vida cotidiana, as pessoas vivem de acordo com os reconhecimentos e não-reconhecimentos por parte dos outros, ou seja, em função das expectativas alheias. Para Berger, as pessoas quase sempre desejam aquilo que a sociedade espera de cada um; geralmente querem desempenhar os papéis que a sociedade lhes atribui. A sociedade determina não só o que fazemos, mas o que somos (p.107).

Alguns conflitos surgem com maior intensidade durante a juventude. Neste período, o jovem questiona os valores e as normas que lhes são apresentadas pela família, como também passa a questionar os "outros significativos". E assim age porque, além de já possuir experiências sociais

e condições intelectuais para isto, ele se vê diante de outras alternativas, outra visão de mundo, que colocam em confronto até mesmo os seus valores mais arraigados. Associado a isto, há o fato de que, o controle exercido sobre o(a) filho(a) é grande. E quando esse controle se torna mais forte, exacerbado, propicia a eclosão de situações de conflito; este, pode ser de natureza pessoal - intra-subjetivo -, ou social - inter-subjetivo. Sabe-se que, nem todo conflito é gerado em decorrência de tal controle. No entanto, no presente trabalho, onde analisamos os conflitos inter-subjetivos entre filhas e pais, o controle exacerbado como fonte geradora de conflito é um fato amplamente evidente. Note-se ainda que, esse controle exacerbado dá lugar a algumas situações aparentemente não-conflitivas, do ponto de vista social, mas que, numa análise mais profunda e precisa, serão decididamente classificadas como situações de conflito intra-subjetivo. Que o controle deva existir dentro da família, ou em qualquer outro grupo social, temos que admitir. No entanto, o que é questionável é que ele se revista de muito rigor, exacerbe-se, e isso ocorre, quando o controle se processa com algumas características, tais como:

- sendo taxativo e inapelável;
- sendo imposto;
- desconhecendo a opinião do outro;
- sem que tenha sido precedido de preparação adequada: instrução e educação;
- sem acatar a soberania do diálogo - diálogo mesmo - entre pais e filhos;
- quando não visa, mediante si próprio, a preparação para a autonomia e para a assunção das responsabilidades pessoais, por parte dos dependentes;
- num grau bastante elevado, a ponto de incomodar grandemente o subalterno.

O controle surge em decorrência da expectativa dos pais em relação aos papéis que deverão ser desempenhados pelos filhos. No caso específico das filhas, tais papéis são marcados por atitudes de dependência e obediência, isto é, de



submissão.

Cada cultura desenvolve um tipo de relação entre pais e filhos(as). No caso da nossa cultura, desde cedo a criança é totalmente dependente dos pais. Desde a infância, o processo de desenvolvimento e amadurecimento emocionais está intimamente ligado à passagem gradual da dependência para a autonomia. A necessidade psicológica do(a) jovem sentir-se independente, autônomo(a), é fundamental para o seu desenvolvimento emocional; é a partir dessa exigência que ele(a) poderá alcançar novos níveis de maturação emocional, que impliquem em ser capaz de tomar decisões, fazer escolhas, ser responsável, enfim, ter uma postura adulta. Quando a família tenta impedir, de certa forma essa passagem - da dependência para a autonomia -, através de um forte controle sobre o comportamento dos (as) jovens, eclodem os conflitos. Como se explica tal comportamento por parte da família? Na realidade, o temor de perder o controle e a autoridade sobre os (as) filhos (as), abala a confiança e a segurança dos pais em si próprios e no poder que possuíam, a ponto de apelarem para atitudes de autoritarismo, que envolvem até mesmo a repressão. A dependência por um lado, e o autoritarismo por outro, ambos, são decorrentes de um mesmo esquema de controle familiar. Como reação, os (as) filhos (as) questionam os valores e as normas que estão subjacentes a tais controles, e tentam reagir a eles. Trava-se, desta forma, uma verdadeira luta entre pais e filhos, que se caracteriza como sendo uma luta de poder (Lane). Para Maldonado (1981), autora brasileira tal como a anterior, há fatores significativos que contribuem para a existência dos conflitos. Dentre eles, sublinha a distribuição de poder entre os membros de um grupo, ou, como no caso específico, da família. Vejamos as suas colocações a esse respeito:

"Vê-se, portanto, que há fatores fundamentais responsáveis pela inevitabilidade dos conflitos: as diferenças de necessidades, atitudes, pontos de vista e desejos entre as pessoas, e a ativação de vivências humanas básicas nos vínculos mais significativos. Outro fator relevante na existência e no manejo dos conflitos é a distribuição de poder

no relacionamento. Podemos dizer que o modo de resolver conflitos que surgem depende da distribuição do poder (...)" (p. 126).

É a família o espaço social onde se verificam as primeiras aprendizagens de papéis, onde as gerações se confrontam mutuamente, onde se dá a divisão de papéis baseada nas diferenças sexuais e relações de poder.

Podemos resumir todo o exposto até agora, da seguinte forma:

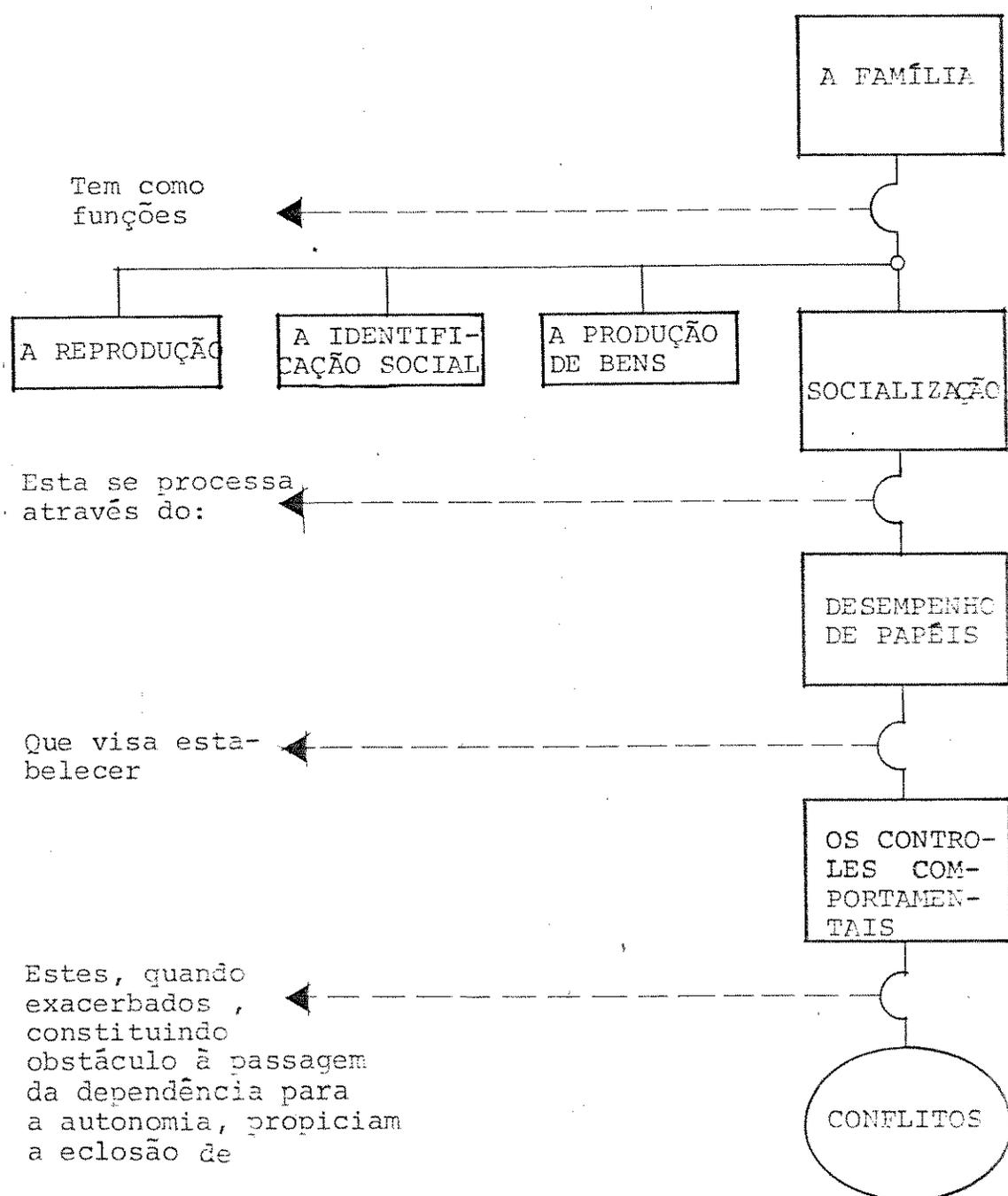


Figura 1. Processo de geração de conflitos entre filhos(as) e pais

O esquema ora apresentado mostra que é a socialização uma das funções da família; tal função se processa através de mecanismos, tais como, o desempenho de papéis. Os papéis são assimilados desde muito cedo pela criança, de forma que ela aprende a se comportar de acordo com os pa-drões e as normas sociais vigentes. Desta forma, passa a fa-mília a estabelecer controles comportamentais, que, quando exacerbadados, constituindo obstáculo à passagem da dependên-cia para a autonomia, propiciam a eclosão de conflitos que repercutem no relacionamento entre filhos(as) e pais, dete-riorando-o.

CAPÍTULO II

O PROCESSO VIVIDO

Para a realização deste trabalho, partimos da definição do problema que iríamos estudar, e, quase simultaneamente, da escolha dos "Sujeitos" que pesquisariamos. Em seguida, já com esses dois itens decididos, optamos por uma metodologia que orientasse o nosso trabalho de campo, e pelos procedimentos que utilizaríamos na coleta e na análise dos dados.

Passaremos agora a explicitar, mais detalhadamente, esses cinco passos, seguidos por nós desde o início até a conclusão do nosso trabalho.

1. O QUE ESTAMOS ESTUDANDO

Ao partir para pesquisar sobre a jovem, tínhamos em mente que se tratava de um estudo árduo, pela carência de dados por nós enfrentada a esse respeito. No entanto, sentimos necessidade de levar em frente a empresa, já que é grande a probabilidade de continuarmos desempenhando a nossa prática profissional com jovens, quer seja a nível de magistério, quer seja em nosso trabalho como psicóloga.

Pretendíamos com este estudo contribuir com mais um trabalho, para juntar aos poucos que nós conhecemos, a respeito do jovem, especialmente da jovem brasileira. Poderá ser útil para um maior conhecimento a respeito da juventude, beneficiando assim tanto alunos que cursam disciplinas ligadas a este tema, como também profissionais, familiares, e leigos que se relacionam com jovens ou que com eles trabalham. Mas este trabalho deverá servir, principalmente, ao próprio jovem, como uma fonte de compreensão e de informação a respeito das experiências vividas por seus iguais, que muitas vezes espelham as suas.

Interessa-nos, especificamente, estudar as vivências conflitivas nas relações familiares entre filhas e pais, especialmente do ponto de vista das filhas jovens; analisar como elas vivenciam os conflitos entre elas, filhas, e seus genitores; perceber que dificuldades enfrentam no desempenho de seus papéis no seu grupo doméstico. É uma tentativa de estudar as relações humanas na família, vistas pela ótica de uma das partes envolvidas.

Inicialmente pensávamos em estudar o conflito nas relações familiares, do ponto de vista de pais, filhos e filhas; em seguida resolvemos entrevistar apenas filhas. Essa opção se deu por motivos de ordem prática, devido a questões de tempo, falta de recursos financeiros e humanos para a realização de um trabalho mais vasto e diversificado. Da nossa parte, como mulher, sentíamos-nos engajadas na problemática específica da jovem, ao mesmo tempo em que constatávamos maior abertura por parte dela para conosco, durante os contatos prévios e as entrevistas. Sentíamos necessidade de empreender estudos que possibilitassem mostrar a verdadeira situação, que ainda hoje persiste, de submissão e dependência da mulher em relação ao homem. Tal situação torna-se mais acentuada se a mulher ocupa a posição de filha, já que o controle do pai, direta ou indiretamente, inclusive através da mãe, se exerce, de modo mais forte, sobre as jovens. Pode-se dizer até mesmo que chegamos a nos identificar com algumas situações vividas por elas.

Nem sempre a jovem teve oportunidade de atingir os veículos de comunicação para se fazer ouvir, e poder se expressar. Pretendíamos que este trabalho se prestasse também a tal objetivo. Cremos que é preciso ouvir a jovem para saber o que ela nos tem a dizer a respeito das relações humanas, e dos conflitos nessas relações, no contexto familiar.

2. QUE JOVENS ENTREVISTAMOS

As jovens abordadas nesta pesquisa formavam uma amostra "possibilista"⁽¹⁾ homogênea, com requisitos pré-determinados bem definidos. Essas pessoas deveriam apresentar as seguintes características:

- a) Sexo: feminino.
- b) Idade: de 15 a 20 anos.
- c) Estado Civil: solteira.
- d) Escolaridade: estudante de 1º, 2º ou 3º grau, matriculada e cursando.
- e) Origem geográfica: pessoa que viveu a maior parte de sua vida em área urbana da Região Nordeste.
- f) Residência: deveria residir com a família nuclear (pai, mãe e irmãos); esta deveria estar radicada, há mais de cinco anos na Região Metropolitana do Recife⁽²⁾.
- g) Etnia: pessoas de pele predominantemente branca.
- h) Religião: católica de batismo, não sendo necessário ser praticante.
- i) Posição sócio-econômica: o indicador deveria ser a profissão do pai; este deveria pertencer aos Setores Intermediários da sociedade, que são formados por dois grupos: o dos Autônomos, que engloba profissionais liberais e pequenos empresários; e o dos Dependentes, constituído

(1) A amostra "possibilista" distingue-se da amostra "probabilista", pelo fato de ser intencional, enquanto que esta última é aleatória.

(2) Região composta pelos municípios de: Cabo, Igarassu, Itamaracá, Jaboatão, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata.

Fonte: Governo do Estado de Pernambuco-Secretaria de Planejamento - FIDEM- Região Metropolitana do Recife, Plano de Desenvolvimento Integrado, Recife, 1976.

de funcionários e empregados.

- j) Relação entre as entrevistadas: elas deveriam ser desconhecidas entre si.
- l) Relação com a entrevistadora: as entrevistadas deveriam, preferencialmente, desconhecer a entrevistadora, não fazendo parte do seu grupo de amigas ou conhecidas.
- m) Número de entrevistadas: não pôde ser estabelecido inicialmente. Foi definido no decorrer do processo de pesquisa, ao surgirem, durante as entrevistas, as características "invariantes", ou seja, a repetição de alguns conteúdos que apareceram na maior parte das entrevistas. O confronto dos "invariantes" foi feito com o próprio referencial do grupo.

Quanto à necessidade das entrevistadas serem desconhecidas entre si, evitava-se desta forma que houvesse interferência das respostas de umas sobre as das outras, ou mesmo troca de impressões pessoais que pudessem comprometer o teor da autenticidade e originalidade das respostas.

Quanto à faixa etária, selecionamo-la a partir de dois critérios; um, de ordem pessoal e outro, de ordem teórica. Com relação ao primeiro, sentíamos mais segurança e facilidade em estabelecer um "rapport" com jovens de 15-20 anos já que tivemos, no passado, experiência profissional com alunas de 2º grau e com aquelas recém ingressadas na universidade. Quanto ao critério de ordem teórica, fundamentamo-nos para tal escolha nos estudos da autora francesa, Anne-Marie Rocheblave-Spenlé (1975), a qual concorda com muitos autores que definem a adolescência, como caracterizada por dois períodos: (a) o primeiro, marcado por fenômenos de oposição, de desequilíbrio, considerado como uma fase negativa que se estenderia, mais ou menos, entre os 12 e 16 anos; (b) o segundo, que se iniciaria aproximadamente aos 16 anos e terminaria aos 21, caracterizando-se por ser

um período de afirmação: é a idade juvenil (p.19). Consideramos este período de afirmação, a idade juvenil, como o mais significativo para a realização de um trabalho com o tema que nos preocupa.

No que se refere à residência, requereu-se que as jovens selecionadas deveriam residir, com sua família nuclear (pai, mãe e irmãos). Ocasionalmente entrevistávamos aquelas jovens que possuíssem pais separados ou que fossem órfãs, desde que morassem com um dos genitores.

Pesquisamos em Recife, por ser este o nosso local de origem, bem como centro de nosso desempenho profissional. Fizemos questão de realizar um trabalho que estivesse comprometido com as pessoas dessa região.

Quanto aos critérios de etnia e religião, foram elaborados diante da necessidade de compormos uma amostra bastante homogênea, a fim de evitarmos discrepâncias irreconciliáveis nos resultados obtidos nas entrevistas. Seria muito difícil manter a homogeneidade do grupo, se introduzíssemos pessoas de diferentes grupos étnicos ou religiosos. Já que o número de entrevistas dependeria do confronto dos "invariantes" no próprio grupo de referência, qualquer elemento que viesse a quebrar a homogeneidade do grupo, implicaria na formação de um outro grupo, com outras entrevistas, onde se poderia observar a existência, ou não, de novos "invariantes". Não tivemos nenhuma intenção de segregar, ainda mais do que já o são em nossa sociedade, as "minorias"⁽³⁾ de cor predominantemente negra ou de outras religiões que não a católica.

(3) Minoria: expressão usada pela sociologia para definir um grupo de pessoas - diferentes de outras da mesma sociedade devido a sua raça, língua, religião, ou nacionalidade - que se considera e que é considerado um grupo diferenciado, com conotação negativa.

Fonte: Enciclopedia internacional de las ciencias sociales; dirigida por David L. Sills. Madrid: Aguillar, 1975, vol. 7.

Para o critério da posição sócio-econômica, o indicador deveria ser a profissão do pai ou ainda da mãe, se esta fosse o "cabeça do casal". Para complementar tal informação, utilizamo-nos, nos instrumentos de pesquisa, de questões relativas à situação financeira da família. No entanto, de fato foi a profissão do pai o principal indicador para a seleção das pessoas a serem entrevistadas.

Para a classificação do nível sócio-econômico, utilizamos a tipologia de estratificação social proposta por Darcy Ribeiro (1979) para a América Latina. Mostra ele a oposição básica entre as classes dominantes e as subordinadas, e desdobra essas duas classes em quatro estratos superpostos, segundo suas posições no processo produtivo e nas situações de poder.

A figura, a seguir, mostra o relacionamento entre as diversas classes.

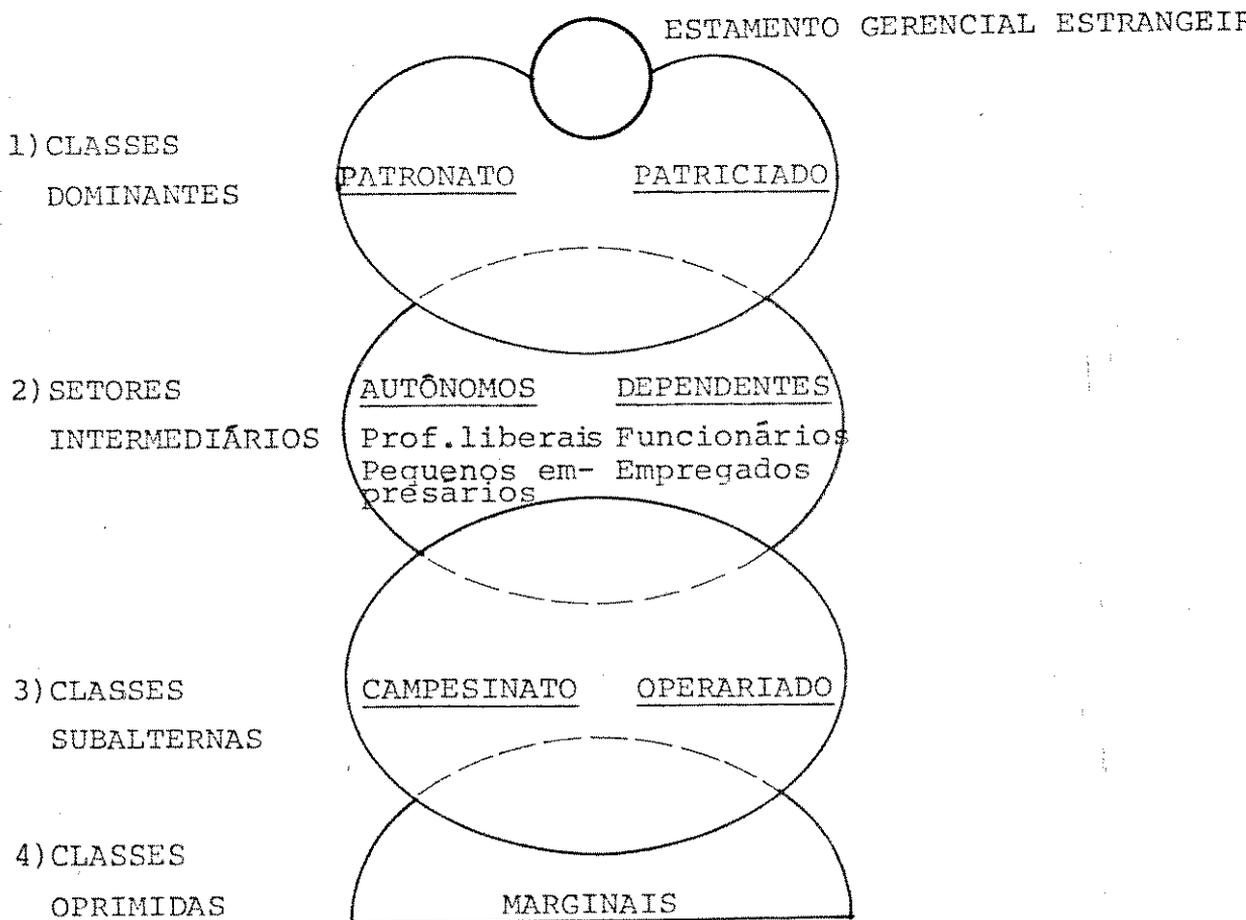


Figura 2. Diagrama da estratificação social latino-americana (segundo Darcy Ribeiro, 1979)

Esses quatro estratos superpostos, apresentados na figura 2, assim se distribuem: (1) Na cúpula da estratificação social encontram-se as Classes Dominantes, compostas pelo Patronato, o Estamento Gerencial Estrangeiro, e o Patriciado estatal e civil. (2) Logo abaixo, seguem os Setores Intermediários, formados por um segmento de Autônomos, que são os profissionais liberais e pequenos empresários, e por um segmento de Dependentes, constituído de funcionários e empregados. (3) Em seguida, as Classes Subalternas, compostas pelo Camponato e pelo Operariado, e (4) na parte inferior, estão as Classes Oprimidas ou infrabaixas dos marginalizados (p. 64 a 70).

O nosso interesse se concentrava no estrato dos Setores Intermediários, tanto no seu segmento de Dependentes quanto no de Autônomos. Tentando aplicar essa tipologia de estratificação social na Região Nordeste, não tivemos dificuldades em classificar os Dependentes, já que se tratava de funcionários e empregados. No caso dos Autônomos, foram facilmente identificáveis os profissionais liberais, enquanto que para os pequenos empresários, houve necessidade de estabelecermos alguns parâmetros, a respeito do que seria uma pequena empresa na Região Nordeste. Depois de diversas consultas a oito órgãos em Recife, conseguimos chegar aos seguintes resultados:

- a) Pequena empresa no comércio e serviços : aquela que possui até 50 empregados, e um faturamento anual de até 5.000 (cinco mil) MVR (maior valor de referência);
- b) Pequena empresa no setor da indústria : aquela que possui até 100 empregados, e um faturamento anual de até 20.000 (vinte mil) MVR⁽⁴⁾.

Na prática do nosso trabalho, utilizamos apenas o critério do número de empregados para classificar uma pequena empresa, já que não teríamos condições de obter informações a respeito do seu faturamento anual.

(4) Informação obtida verbalmente na secretaria do NAI - Núcleo de Assistência Industrial, sediado em Recife.

3. QUE CAMINHO SEGUIMOS

Ao partir para o estudo das vivências de relacionamento conflitivo entre as jovens e seus genitores, questionávamos, entre as diversas estratégias de trabalho, qual delas poderia ser utilizada, que melhor nos orientasse para a realização de nossa pesquisa. Pela própria delicadeza do tema em estudo, pela necessidade de descermos a uma certa intimidade com as entrevistadas, optamos por uma metodologia de Pesquisa Qualitativa. Pretendíamos captar as experiências conflitivas vividas pelas jovens, de forma global, dentro do seu contexto social mais amplo. Era a Pesquisa Qualitativa a que melhor se aplicaria à realização de tal tarefa. Tanto a quantitativa, como a qualitativa, constituem, apenas, estratégias para se conhecer e entender determinadas situações.

Uma afirmação de Kitwood nos orientou durante o trabalho de campo:

"A ciência do homem deve atribuir-lhe a plena posse dos poderes pessoais. Em relação a valores deve trabalhar com uma concepção do respondente, segundo a qual ele é ativo, perceptivo e autônomo em situações de pesquisa" (p. 225).

A Pesquisa Qualitativa é um método de trabalho que permite uma compreensão interior e exterior profunda do comportamento humano, através da interpretação de mundo e perspectiva de cada pessoa. Stake (1982), falando sobre tal metodologia de trabalho, diz que ela ainda é pouco utilizada. Dá bastante ênfase à necessidade de algumas pesquisas educacionais se tornarem mais subjetivas, e continua afirmando:

"Nossa pesquisa deve repousar mais em experiências e significados pessoais enquanto dados e na observação participante e introspecção, enquanto procedimentos metodológicos" (p.46).

Considerando-se um adepto da pesquisa qualitativa, opõe-se ao pensamento "impuro", e assinala a necessidade de a pesquisa ser cautelosa, deliberativa, ponderada e precisa. A preocupação com a precisão, em algumas pesquisas educacionais, muitas vezes tem predominado sobre o relato de percepções e significados pessoais; no entanto, esse autor coloca que prefere sacrificar um pouco dessa precisão para coletar e compreender dados mais subjetivos.

A respeito da subjetividade na pesquisa de campo, Teresa Pires do Rio Caldeira (1980) concebe que o conhecimento nas ciências sociais é obtido através de uma relação entre pessoas, com um componente de subjetividade, e que todas as atitudes de uma pessoa durante a entrevista, têm reflexos na outra. Mostra que as recomendações de distanciamento e de assepsia indicadas pelos manuais de pesquisa de campo, não obtêm os resultados delas esperados, ou seja, não-interferência, objetividade. A respeito da aplicação da metodologia das ciências exatas às ciências sociais, faz a seguinte colocação:

"Talvez fosse mais saudável e produzisse resultados mais efetivos se os cientistas sociais, ao invés de ficarem pedindo desculpas e tentando acertar as contas com a metodologia e os procedimentos das ciências exatas e com a objetividade e a exterioridade que lhe são possíveis, admitissem de maneira mais contundente que a natureza de seu objeto de estudo é outra e que, portanto, os procedimentos de pesquisa devem ser outros. (...)

O que imagino que pode consistir na especificidade, na originalidade do método de pesquisa de campo em ciências sociais é exatamente o fato de o pesquisador utilizar a si mesmo como um instrumento de pesquisa e uma fonte de observação. É o considerar, por exemplo, que as situações que ele pode provocar e as emoções e sensações que sente são importantes fontes de informação" (p.19).

O reconhecimento da importância da subjetividade na Pesquisa Qualitativa tem sido apontado como per -

tencente à tradição "VERTEHENDE", ou "compreensão interpretativa". A afirmação central desta abordagem é a de que, para se compreender a vida social, é necessário focalizar o fenômeno não de forma isolada, mas no contexto mais amplo em que ele se insere e adquire significado (Kitwood, p.224). Realizando-se um estudo, dentro desta abordagem, a respeito do homem, é possível uma análise de maior profundidade vertical. Valorizam-se os sentimentos, vivências, experiências, e percepções do indivíduo; tudo isto não é considerado isoladamente, e sim em relação com o mundo que cerca a existência das pessoas. Essa abordagem da "compreensão interpretativa" "vertehende", é instrumento fundamental na Pesquisa Qualitativa.

Concluindo, podemos dizer que a metodologia de Pesquisa Qualitativa parte de dois princípios fundamentais: 1º) o comportamento humano é fortemente influenciado pelo contexto, pelo ambiente natural em que o homem está inserido; 2º) é impossível entender o comportamento do homem fora do seu quadro de referência, dentro do qual ele pensa, sente e age.

4. COMO OBTIVEMOS OS DADOS

Partimos para a realização de nossa pesquisa de campo, utilizando dois instrumentos: o Roteiro da Entrevista e o Formulário⁽⁵⁾.

O Roteiro da Entrevista, principal instrumento para a coleta dos dados, composto de cinco itens, solicitava a narrativa de situações concretas vividas pela pessoa. Tais itens foram distribuídos de acordo com uma seqüência pré-estabelecida; no entanto, nada impedia que a pessoa respondesse seguindo a seqüência que preferisse. Com o roteiro em mãos, a entrevistanda conduzia a entrevista, conduta essa que foi bastante reforçada pela entrevistadora. Utilizamos o recurso, mediante acordo prévio, de gravar as entrevistas.

O Formulário, com questões mais objetivas, complementava informações a respeito da jovem. Tais informações viriam confirmar, ou não, a existência das características pessoais que foram selecionadas como fazendo parte do perfil das entrevistandas.

Recorremos a nossos amigos e familiares para conseguirmos as jovens que se submeteriam à pesquisa. Cerca de 20 pessoas trabalharam, servindo de 'ponte' entre entrevistadora e entrevistandas. Entregávamos a tais pessoas uma lista dos requisitos que compunham o perfil das entrevistandas, e quando se fazia necessário, explicávamos alguns itens da mesma. Também lhes informávamos a respeito do tema e objetivo da pesquisa, orientando-as, eventualmente, quanto a sua abordagem das possíveis entrevistandas.

Para o trabalho de campo em Recife, levamos cerca de três meses; iniciamos em 02 de novembro de 1981 e concluímos em 08 de fevereiro de 1982. Este trabalho foi precedido de uma pesquisa-treino, realizada em Campinas, com uma jovem, cujas características estavam bem próximas às

(5) Ambos os instrumentos constam dos anexos, incluídos no final deste volume, após a bibliografia.

exigidas para a amostra. Realizávamos as entrevistas, no Recife, em quaisquer dias da semana, em quaisquer horários, de acordo com a disponibilidade das jovens. Quanto ao local, dispúnhamos de alguns lugares que nos foram cedidos por amigos e familiares: uma sala de atendimento num consultório de psicologia num bairro central de Recife; um pequeno apartamento, que na época se encontrava vago, no centro de Recife; uma garagem de uma residência, isolada do restante da casa, em Olinda. Colocávamos essas opções para a possível informante, e esperávamos que ela escolhesse, entre as três, ou sugerisse outros lugares que lhe fossem mais convenientes. Chegamos a fazer algumas entrevistas, por opção de algumas pessoas, em colégios, residências de terceiros, ou na própria residência da entrevistada, desde que houvesse condições ambientais para ficarmos a sós, e poder conversar sem sermos escutadas por ninguém.

Com cada entrevistanda, realizávamos três tipos de abordagens:

- 1º) O contato preliminar, por telefone ou pessoalmente, que tinha por finalidade acertar dia, hora e local da segunda abordagem, o encontro.
- 2º) O encontro explicativo, em que eram apresentados os por menores da pesquisa, bem como a forma da abordagem seguinte, a entrevista.
- 3º) A entrevista, constituída de uma ou mais sessões, na qual a entrevistanda dava seu depoimento.

O contato preliminar permitia abordar a jovem, fornecendo-lhe alguns informes gerais sobre a pesquisa. Marcávamos, se ela assim o desejasse, o local, dia e hora do encontro explicativo, onde nos conheceríamos pessoalmente.

No encontro explicativo, informávamos especificamente sobre as reais intenções da entrevista, o sigilo, a necessidade da entrevistanda dirigir a entrevista, e a possibilidade dela preparar-se com antecipação para esse momento. Entregávamos, por escrito, estes informes, junto ao

Roteiro da Entrevista. Após ler e tirar as dúvidas, solicitávamos que a entrevistanda não revelasse o conteúdo da entrevista a ninguém, até o momento da sua realização, para não haver contaminação de suas respostas, pela opinião de outras pessoas. Durante o processo vivido com cada jovem, em nenhum momento percebemos quebra do nosso trato de sigilo, por parte das mesmas.

Ao final desse encontro, previsto e realizado especialmente para esclarecimentos e conhecimento pessoal, deixávamos a informante decidir, sozinha, quanto a marcar a entrevista já nesse momento, ou posteriormente; uma terceira opção foi colocada de forma bastante clara: a possibilidade de ela desistir do processo. Garantíamos que, caso esta terceira opção fosse a escolhida, não lhe seria cobrada nenhuma explicação do motivo de sua desistência. Ocorreu com três pessoas iniciarem o processo e posteriormente desistirem. Procurávamos fazer com que, de nossa parte, tudo fosse dito com muita clareza, sem mistérios, sem omissões de informações.

Posteriormente, na sessão da entrevista, realizávamos a coleta de material, utilizando o gravador. Procurávamos manter um clima descontraído e amigável; sempre conversávamos um pouco, antes de iniciar a gravação. Se alguma entrevistanda sentia-se inibida ou tensionada por falar diante do gravador, isto parecia diluir-se após os primeiros cinco a dez minutos da entrevista. Intervínhamos, quando necessário, tentando clarificar ou compreender melhor algo que estivesse sendo colocado. O tempo das entrevistas variou aproximadamente de cinqüenta minutos a duas horas. Algumas pessoas que marcaram a segunda abordagem — o encontro explicativo — em sua própria residência, optaram por realizar esta terceira, a entrevista, em outro ambiente.

Após a entrevista, aplicávamos o Formulário, que deveria ser respondido pela entrevistanda, mas preenchido pela entrevistadora. Levávamos cerca de dez a vinte minutos para esta última tarefa.

Foi de vinte e cinco o número de jovens por nós entrevistadas. No entanto, para a análise e apuração dos resultados, utilizamos apenas vinte dessas entrevistas; cinco foram excluídas, porque não atendiam a todos os requisitos constantes da relação do perfil das entrevistadas. Este fato só foi por nós percebido, depois de já havermos iniciado as entrevistas. Não poderíamos parar o processo a partir dessa descoberta, sob pena de provocarmos um choque na entrevistada. No entanto, tal fato trouxe uma vantagem: a maior garantia de não identificação do conteúdo das entrevistas, que aparecem neste trabalho. Até mesmo as próprias entrevistadas, provavelmente nunca saberão se sua entrevistada está entre as vinte incluídas, ou entre as cinco excluídas.

Com quase todas as jovens informantes, a entrevistadora foi alvo de diversas perguntas, geralmente a respeito de sua vida pessoal, e, algumas vezes, quanto à sua atividade profissional e em relação ao presente trabalho. Dávamos todas as respostas às perguntas que nos eram endereçadas, algumas no início da primeira abordagem, outras já no final de todo o processo, à guisa de conclusão da entrevista. Com todas essas jovens, assumimos o compromisso de informá-las a respeito da pesquisa, quando do término do trabalho.

Consideramos muito valioso o uso da entrevista para a realização deste estudo, cujo tema é de natureza intimista e pessoal. A validade da escolha de tal técnica para este trabalho, poderá ser comprovada pela riqueza de dados que coletamos, e que serão apresentados nos capítulos que se seguem.

5. COMO ANALISAMOS OS DADOS

Para a análise dos dados colhidos nas entrevistas com as jovens, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo. Ela se aplica à mensagem contida em qualquer comunicação. É um método empregado em pesquisa, onde se tenta inferir aspectos da cultura e mudança cultural, valores, atitudes; na realidade, pode ser aplicada a muitos propósitos, desde que o problema a ser investigado tenha como base o conteúdo da comunicação.

Berelson define Análise de Conteúdo dizendo que é "uma técnica de pesquisa que visa a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação" (in Goldberg e Franco, 1980, p.05). A partir desta definição, as autoras explicitaram quatro requisitos básicos da Análise de Conteúdo: objetividade, sistematização, quantificação e generalidade.

O requisito de objetividade estipula que os passos no processo de pesquisa devem ser executados de modo preciso e explícito. No caso das categorias, estas devem ser elaboradas com precisão, permitindo que outros pesquisadores possam aplicá-las ao mesmo conteúdo e obter os mesmos resultados. Para atender a tal requisito, a Análise de Conteúdo só deverá ser aplicada ao conteúdo manifesto da comunicação, e não ao conteúdo latente.

Quanto à sistematização, implica na inclusão ou exclusão de conteúdos ou categorias. Para tanto, deverá ter como base dois indicadores: em primeiro lugar, pressupõe que todo o conteúdo relevante seja analisado através de categorias também relevantes para os objetivos propostos pela pesquisa; o segundo indicador implica em que se possam generalizar os resultados da Análise de Conteúdo.

A quantificação, terceiro requisito da Análise de Conteúdo, consiste em traduzir, em dados numéricos, os aspectos de relevo do conteúdo da comunicação. Há uma grande discordância, entre os autores, acerca do significado do termo 'quantitativo' aplicado à Análise de Conteúdo.

Constata-se três posições assumidas, por eles, a esse respeito:

- Um primeiro grupo, definindo de forma bastante restritiva essa metodologia, requer que a Análise de Conteúdo meça a frequência com que os indicadores ocorrem por categoria.
- Outro, com definições menos restritivas, considera que as descobertas devem ser traduzidas em termos, tais como, 'mais', 'menos', 'crescente' ou similares.
- O terceiro grupo, embora aceitando a distinção entre 'quantitativo' e 'qualitativo', insiste em que

"Os estudos documentários sistemáticos do último tipo constituem uma importante e talvez mais significativa forma de análise de conteúdo ..."
(Goldberg e Franco, p.8)

Essas duas últimas autoras colocam que:

"explícita ou implicitamente, muitos dos mais rigorosos estudos quantitativos usam procedimentos não numéricos em vários estágios da pesquisa" (p.9 e 10)

Para Holsti, o importante não é que o analista questione "Estou sendo quantitativo" mas sim "Qual a relevância teórica das medidas que uso" (in Goldberg e Franco, p.9).

O quarto requisito, a generalização, pressupõe que as descobertas devem ter relevância teórica; os dados de conteúdo de uma comunicação deverão ser relacionados a outros dados, para terem sentido. A generalização implica numa comparação entre dados que deverá ser ditada pela teoria.

Embora Berelson coloque que a Análise de Conteúdo é uma técnica, Bardin(1977) a considera muito mais, afirmando ser ela uma metodologia científica, que se utiliza de seis técnicas diferentes:

TÉCNICAS	[1) Análise Cate <u>gorial</u>	{	Unidade de Análise	{	de registro	
						de contexto	
				Sistema Cate <u>gorial</u>			
		2) Análise de Avaliação					
		3) Análise de Enunciado					
		4) Análise de Expressão					
		5) Análise de Relação					
		6) Análise de Discurso					

Ao analisarmos os dados desta pesquisa, utilizamos a Análise Categorial, a mais antiga entre as seis. A fim de compreendê-la, torna-se necessário definirmos os dois elementos que a compõem: (a) Unidade de Análise, e (b) o Sistema Categorial.

A Unidade de Análise compreende: Unidade de Registro e Unidade de Contexto. A de Registro é a menor parte do conteúdo, de elevada significância, que será registrada de acordo com as categorias. A Unidade de Registro pode ser: palavra ou símbolo isolado, tema, personagem, item. Esta Unidade está inserida num espaço mais amplo da comunicação, a Unidade de Contexto (uma sentença, um parágrafo, uma página, uma estória, etc). A Unidade de Contexto é a parte mais ampla do conteúdo, que engloba a Unidade de Registro.

O Sistema Categorial assume uma importância fundamental em Análise de Conteúdo. São as categorias que tornam possível tal tipo de Análise. As categorias devem ser criadas obedecendo a um único princípio classificatório: devem ser independentes, mutuamente exclusivas, refletir os propósitos da pesquisa. Categorias bem elaboradas se constituem numa peça importantíssima na Análise de Conteúdo de uma mensagem.

Para a análise dos dados de nossa pesquisa, utilizamos como Unidade de Registro o Tema, e como Unidade de Contexto cada Entrevista individual. Tema se define como uma asserção sobre um dado assunto. Pode incluir uma ou

mais sentenças. No caso da presente pesquisa, os Temas foram escolhidos como as grandes linhas organizadoras de todo o material colhido nas Entrevistas. O Sistema Catego-rial foi criado a partir: a) da leitura do referencial teórico; b) do próprio conteúdo das entrevistas, apreciado nas várias auscultações do material gravado e nas leituras de sua posterior transcrição; c) dos objetivos da própria pesquisa. As Categorias foram criadas após a definição de um único Critério Básico, comum a todas elas.

Para se chegar as Categorias, elaboramos inicialmente as Questões-Chaves, ou seja, as perguntas dirigidas ao material contido nos temas.

O passo seguinte na Análise de Conteúdo foi a definição do significado exato de cada Categoria, e a escala de aferição que lhe é própria. A aplicação de todas as etapas acima descritas, desde o Tema até a escala de aferição da categoria, será apresentada nos capítulos IV e V.

CAPÍTULO III

A FAMÍLIA NO DIA A DIA

Antes de analisarmos os temas de conflito entre pais e filhas, interessa-nos mostrar como se caracterizam e vivem, no dia a dia, as famílias em estudo.

a) Composição das famílias e suas características econômicas

Iniciemos com a composição das vinte famílias estudadas; todas são nucleares. O número de filhos varia, de um a seis na quase totalidade delas. No entanto, a maior frequência recaiu em famílias com apenas dois filhos. Somente uma possuía mais de seis, porém, no momento da entrevista, vários já haviam casado passando a ter sua residência autônoma. A presença de parentes, tais como tios (as), avós, irmãos (ãs) casados (as) acompanhados(as) de seus filhos (as), vivendo nessas famílias, se constatou em sete delas. Isto comprova a afirmação de Prado (ver Capítulo I), quando ela se refere à rede de parentesco a que se liga a família nuclear, dos estratos médios da sociedade brasileira. Em treze das famílias entrevistadas constatou-se a presença de empregadas domésticas, que fazem o trabalho da casa, no dia-a-dia⁽¹⁾.

Segundo nove das entrevistadas, são realmente suas mães aquelas que mandam em casa. Já sete delas acham que os pais (homens) é que mandam, e para outras três jovens, os dois genitores mandam igualmente. Tão somente em uma família, constatou-se que o controle da casa fica a cargo de uma outra pessoa, que não o pai ou a mãe.

Convém esclarecer que, "mandar em casa" significa, para a mulher, dirigir as atividades domésticas, e muitas vezes até fazê-las. São as mulheres as responsáveis

(1) As lavadeiras e faxineiras, que freqüentam essas casas apenas uma vez por semana, aproximadamente, não foram incluídas neste número.

pelo funcionamento da vida familiar, no seu dia a dia doméstico. O que se percebe, através das entrevistas, é que o patriarcalismo existe na maioria dessas famílias. As grandes decisões, o sustento financeiro da família, bem como a autoridade máxima sobre as (os) filhas (os), ficam predominantemente a cargo do pai, do homem. Isto poderá ser constatado, nos capítulos que se seguem.

No que se refere à residência, dezoito entre as vinte famílias possuem casa própria. No entanto, duas não moram nelas, passando a residir em apartamentos alugados em bairros residenciais mais centrais, com mais atrativos.

Em relação ao trabalho dos genitores, a situação se apresenta da seguinte forma: todos os pais (homens) têm uma atividade remunerada fora de casa; treze são funcionários ou empregados, cinco são profissionais liberais ou pequenos empresários, e dois são militares reformados. Já no caso das mães, quatorze delas são domésticas, e seu trabalho se restringe ao lar, enquanto que as seis restantes, desempenham as seguintes atividades: três são funcionárias públicas, duas empregadas no comércio, e uma é pequena empresária no comércio. Em relação à atividade profissional das filhas, o tema será abordado no Capítulo V.

b) Rotina familiar

De uma maneira geral, o dia começa cedo nessas famílias, seja porque os pais e algumas mães saem para trabalhar, seja porque as (os) filhas (os) vão à escola. A esse respeito, algumas entrevistadas afirmaram:

"Durante a semana se levanta todo mundo cedo, pula todo mundo cedo da cama. 'Aí toma café, aí sai papai, minha irmã, e X (outro parente) juntos, num só carro (pra trabalhar)".

"Quem acorda mais cedo lá em casa é meu pai (...). Agora que meu irmão 'tá trabalhando, ele acorda 5 horas da manhã, começa a se arrumar (...). Meu pai me acorda geralmente, tempo de escola, às 6 horas da manhã (...). Meu pai vai trabalhar, minha mãe trabalha em casa, sai pra ginástica, visitas ou pra ir ao médico".

"A gente acorda bem cedinho, às 6 horas. Saímos pro colégio de 6:30 (...). Sai todo mundo, só fica mesmo a empregada. Mamãe, ela trabalha (fora de casa)!"

"Mamãe é quem acorda mais cedo, ela acorda, faz o café, chama X (a empregada), depois ela acorda a gente..."

"Dia de semana... é, acordo de manhã, vou pro trabalho, minha irmã vai pra aula, minha mãe fica em casa".

"Geralmente quem acorda primeiro é mamãe, mamãe se acorda, acorda papai. Papai toma café, e vai pro trabalho, depois acorda meu irmão. Geralmente eu saio muito cedo pra faculdade".

Por parte das jovens, além das atividades escolares e de trabalho, algumas ainda dispõem de condições para outras atividades, e ajudam nos trabalhos caseiros ou chegam até mesmo a assumi-los. Eis os discursos delas:

"De manhã eu faço ginástica, nas segundas, quartas e sextas. Nos outros dias eu fico em casa mesmo, sou eu que cuido da cozinha. (É você que faz o almoço, todos os dias?) Sou eu, todos os dias. (...) E às vezes, pra ajudar a mamãe quando ela chega em casa de noite, eu preparo a janta também".

"Eu passo a manhã, a tarde e até às 6 horas da noite sempre me movimentando. De manhã, cursinho, de tarde inglês, e à noite ginástica".

"Eu arrumo a casa, ajudo a ela (mãe) e depois vou estudar. Depois ... pra escola, na (a) parte da tarde eu passo no colégio".

"(Pela manhã) Lavo os pratos, faço o almoço (...). Volto do colégio passo na padaria, compro o pão, venho pra casa, cõo o café, lavo meus pratos".

Com esta ajuda prestada à mãe nos trabalhos domésticos, a filha vai se preparando para as suas futuras atividades como dona de casa. Consideramos importante e necessária a ajuda que elas possam prestar nesses afazeres. É preciso que ela exista, porém não só por parte das moças como também dos rapazes. Supomos que, na nossa cultura, os trabalhos domésticos são considerados de menor valor; logo, não são atividades "dignas" dos homens. Falando sobre as expec-

tativas dos pais, em relação aos papéis dos filhos-homens, desde quando ainda criança, Belotti faz a seguinte reflexão:

"O homenzinho competente é aquele que sairá de casa e irá ganhar o dinheiro para o bem-estar da família, e não aquele que ajuda a mamãe a lavar a louça ou a tirar a mesa. Logo que prestar esses serviços deixa de representar um fascínio para se tornar em aborrecido dever, então o garoto aprende a tática para se livrar deles, na certeza de que não será castigado. No fundo os adultos se admiram muito mais quando ele aceita fazer um serviço doméstico do que quando foge a ele" (p. 81).

O homem é condicionado a fazer os trabalhos fora de casa, e a considerar as atividades domésticas como tarefas exclusivamente femininas.

Segundo declarações a seguir, as refeições tornam-se, para algumas famílias, momentos de encontro entre seus membros.

"A gente toma café junto(s)... é mais fácil a gente tomar café junto(s), dia de faculdade e colégio, 'do' que nas férias. (...) A gente almoça junto. O almoço é tão engraçado porque a gente conversa tudo que se passou, né. Aí é interessante, porque a gente fica discutindo. (...) O jantar é a mesma coisa. A gente discute religião, política, tudo 'na' mesa, assim, discute qualquer tipo de assunto com papai e com mamãe. (...) Papai não gosta de almoçar um assim, outro assim (separados), não sabe."

"(Há alguma hora em que vocês se encontram?) Só na hora das refeições. Papai, assim ... não é um negócio certo sabe, mas ele gosta que, na hora do café, do almoço e do jantar, todo mundo (junto) na mesa. Se bem que, nos fins-de-semana a gente vai pra praia, aí sempre desencontra. (...) Ele gosta que na hora das refeições ... todo mundo junto. Eu acho que é só (essa) a hora em que a gente se encontra mesmo."

"Almoçar ... normalmente almoça todo mundo junto. Aqui a gente espera pra almoçar todo mundo junto, a não ser quando um ou outro tem um compromisso mais urgente. Mas, normalmente, a gente espera pra almoçar, espera papai chegar e almoça todo mundo junto. (...) Espera-se também todo mundo junto pra tomar café, de noite. A partir de 6 e pouco a gente 'tá tomando café'."

"A gente chega em casa e vai direto almoçar. A gente almoça e vai depois pro (ambiente X) ficar naquele papo, descansando do almoço. (...) Todo mundo almoça junto, toma café junto e janta junto".

As refeições aparecem como uma oportunidade de atualização para todos, sobre os acontecimentos do dia. Conversa-se e discute-se diversos assuntos, e isto é motivo de satisfação. O pós-almoço é também ocasião oportuna para o bate-papo em família. Para alguns pais, é importante que se mantenham esses encontros entre todos da família.

No entanto, para algumas famílias, o encontro às refeições só acontece à noite; já para outras, sequer isto se verifica. A falta de reuniões familiares também ocorre naquelas famílias em que a mulher (mãe), ao desempenhar uma atividade extra-doméstica, fica eventualmente impedida de estabelecer um ritual adequado de encontros no lar. Essa ausência de encontros é percebida, por uma jovem, como uma forma de distanciamento; uma outra, mostra-se sentida pela falta desses momentos de reunião, na sua família. Veja - mos como elas se posicionam, a respeito:

"(Não tomam café juntos) Não, porque são diferentes os horários. Um acorda mais cedo 'do' que o outro. (...) Na hora do almoço geralmente papai não almoça em casa. (...) Depois, à noite, geralmente todo mundo janta junto".

"(Falando sobre o trabalho da mãe) E todo dia ela sai de X horas (pela manhã, bem cedo), chega aqui de X horas (à noite). (Ela nunca vem almoçar em casa?) Não, é muito difícil. (...) Hora certa pra almoçar ela não tem. De noite eu sempre espero por ela".

"Ninguém almoça em casa, só eu, e às vezes mamãe".

"Geralmente o café, eu não tomo café nem com papai nem com meu (parente). Ele(o pai) desce e toma café sozinho. Geralmente a gente não se encontra muito 'em' mesa. E almoço ... geralmente eu almoço primeiro, não há muito essa organização lá em casa: tal hora todo mundo junto. Meu (parente), às vezes é que eu janto com ele, (ou) almoço. Mas não há muito esse negócio de hora de almoço e jantar, todo mundo 'na' mesa. (...) Mas, geralmente, há muita distância assim, em se encontrar 'na' mesa."

"(Falando sobre o horário de trabalho e estudo dos familiares, diz que não fazem refeições juntos) É muito difícil; eu almoço com minha mãe certo, mas nunca assim, a família toda. E nem fim-de-semana, assim ... porque uma coisa que separa muito a gente é televisão, isso daí é fato comprovado. Televisão ... porque é hora da novela, é hora do meu filme, hora do meu jogo, e ninguém se junta. Muitas vezes eu sinto falta disso sabe, eu queria que ... é tão difícil a gente comer juntos, a não ser quando chega visita. Aí geralmente a gente almoça, janta junto. Uma coisa que separa muito a gente é a televisão".

No último dos cinco depoimentos acima, a televisão aparece como objeto de separação da família. Interesses diferentes em relação aos programas televisivos, dificultam a existência de encontros entre os familiares.

Outros depoimentos, que se seguem, mostram como a televisão faz parte, diariamente, das atividades domésticas. É sempre uma opção de diversão, uma forma de se ocupar os horários livres, à noite. E ainda, é a televisão que possibilita reunir a família toda, em torno dela, na sala.

"À noite, eu vou ver televisão, ou namorar, ou saio; aí depende. Papai vê televisão, mamãe tambem; ou fica lendo".

"E mamãe depois (do jantar) assiste a uma televisãozinha. Papai se deita, quando chega a hora do jornal, se levanta, vê o jornal, e a gente fica acordada até 10 (22) horas, mais ou menos; 10 horas a gente dorme e começa tudo de novo".

"Depois (do jantar) fica todo mundo na sala vendo televisão junto. Junta toda a família na sala pra ficar vendo televisão e fofocando, né. (...) Eu gosto muito de ficar deitada ouvindo música, vendo televisão, eu ... olhe, quase todo dia, pelo menos de manhã eu ligo televisão, de tarde ligo televisão, a folguinha que eu tenho eu 'tou vendo televisão, sou massificada mesmo. Ligo a televisão, lá fico vendo novela repetida, filme repetido, 'tou eu na televisão. (...) Aqui em casa é o contrário, se você desligar a televisão um vai pro quarto, um vai ler, um vai ouvir música, vai conversar com al

guém, sai de casa. Aqui tem que ter televisão li
gada pra estar todo mundo junto".

"Eu só consigo estudar até às X horas; depois das X horas eu não estudo mais. (...) Depois, eu sempre assisto à novela das 6 e das 7; das 8 eu não assisto não".

"De noite a gente janta às X horas. Aí cada um vai pra um canto. (...) Eu fico conversando com ele (o namorado) aí na frente. Papai e mamãe vão namorar, é tão engraçado (ri), eles vão pra sala, ficam assistindo televisão, os dois juntos".

"Depois do jantar fico assistindo televisão. Depois da novela das 8 ... vai dormir, minha mãe, né. Vai dormir porque ela dorme cedo e a gente fica assistindo televisão até altas horas; depois vai dormir".

Pode-se concluir dos depoimentos anteriores, que assistir televisão é a atividade recreativa mais praticada, em várias dessas famílias. Torna-se mais fácil reunir os familiares em torno da TV. No entanto, esses momentos proporcionam proximidade tão somente física, e não, contatos interpessoais. A disponibilidade para troca de experiências, bate-papo, reflexão, regra geral está sendo substituída, nas famílias, pelos horários onde se vê a televisão. Esta, consegue invadir a intimidade doméstica e absorver as pessoas de tal forma, que não lhes permite pensar. Falando sobre o assunto, Desidério (1982), autora brasileira, mostra que a televisão reúne pessoas em uma "suposta paz". Veja-se a sua colocação a esse respeito:

"A sociedade inventou uma outra maneira de congregar os membros da família em suposta paz - a televisão. O agrupamento de pessoas em sua volta assistindo a algum programa, desvia-as do contato recíproco e, portanto, do encontro mútuo. Evitam-se conflitos, censuras, confrontos. A televisão, nesse caso, desvia cada um do seu próprio centro e do convívio com os outros e contrai com cada indivíduo um pacto de contato social imaginário. A cultura torna-se cada vez mais massificante e condicionadora de comportamentos estereotipados" (p. 86).

Essa "suposta paz" caracteriza-se por ser

um vazio; vazio de diálogo, de comunicação, de troca de experiências. Compreende-se então que o grupo familiar alicerçado sobre essa "paz", fica mais vulnerável aos conflitos, diante de qualquer situação de dificuldade.

c) Relacionamento familiar

Passaremos agora à abordagem do relacionamento entre filhas e genitores, do ponto de vista de algumas jovens. Entre as vinte entrevistadas, treze jovens verbalizaram existir conflitos entre elas e seus pais (homens); com as sete restantes, o conflito é basicamente marcado por uma oposição entre mães e filhas. Uma entrevistada, analisando a atitude omissa do genitor paterno para com ela, tece a seguinte crítica às ligações entre familiares:

"Porque eu acho o seguinte: que essa ligação, pai, mãe, filho, eu acho que não deve ser uma coisa imposta por nada, por um dom da natureza, e sim por alguma coisa que nasceu com o tempo entre (no seio daquela) aquela ligação. Então assim, como pai mesmo, simplesmente ele ajudou na minha fecundação, mas no fim das contas, assim, como amigo, assim, como companheiro, de orientar tudo, realmente não houve tanto assim. (...) Sempre tive muita bronca com papai, ele nunca aceitou o meu modo de ser, e eu muito menos aceito a maneira dele ser".

A falta de oportunidade para conversar, estabelecer um diálogo entre genitores e filhas, foi denunciada nas entrevistas realizadas. As queixas são várias neste sentido: o relacionamento entre genitores e filhas não é bom, eles são "distantes", afetivamente, das filhas; gostam de ser "autoridade", não são carinhosos e não demonstram interesse por elas. Tudo isto, como consequência da ausência de diálogo entre eles e elas, pode ser observado nos depoimentos que se seguem:

"(Falando sobre a mãe) Ela é uma pessoa muito difícil, ela não senta pra conversar com a gente, pra ter um diálogo com a gente. Às vezes ela reclama porque a gente não tem diálogo com ela; mas ... se não tem condi -

ções... às vezes eu estou sentada, converso com ela e ela começa a discordar, e eu fico logo nervosa; aí paro, pronto. (...) Não acho esse relacionamento muito bom não, não tem um diálogo com a gente; desde pequena é assim".

"Papai é o tipo da pessoa que ... a gente brinca, papai é muito brincalhão; a gente, sabe, tem um relacionamento aberto com papai, mas aberto assim, no sentido de ... sei lá, de se dar bem, de ser carinhoso e tudo, mas não de se conversar muito alguma coisa. Inclusive quando papai tem alguma coisa pra falar com alguém daqui de casa, ele nunca fala diretamente, é através de minha mãe".

"A família não tem aquela conversa, não tem diálogo não, sabe. Geralmente, o que eu acho errado com papai, é porque não existe diálogo com ele, sabe. A gente vai conversar e ele só acha que ele 'tá certo, e que a gente deve fazer do jeito que ele acha que 'tá certo. Se a gente quiser agir de outra maneira, ele não entra num acordo. (...) Papai ... sempre foi muito distante, nunca houve carinho, assim... entre a gente, sabe, nem com papai nem com mamãe. Assim, a compreensão de conversar, sabe, eu acho muito bacana a gente chegar e conversar, ter uma certa compreensão. Papai não, papai sempre foi meio distante, pra ele, (ele) sempre conversava o bastante, o que ele acha certo conversar. Então ... nunca teve aquele carinho sabe, eu acho muito errado, eu sinto falta sabe, eu sou uma pessoa muito carente em termo (s) de ... carinho de pai pra comigo, sabe. (...) A gente discorda por não conversar, eu discordo muito com eles, eles não conversam com a gente, sabe. Eles só sabem dizer o que é o certo e o que é errado, não chegam a perguntar à gente 'como é que você quer que seja'; (são) assim ... de chegar e de ser autoridade. Não pesquisam, sabe, a nossa opinião, sabe, saber 'como é que ... como é que a gente acha que deve fazer, o que a gente acha que deve ser melhor', então ele ... se liga mais ao que ele acha que 'tá certo".

"(...) Minha mãe nunca teve uma convivência muito boa assim comigo, nunca parou pra conversar comigo (...). Comigo, ela nunca procura saber: 'X, por que você 'tá de cara feia?'. Não, ela não procura saber; eu tenho que 'ta sempre de cara bonita pra ela, porque 'não falta nada pra mim, tenho tudo que quero', sabe. Mas na realidade não tenho; eu tenho tudo materialmente, sabe, mas carinho, atenção ... dela eu não tenho, infelizmente eu não tenho. Na realidade a gente não combina, ela vive num mundo e eu no outro. Dentro de casa é assim."

"Os tempos mudaram", "a geração é outra" ,

"falta de evolução dos pais" , essas são algumas das expressões usadas pelas jovens, quando tentam explicar as causas dos conflitos entre pais e filhas. Trata-se pois, do fator tempo, que acentua o abismo entre duas gerações; duas gerações que possuem valores diferentes e que, por inabilidade de comunicação, reforçam as dificuldades de relacionamento entre si. Observe-se as expressões que se seguem, a este respeito.

"Mamãe sempre acha totalmente errado nos outros. A gente sempre discorda em tudo; até as opiniões são totalmente diferentes. Ela acha uma coisa, eu acho outra: começa a encrenca. De vez em quando eu nem ligo, vou pro meu quarto pra não brigar. Mas papai ... as opiniões dele, o que ele acha ... são muito antiquadas".

"A geração é outra né, os tempos mudaram, e eles (os pais) não aceitam (o fato de) que os tempos mudaram. (...) É isso que eu digo, que daqui (para) ... ou a primeira ou a segunda geração, vai ser muito diferente da gente, porque a gente já 'tá vendendo né; porque agora ainda tem a geração dele (o pai) que é puxada (semelhante) à família dele, como ele foi criado né ...".

"(...) Eles como pais ... os filhos sempre vão ter uma visão mais ampla 'do' que os pais né, porque eles viveram aqueles anos de mais ... (...) Agora, lógico que ele (o pai) conserva ainda aquelas opiniões antigas, né. Eu acho que, quando a pessoa nasce assim, é muito difícil de mudar de opinião".

"(Falando sobre discórdia entre pais e filhos) Muitas vezes é a falta de evolução dos pais, na maioria dos casos geralmente é isso. Os pais não que - rem se adaptar a uma nova ... nova vida, uma nova cabeça, querer aceitar que os filhos crescem, e o tempo vai mudando e eles têm que ir se adaptando a isso. Outros ... eles não querem ... querem educar, exatamente como eles foram educados, há essa transferência (da educação recebida). Às vezes é mais assim, questão de liberação, em aceitar que ela (a filha) faça determinadas coisas, chegando até a podar, proibir de trabalhar, proibir de namorar... assim... namorar até mais tarde; (começam a) marcar hora pra (filha) fazer essas coisas ..."

No terceiro dos quatro últimos depoimentos apresentados, dois pontos devem ser ressaltados, na percepção da jovem a respeito dos genitores: 1) a crença de que os

filhos têm, e sempre terão, uma visão mais aberta do mundo; 2) a observação de que ocorre a cristalização das opiniões dos adultos, fato que impossibilita a sua evolução. No último depoimento, nota-se que a repressão atinge a filha, sob a forma de diversas proibições. Com tais proibições, os pais procuram controlar o comportamento das filhas, para que elas ajam de acordo com o modelo de educação que lhe foi imposto. Desta forma, as filhas tenderão a se manter dependentes dos seus pais, que, por sua vez, lançam mão de atitudes autoritárias para não perderem o seu poder. Na realidade, a autonomia das filhas ameaça a confiança e a segurança dos genitores em si próprios, e no poder e autoridade que possuem. Isto torna-se mais sério no caso de filhas oriundas de famílias inseridas num contexto social de grande valorização da virgindade da mulher. Nesse caso específico, o poder e a autoridade paternos se manifestam através de um rigoroso sistema de controle em torno da vida sexual das filhas. Essa problemática será tratada no capítulo IV mais especificamente.

Exceção a tudo que foi dito até agora, uma jovem, e somente uma jovem ao falar do seu relacionamento com sua mãe, exclusivamente com ela, mostra que não há problemas de diferenças de geração, e tenta explicar o fato da seguinte forma:

"(...) Mamãe tem um espírito realmente jovem. Acho que também um pouco pela profissão dela, né, porque (a profissão da mãe) 'tá sempre mexendo, é uma coisa muito dinâmica, né. (...) Então é uma pessoa que é muito jovem. Esse tipo de problema assim ... de diferença de geração, de qualquer coisa desse tipo, eu não enfrento com a minha mãe, de maneira alguma, sabe. (...) Mamãe comigo ... sei lá, mamãe nunca levantou a mão pra dar em mim, acredita? Um beliscão, nunca levei, da minha mãe".

Devido talvez aos conflitos por elas vivenciados com seus genitores, as filhas tendem a se ligar afetivamente a um deles, pai ou mãe, e a distanciar-se do outro. Constata-se tal fato nos depoimentos que se seguem:

"Como pai ele é uma pessoa maravilhosa, não podia ter um pai melhor ... Quando eu 'tô triste, assim, ele chega... ele me entende, me entende muito, às vezes até melhor 'do' que minha mãe, porque como minha mãe não trabalha (fora de casa), ela fica assim... só sabe dar notícia da televisão, essas coisas, não tem amigos pra conviver diariamente, saber os problemas, 'tá entendendo? Minha mãe, eu vejo que 'tá fazendo um esforço enorme pra ser moderna, pra aceitar tudo que eu quero. E meu pai, não faz um esforço tão grande, vê-se que é uma coisa mais espontânea dele, é mais natural. E minha mãe, coitadinha, muitas vezes ela faz uma força danada pra aceitar as coisas".

"Mamãe é espetacular, mamãe é muito moderna, é mais assim... ela teve a mesma criação que meu pai, porque os pais dela foram de uma mesma geração dos meus avós. Mas é por ela ver (com criticidade) o seguinte: (...) ela não achou que a criação que ela recebeu era uma criação certa. (...) Eu respeito a minha mãe, mas eu tenho ela mais como uma ... as meninas acham até bonito sabe, as minhas colegas, porque o relacionamento que eu tenho com minha mãe é assim, como se ela fosse minha amiga, eu não tenho nada a esconder de minha mãe, tudo a gente pergunta. Já meu pai não, já tenho mais receio de perguntar certos tipos de coisas. Mas ele sabe que eu tenho maior assim ... mais intimidade com minha mãe 'do' que com ele. Porque ele já chega, já entra em choque, eu e ele, porque tem certas coisas que ele não admite, mas é por causa da criação dele, a criação dele foi diferente. Já minha mãe não, minha mãe já ... ela acha o seguinte: que, se ela ficar calada, a gente conta a ela o que se passou, ela fica sabendo assim ... do que se passou com a gente, dá conselhos. E ele não, ele já não sabe fazer isso, ele já diz assim: 'Não, 'tá errado, não sei quê' (com o tom de voz mais forte). A gente fica com mais medo de falar com ele do que com ela, compreendeu? (...) Mas é por ele ser mais rígido, ser mais quadrado".

"Mamãe é mesmo que ser uma colega de escola minha. É a mesma coisa, a gente conversa, a gente ri, a gente lê, a gente faz crochê, sei lá, é mesmo que ter a mesma idade. Eu não sei não, não há diferença não! a gente gosta das mesmas coisas. Ela não proíbe nadinha, ela diz que o fruto proibido é mais gostoso. Se ela proibir a coisa se torna mais ... assim ... mais arriscada, mais perigosa, mais ... gostosa de fato".

"Mamãe termina sendo mais dócil 'do' que papai. É, papai é mais grosso, mamãe não, mamãe é mais ... como sempre, a mãe é mais assim, é mais aproximada aos filhos, né."

"Com papai eu já sou mais cismada, mamãe é mais li
beral."

No primeiro dos cinco últimos trechos citados, é interessante ressaltar a percepção que uma das jovens tem, a respeito do trabalho doméstico. Para ela, tal a atividade leva à estagnação no tempo, sendo necessário muito esforço, da parte de sua mãe, para se atualizar.

Sintetizando o conteúdo deste item concernente ao relacionamento familiar, pode-se observar que nele vêm em relevo, claramente, três fatos:

- 1 - Ausência de diálogo entre genitores e filhas;
- 2 - Distanciamento temporal entre as duas gerações;
- 3 - Polarização afetiva, distinta e complementar, exercida por cada um dos genito
res.

Os dois primeiros fatos acima enunciados são elementos que estão subjacentes aos conflitos. A ausência de diálogo entre pais e filhas contribui para que se acentue, ainda mais, o abismo existente entre as duas gerações; duas gerações que, muitas vezes, possuem valores diferentes, e, por inabilidade de comunicação, paralela ao fato de um dos lados assumir uma postura autoritária, se confrontam. A ida de juvenil das filhas mostra-se mais propícia para a ocorrência desses confrontos no ambiente familiar, desde que ha ja, neste, predisposição para isso.

O terceiro fato que ficou evidente nos dados já apresentados, mostra a polarização afetiva exercida pelos dois genitores. Muitas filhas, por exemplo, se aproxi mam mais, afetivamente, das mães, distanciando-se do geni - tor paterno; a maioria das jovens, inclusive, narrou ter vi vido experiências de conflito, com seu pai.

É desta forma que se estruturam e vivem, no seu dia a dia, as famílias estudadas. O que se pode constatar é que, no relacionamento entre familiares, há períodos

de tensão e conflito bem caracterizados. Passaremos agora a analisar esses períodos especificamente no que se refere ao relacionamento entre pais e filhas jovens.

CAPÍTULO IV

PRINCIPAL ÁREA DE MANIFESTAÇÃO DE CONFLITO: NAMORO

Para a análise do material coletado, procuramos agrupar as respostas das entrevistadas em temas específicos. Esses temas foram selecionados a partir da frequência com que apareceram nos depoimentos das vinte entrevistadas, e da ênfase que lhes foi dada pelas próprias jovens.

Em relação à específica característica de conflito, comum a todos os temas, esta, refere-se sempre à ação do controle comportamental exacerbado impedindo, de certa forma, a passagem da dependência para a autonomia, controle esse exercido pelos genitores sobre as filhas.

Como já vimos, esse controle se estabelece a partir das expectativas dos pais em relação aos papéis que deverão ser desempenhados pelas jovens.

Para o papel de filha jovem, a submissão, a dependência, são valorizadas, e até mesmo impostas pelos pais. No entanto, para se desenvolver emocionalmente, é necessário que a jovem realize experiência de autonomia; faça essa experiência. O bloqueio dessa experiência, devido a uma atitude de forte controle por parte dos pais, é gerador de conflito, quer seja inter quanto intra-subjetivo.

Dado que os conflitos - objeto desta pesquisa - se manifestam no âmbito das vivências mais significativas das jovens, os quatro temas que emergiram do material coletado e que foram escolhidos para abranger os aspectos de maior relevo expressos em seus depoimentos, foram exatamente:

- o namoro,
- o estudo,
- as bases financeiras,
- as amizades.

Nesses quatro temas distribuiu-se o material coletado, perfazendo um total de 143 trechos de depoimentos, numerados em uma única ordem crescente, de acordo com a seqüência em que aparecem nos temas. Não significa que cada trecho seja de uma entrevistanda diferente; isto seria impossível, já que estamos trabalhando apenas com 20 jovens. Na realidade, as entrevistas foram fragmentadas em 143 trechos, agrupados de acordo com o conteúdo de cada um deles. Com tal fragmentação, garantimos a não-identificação das pessoas que foram entrevistadas, embora, com isto, sacrifiquemos um pouco a dinâmica da apresentação de cada entrevista, da história de vida da jovem.

A "ação da jovem" foi o critério básico comum a todo o sistema categorial, que foi expresso em duas categorias:

- Percepção da existência do controle (1a. categoria);
- Reação ao controle (2a. categoria).

Para se chegar a essas categorias, partiu-se de duas questões-chaves:

- 1a. questão: Qual a percepção das jovens do controle que as famílias exercem sobre elas, controle esse gerador de conflito?
- 2a. questão: Qual a reação das jovens diante desse controle?

O significado exato de cada categoria e o quadro com a Análise de Conteúdo, serão apresentados no final deste capítulo. As escalas de aferição relativas a cada categoria, constam do anexo 3.

Passaremos agora a focar, cada um dos quatro temas de conflito, levando em consideração que são experiências vividas por jovens, na faixa etária de 15 a 20 anos, com uma série de características pessoais já especificadas anteriormente.

NAMORO

Foi este o tema que ocorreu com maior frequência em, praticamente, todas as entrevistas, além de ter sido abordado durante a maior parte do tempo, pelas jovens.

Uma entrevistanda definiu o namoro como sendo "uma fase (em) que a gente tem que conhecer o outro". Todas as jovens entrevistadas já tiveram experiências de namoro. Algumas experiências bastante positivas; outras, sofridas; e muitas, dificultadas pelas objeções dos pais. Quando da realização desta pesquisa, 13 delas estavam, no momento, com namorados.

De um modo geral, é, prioritariamente, na escola (ou faculdade) e através dos amigos, que se dá o conhecimento com os jovens, e se iniciam os namoros; em segundo lugar, através de festas e dos vizinhos.

Todo o presente capítulo foi dedicado às inúmeras e variadas experiências das jovens acerca do tema namoro; para tornar essas experiências mais compreensíveis, agrupamo-las em cinco diferentes subtemas que passaremos a apresentar:

- a) o fator tempo no namoro,
- b) padrões de namoro,
- c) o binômio confiança-desconfiança,
- d) o desafio chamado namoro,
- e) atitudes, valores e diretrizes educacionais dos pais.

a) O Fator Tempo no Namoro

Começemos por este primeiro subtema. Analisaremos aqui, os limites pré-determinados pelos pais às filhas, fixando-lhes horários, dias da semana, bem como idade certa para namorar.

Em relação a este tópico, uma das razões de conflito entre pais e filhas, diz respeito à idade para ini

ciar a experiência de namoro. Os pais consideram as filhas muito novas para namorar e isto pode ser constatado na fala das jovens, apresentadas nos textos a seguir:

"... papai não deixava eu namorar com rapaz nenhum; ele achava que eu era muito moça. Mas tenho uma amiga que começou a namorar com 13, 14 anos, e eu dizia isso a papai; papai não acreditava, achava incrível uma menina começar a namorar tão cedo(...) Aí com os 15, 14 anos, era uma confusão! (...) Toda vez que eu arrumo um namorado tem confusão lá em casa, é briga mesmo, porque meu pai acha que é cedo pra eu namorar".

(01)

"Eu nem cheguei a falar pra papai, meu irmão descobriu, aí pôu!, disse a papai. Aí papai chegou e disse: 'Não quero saber de namorado, nada disso, você só com 15 anos ...' Não saíu uma palavra da minha boca, só lágrimas, aí eu pôu!, pra dentro do quarto".

(02)

"O primeiro namorado mesmo foi com 15 anos. (Seus pais aceitaram?) Mamãe sim, papai dizia: 'Você é muito moça pra namorar, olhe o namorado que você vai arranjar' (...) Namorei até escondido ..."

(03)

"E eu acho que isso 'tá tudo errado, eu levo as coisas muito além, ela (a mãe) acha que, com 15 anos, eu não devia ter tido namorado. 'Você só deve achar namorado depois de 21 anos ...' (Você começou a namorar com 15 anos?) Com 15, e ela não aceitava de jeito nenhum, e fui a primeira a botar namorado na porta, sabe. (...) A mais velha só arranjou namorado com 21, 22, por causa dela. Meu pai também era demais nessa questão aí de namorado. Pra meu pai aceitar o namoro de minha irmã mais velha foi um sucesso, ele não aceitava sabe, ele achava que as filhas deviam viver só pra dentro de casa, sabe. (...) Aí eu botei o namorado na porta, fui a primeira a botar, foi a maior confusão porque ela não aceitava, sabe. Dizia que era muito cedo, que eu 'tava partindo pra uma coisa muito errada. Eu 'tava fazendo isso pra deixar ela numa pior, sabe, eu botei e acabou-se, ela não aceitava, ficou chateada, e eu fazia isso pra chateá-la, entendeu, botei e acabou".

(04)

"Eu nunca tomei uma posição contrária, mesmo que eu discordasse, mesmo que eu ficasse chateada, eu não enfrentava (...) Mas chegar e dizer, ir contra papai, ele sabendo que eu 'tou contra ele, nunca ,

de jeito nenhum. Mas por exemplo, quando eu tinha (tive) meu primeiro namorado, eu tinha 13 anos, pa pai achou muito cedo pra eu ter namorado, não deixou".

(05)

Nesses cinco depoimentos de diferentes jovens, fica expressa a proibição dos pais para que as filhas possam namorar. Os pais alegando a pouca idade das filhas, vinculam a idade cronológica à permissão para namorar. Também chamam atenção, as diferentes atitudes das filhas frente a uma proibição desse nível: umas, apesar de toda "confusão" provocada dentro de casa, reagem e chegam a namorar escondido dos pais; outras bastante submissas à autoridade paterna, não enfrentam a situação. Já no quarto depoimento, constata-se que a jovem procura levar à frente o namoro como uma forma de agressão à mãe.

Com relação a algumas jovens, o controle dos pais se exerce até mesmo ao limitar os dias e os horários em que as filhas podem namorar, podem sair com os namorados ou mesmo com outras pessoas. Veja-se as colocações que elas fizeram a esse respeito:

"Namorado só pode ir lá em casa sábados e domingos; dia de semana não, mesmo que a gente esteja de férias, não, papai não quer".

(06)

"Eu posso sair, mas tem essa frescura da hora de voltar, eu tenho ódio disso, é o que eu tenho mais raiva (...), quando eu saio com ele (o namorado), mesmo que ele vá comigo até em casa, é uma hora da manhã dia de sábado, é o máximo que pode; meia-noite na sexta, onze horas (...). Mas você, sabe, 'tá conversando num barzinho com hora marcada, eu tenho horror a hora marcada, eu tenho horror, porque é sempre assim, no melhor da festa é hora de voltar pra casa (...) é uma situação muito chata".

(07)

"Pra mim fim-de-semana é pra sair, durante a semana eu passo em casa tranquila, mas fim-de-semana é pra sair. (Proibições da mãe) Por exemplo, não sair de noite; o negócio dela é 'sair de noite'. Eu já disse a ela: 'Olha mamãe, quando a gente quer fazer uma coisa, não tem hora não, toda hora é hora'. Eu digó isso a ela. E ela diz que a gente já sai demais. E

eu fico falando: 'Que sai demais mamãe, pra sair é um sacrifício danado, e a senhora diz que a gente sai demais'. Se a gente sai dois sábados seguidos, três, aí pra ela parece que é o fim do mundo. (Você sai, geralmente, aos sábados?) Uma vez por semana, só aos sábados".

(08)

"Aí ela (a mãe) disse: 'Tá certo, então vão, mas é pra chegar cedo viu'. Aí ela começa a determinar a hora, sabe. Aí eu digo pra ela: '(...) se for pra dizer hora ... coisa horrível, você está num canto olhando a hora, o tempo todinho preocupada com a hora ...'"

(09)

Somente uma entrevistanda colocou que namorava todas as noites, e outras duas afirmaram que atrasavam propositalmente, quando saíam de casa, para acostumar os pais.

"Chega a hora principal do dia que é a noite, aí eu vejo meu namorado (...) eu namoro todo dia".

(10)

"Eu comecei a ir contra esse negócio de horário (...) eu também vou dando umas prensazinhas, começo chegando 15 minutos atrasada pra acabar com isso".

(11)

"Quando a gente saía, aí eu fazia questão de chegar mais tarde sabe, justamente pra ele (o pai), aos poucos, se acostumar com a idéia de eu chegar mais tarde. Afinal eu já estava trabalhando, já estava na Faculdade, com esse negócio de ter que chegar hora tal, aí ele às vezes brigava, mas em função disso, brigava comigo".

(12)

Neste último relato, constata-se que, o fato de trabalhar e já cursar uma universidade, se constitui numa forma da jovem admitir e reivindicar maior autonomia para si própria.

b) Padrões de Namoro

Analisemos agora as narrativas concernentes ao subtema dedicado aos padrões de namoro. Iniciaremos pela observação dos modelos de namoro, para em seguida exami-

narmos a valorização dada pelos pais às qualidades e defeitos dos namorados.

Hã expectativas dos pais em relação aos padrões de namoro, que eles julgam adequados, para suas filhas. Por exemplo, uma delas afirma: "chegar com o namorado e ficar conversando no carro antes de eu entrar, papai não gosta disso, papai acha feio". Tais padrões foram descritos por duas jovens, da seguinte forma:

"Ela (a mãe) acha que eu não devo confiar muito nele, que a convivência com o namorado tem que ser no terraço, sentadinho, aí, sabe, pegando na mão, só; entendeu?"

(13)

"... um namorinho em casa, bonitinho, de ficar em casa, sentar numa cadeira e ficar batendo papo".

(14)

Algumas filhas têm consciência deste fato e se percebem avançadas ou são consideradas como tal, por não corresponderem aos padrões de comportamento idealizados pela família, tanto no relacionamento com o namorado, quanto no modo de agir, em diversas ocasiões. Isto, é uma realidade que aparece na fala de duas jovens, nas citações que se seguem:

"Não que eles (pais) saibam ... mas ... eu não sei... veja ... minha mãe fala dos namoros de hoje, sabe — você 'tá por dentro, você vive aí — então... o relacionamento que eu tenho com meu namorado nunca agradaria a meus pais (...). Aliás, assim, nunca um namorado veio chatear a meu pai e minha mãe. Mas eles, se um dia viessem a saber da minha vida assim, com meu namorado, acho que eles não iam gostar (...). O relacionamento que eu tenho com ele, minha mãe nunca ia gostar, nunca ia admitir (...) é menos tradicional."

(15)

"A gente discute muito, discorda de muita coisa, ela acha que eu 'tou muito avançadinha, sabe, prá época em que eu estou, 'tou muito avançada. (...) Aí já vem discussão, porque eu acho que ela 'tá errada, aí ela diz que eu quero ser avançada, que eu quero levar ela pro mundo (...)."

(16)

A figura do namorado pode ser motivo de conflito entre pais e filhas. Os pais tendem a ir de encontro a alguns namoros de suas filhas, quando o rapaz não se apresenta dentro dos padrões esperados por elas. Vejamos os depoimentos das jovens a esse respeito:

"Papai dá muito ponto assim, que namore com rapaz que trabalhe (...) papai me encontrou uma vez com ele conversando, me chamou e disse: 'Eu não quero ver você conversando com aquele rapaz, porque eu acho ele errado ... ele não trabalha, não faz nada' (...) papai não gostava dele porque ele tinha um jeito muito descansado..."

(17)

"Uma vez eu comecei a namorar um rapaz que era mais moço 'do' que eu. Aí foi uma confusão lá em casa, era almoço, jantar, só discutindo 'na' mesa, comendo e discutindo. Papai achava que ele era muito criança, mas eu dizia a papai que isso não interessava, se ele realmente gostava de mim e eu gostava dele, então não tinha idade que atrapalhasse".

(18)

"Ela falava; 'Não, porque você começou a namorar esse cara, eu nem conheço direito, você longe daqui, eu não posso 'tá controlando', esse lance".

(19)

"... dizendo que ele era muito velho pra mim, ele era moreno (...) assim ... negócio de cor, ele era moreno bronzeado sabe, aí dizia que ele era negro: 'Eu não quero negro na minha família'. (Os pais) têm preconceito racial (o problema foi a idade e a cor do rapaz ..."

(20)

"Aí papai achava que o rapaz não servia pra mim; como não tinha carro (...) aí ficava difícil. Eu achava que não tinha nada a ver (...) como o rapaz não tinha carro não servia pra mim, a gente era de uma tal classe e o rapaz era de outra classe".

(21)

"... era casado, e eu namorei com ele... Aí ele (o pai) assim, me tirou do colégio ... disse que ia me colocar no juizado de menores, que não me queria mais dentro de casa. Pra você ver, o nível como foi, papai pegou esse cara (um biscoiteiro, subempregado) e botou pra me seguir (...) Foi realmente um namoro; (o) mesmo que (se) eu tivesse namorado com um menino de 17 anos. Ele (o namorado) nunca assim ... tinha o maior respeito por mim, nunca

assim, tentou nada de manter uma relação sexual comigo. Nada em relação a isso, foi um namoro assim, como um namoro qualquer, de mãozinha dada, de passear, assim, nunca houve nada de mais sério, porque ele inclusive gostava de mim ..."

(22)

"Ele era uma pessoa casada (...) esse namorado que eu tive (...) papai descobriu e disse: '(...) eu não quero saber de você com ele' (...) papai botou X (uma pessoa) atrás de mim ..."

(23)

"... papai já fazia aquele negócio: '... quando você for namorar olhe o rapaz, seja exigente, não é qualquer um que apareça pra namorar não'..."

(24)

"A gente namorou, sem papai e mamãe querer a gente namorou (...) tinha muita repressão, eu 'tava sendo muito vigiada, sabe (...) eu me sentia ... sabe, eu estava revoltada, aí sentia vontade de desabafar, sabe".

(25)

Idade, profissão, cor, são alguns dos requisitos que fazem com que o rapaz seja aceito ou não pela família da moça. O que se constata nos depoimentos acima é que, o nível sócio-econômico também é muito levado em consideração. Valoriza-se o rapaz que possui um carro, já que isto é um indicador do seu poder aquisitivo. Numa sociedade de consumo e altamente competitiva como a nossa, a ascensão social é sempre almejada. Em se tratando de famílias dos Setores Intermediários da sociedade, o casamento de um membro com outro de nível sócio-econômico mais elevado, propicia esta ascensão.

Enquanto que, há proibição explícita em relação a uns namorados, já para outros há aceitação por parte dos pais. Veja-se nos depoimentos que se seguem:

"... um cara certinho, na linha que papai e mamãe queria(m) (...) ele era loiro, não é que eu procurei(a) ele, mas eu gostei dele sabe, assim, não porque ele seguia justamente as normas de papai, ele não era muito mais velho 'do' que eu, sabe..."

(26)

"(A mãe disse) 'Ele é um menino muito bom, muito diferente, trabalha, a família, a gente conhece'. Mamãe

viu que era de boa família, que trabalhava, tinha boas intenções (para) comigo..."

(27)

"Comecei a namorar com um cara, realmente esse não tem nada de errado para papai; tem um carro, faz segundo ano de faculdade, tem X anos (entre 15 e 21) quer dizer, não tem nada pra papai (ir contra), é de boa família".

(28)

"... o rapaz tão bonzinho, educado (...) tem um carro, 'tá com tudo, sabe ... (a família) olha mais essas coisas (...) (Se) o homem tem dinheiro (...) Se for feio, pode ser feio como for: teve dinheiro, 'teve' quase tudo. O que é que adianta (se) eu olhando pra cara do homem chega a me dar náuseas; somente pelo carro".

(29)

"Eles (os pais)'tão satisfeitiíísimos, até demais. O que eles comentam e (a) que dão o maior ponto é por que esse meu namorado (...) desde os X anos (entre 10 e 15 anos de idade) que ele trabalha, a família dele (está) muito bem, mas eles trabalham pra ter sua independência; muito bem financeiramente..."

(30)

"... ele é uma pessoa ótima, muito direitinho, de boa família ..."

(31)

"Papai é muito ... desses que, se a gente disser 'tô namorando, ele faz a ficha todinha do homem e diz a gente: 'Fez isso, fez aquilo, tem carro, tem isso, tem aquilo, tem aquilo outro', sabe".

(32)

Embora se possa até supor, no caso de algumas poucas famílias, que haja uma atitude mais democrática por parte dos pais, o que se comprova, mais uma vez pelos dados aqui apresentados, é a expectativa dos pais em relação aos namorados de suas filhas. Ser de boa família, família conhecida, estar trabalhando, ser estudante universitário, direito, possuidor de carro e dinheiro, são alguns dos requisitos que se espera dos rapazes, namorados de algumas dessas jovens. Percebe-se que, no lastro de tal expectativa está o aspecto econômico. Numa sociedade patriarcal como a nossa, o nível sócio-econômico da família é basicamente determinado pelo poder aquisitivo do homem. Logo, torna-se compreensível — embora não necessariamente justificada —

a preocupação dos pais em relação aos namorados de suas filhas, já que são possíveis pretendentes, a um casamento futuro. E o casamento poderá manter, elevar ou rebaixar o "status" atingido pela família. Com tudo isto fica clara a importância atribuída ao namoro, como uma etapa inicial de um processo que levará até o casamento. É importante se ter um namorado que preencha os requisitos do futuro esposo, requisitos esses que já foram expostos acima. Fazendo um estudo sócio-histórico a respeito do namoro, Azevedo (1981) mostra que sempre houve uma preocupação com a escolha do namorado, como uma forma de se obter êxito no casamento. Veja - mos o depoimento dele a esse respeito:

"Embora se acredite que o êxito do casamento é questão de sorte que escapa a toda previsão humana, algo dependente da vontade divina - "casamento e morte - lha no céu se talha" - na escolha de namorados e de noivos recomenda-se (...) procurar a perfeita compatibilidade de condições individuais e familiares" (p. 244).

Sabe-se que, na família extensa, o patrimônio comum era transmitido pelo casamento no próprio grupo; na família nuclear já não há a preocupação em preservar o patrimônio comum, há uma ênfase na liberdade de escolha dos cônjuges. Apesar disso, nesta última, existe uma preocupação em se realizar um casamento com pessoa que possua recursos, de forma que os cônjuges possam se manter sozinhos, independentes de ajuda financeira dos genitores.

Apesar de algumas jovens perceberem a influência dos pais nas suas escolhas, torna-se difícil reagir posicionando-se em sentido contrário, já que houve uma aprendizagem anterior de submissão, de obediência à autoridade dos pais, principalmente àquela paterna.

Ainda referente a namorado, três jovens colocaram uma terceira posição assumida por seus pais — diferente das duas posições anteriores: a de proibição e a de aceitação do namoro, ambas em função dos defeitos ou das qualidades do namorado — , que leva a desentendimentos e conflitos entre eles e elas. Por gostarem demais dos namorados

das filhas, em alguns casos, ou mesmo dos possíveis namorados, os pais não aceitam que elas acabem o namoro, ou que rejeitem um possível pretendente, que seja possuidor de qualidades que os pais consideraram essenciais. Nos três casos, enfrentando a autoridade, a pressão, dos genitores, elas conseguiram fazer valer a sua decisão. Mostrando como viveram essa experiência, elas falaram:

"... aí mamãe se apegou demais a ele (...) papai também adorava, era como se fosse um filho, dentro de casa, como se fosse uma pessoa da família. Aí comecei a namorar com ele (...) daí mamãe se apegou demais, papai também gostava dele (...) Eu tomei essa decisão: Vou terminar e acabou-se. Olha, cadê que mamãe compreendia: 'Mas não é possível, você quer o quê; namora há X anos, depois que o cara fala em casamento, quer noivar com você, quer casar com você, você quer dar um chute nele?' Não entrava na cabeça dela, de jeito nenhum, e ainda por cima ele era um filho pra ela. Olha, mamãe deixou de falar comigo, passou um dia inteirinho com raiva, porque não entrava na cabeça dela: 'Você quer o quê, você quer ficar por aí namorando com um, namorando com outro, o cara vem com um negócio sério com você, quer casar com você, e você joga fora um negócio desse? O que é que você tem na cabeça?' Não entendeu realmente a razão porque eu não queria mais. E realmente eu terminei o namoro ..."

(33)

"Não vai dar certo, eu não vou namorar com ele pra me contrariar, nem pra satisfazer a mamãe (...) Mas eu digo assim: 'A senhora não tem que dizer nada, quem vai namorar com ele não sou eu?' Então pronto (...) quem ia namorar com ele era eu. 'Por uma parte eu ia me sujeitar porque agradava à senhora? De jeito nenhum !'..."

(34)

"No dia (em) que eu disse a mamãe: 'Mamãe, eu vou acabar o namoro porque eu não agüento mais não, não posso nem olhar pra cara dele', aí mamãe: 'Não faça um negócio desse, pelo amor de Deus' (...) Quando mamãe disse a papai que eu tinha acabado o namoro, esse homem deu um pulo: 'Olhe, se você está pensando que acabou pra namorar com esses vagabundinhos por aí, nem invente tão cedo de namorar dentro de casa porque isso não dá certo'..."

(35)

ideal mostram quais as características que são aceitas ou rejeitadas pela família. A manifestação, por parte do jovem namorado, de intenções de um possível casamento, é um indicador do quanto ele está bem intencionado em relação à jovem; este fato constitui mais um elemento fundamental para a aceitação do rapaz, pela família dela. Afinal, para a família da jovem, o namoro deveria ser, de certa forma, um casamento potencial.

c) O Binômio Confiança-Desconfiança

Neste subtema, agrupam-se variadas experiências das jovens, nas quais elas puderam captar seja a confiança, a hesitação ou a desconfiança, e a incerteza dos pais, no que concerne ao relacionamento e à liberdade de circulação da jovem com o seu namorado.

Outra fonte de conflito entre pais e filhas diz respeito à imposição, por parte dos pais, de que as jovens, ao saírem com seus namorados, estejam acompanhadas por outras pessoas. Esse problema foi levantado por elas, em diferentes momentos das entrevistas, da seguinte forma:

"Mamãe sempre ia com a gente, sabe. Papai, nunca deixou eu sair com namorado sozinha, ou ia uma 'vela', ou então ela me acompanhava. Agora (...) vai uma amiga minha, meu irmão, mas sempre uma pessoa"

"Quando eu estou com namorado, piorou mais ainda, aí é que ela não deixa eu sair mesmo, só deixa se for com X ou Y (pessoas da família, mais velhas). Se der um passo daqui pra ali com o namorado, a casa cai". (37)

"Meu pai deixa a gente sair só; só assim, eu, ele (namorado), minha irmã e o namorado dela". (38)

"Lá em casa sempre teve essa frescura pra sair sozinha com o namorado (...) esse negócio de 'não sair sozinha; não sai', fico em casa, sempre (...) não dá pra gente sair sozinho os dois, eu tenho que levar X (uma parente). Ele (o namorado) detesta 'vela', eu também detesto, mas era melhor do que ficar em casa, a gente 'tava a fim de sair..." (39)

"Ela (a mãe) me prende muito, e nem com X (amiga mais velha) às vezes, eu posso sair. (E com o namorado, você pode sair?) Não, só se for com minha irmã".

(40)

"Antigamente (há dois anos atrás) sair sozinha com o namorado eu não podia".

(41)

"Uma vez eu estava com meu namorado, aí a gente resolveu ir pra (uma casa de lanches) (...) sem pensar (...) eu e ele sozinhos, a pé. Quando cheguei em casa, olhe, foi uma discussão, porque papai foi totalmente contra. Papai brigou demais; foi de briga, umas duas horas seguidas. Ele dizia que a gente devia ter pedido pra sair, que às vezes eu faço coisas sem pensar".

(42)

"Mamãe às vezes fica calada, mas esse negócio de sair só com namorado ela diz que também não pode, porque não conhece a família (do rapaz), inventa um bando de coisas".

(43)

"Com namorado ele (o pai) não deixa eu sair, de jeito nenhum".

(44)

"Sozinha não saio de maneira nenhuma, principalmente de noite. Aí pronto, eu acho que já tenho X anos e eu acho, eu penso que já sei o que é que eu faço (...). Mamãe não, mamãe não pensa assim. Principalmente com namorado; com namorado pra ir daqui pra esquina tem que ir com uma pessoa do lado, ela não deixa em hipótese alguma, de maneira nenhuma ir só com o namorado (...). E com namorado piorou a situação, com namorado ela não deixa de maneira alguma".

(45)

Entre as demais jovens entrevistadas que não fizeram referência a esta forma de controle da família, encontram-se aquelas que só possuem autorização para namorar em casa, não sendo possível sair, de forma alguma com o namorado. Algumas jovens fizeram questão de frisar a sua percepção da falta de confiança dos pais para com elas. Daí a proibição para saírem sozinhas com os namorados. Acompanhem seus relatos:

"(...) Papai 'tava dando uma confiança vigiada. Ele na minha frente demonstrava que confiava, mas quando eu saía era horrível, sabe, até para ir (a um

determinado lugar), fazer alguma coisa, eu notava que tinha alguém me vigiando. Quantas e quantas vezes eu vi X (um parente) atrás de mim, quantas e quantas vezes eu vi Y (outro parente) sabe... X (um parente) 'tava me vigiando. Olha, parecia até que eu estava fazendo uma coisa errada, sabe. É horrível a gente sentir que está sendo vigiada, sabe. É horrível; eu sabia que tinha alguém atrás de mim; olha, tinha uma pessoa atrás de mim, parecia coisa de cinema, sabe".

(46)

"Ela (a mãe) não confia de jeito nenhum, acha que eu me abro demais com as pessoas".

(47)

"... fico pensando porque ela (a mãe) fica desconfiada de mim ... porque ela é muito desconfiada... quando vou sair ela pergunta pra onde eu vou, com quem eu vou, mas está tão desconfiada de mim, eu não gosto não (...) porque a gente (...) dá toda confiança a ela e ela não dá nenhuma a gente, eu acho, que é querer demais".

(48)

"... ela (a mãe) confia mais em minha irmã 'do' que em mim (...) porque ela diz que eu sou muito assim ... me dou com muita facilidade entendeu, converso com todo mundo".

(49)

"Ele (o pai) diz que não confia no cara (o namorado) que o cara leva a gente pra algum lugar (...) diz que tudo pode acontecer quando a gente 'tá só (...) Ele disse que não confia no cara, mas eu tenho certeza que ele também não confia na gente, porque se confiasse seria mais fácil. Eu acho que ele nem confia em mim, nem confia em meu namorado".

(50)

"... aí ela disse: 'Olhe, qualquer dia desses eu vou atrás de vocês pra saber o que vocês estão fazendo'; eu digo: 'Pode ir que eu não faço nada de mais!...'".

(51)

"... papai pegou esse cara, e botou pra me seguir. Todo dia de manhã quando eu saía de casa, (o cara) ia atrás de mim".

(52)

Convém ressaltar que, em um dos depoimentos acima, há um posicionamento de uma jovem que reivindica mais confiança por parte da mãe. Tratando-se de um relacionamento radio entre pessoas, em pé de igualdade, o esperado é que ocorra então a reciprocidade: à medida que ela deposita

confiança na mãe, esta a retribuíria, por sua vez para a filha. Isto não ocorrendo, reforça-se desta forma, a posição estabelecida entre dominador e dominado.

Expressões como "eu me dou com muita facilidade", "eu me abro demais com as pessoas", denotam uma forma de relacionamento entre pessoas. Pode-se traduzir essas expressões em ser extrovertida, ser comunicativa, traços esses de personalidade que geram preocupações e temores por parte dos genitores.

Tão somente duas jovens e apenas estas, afirmaram perceber que seus pais depositam confiança nelas, em relação ao seu modo de agir com namorados.

"... mamãe faz questão de deixar bem claro: 'Olha X, confio em você, confio nele, não é o caso de chegar ... se tiver de acontecer, fazer alguma coisa (sexo), até (ao)meio dia (acontece)!' Eles realmente (confiam) ... isso daí (desconfiança) não!" (53)

"Ele já disse até que confiava em mim: 'Olhe, eu confio em você, sei que você não vai fazer nada, você é dona de uma cabeça, anda muito na linha', eu confio muito em você' ..." (54)

Apesar de se afirmar o oposto, o controle continua a existir, de forma mais sutil. À medida em que os pais verbalizam a certeza de que ela "não vai fazer nada", de que ela "anda muito na linha", reforçam positivamente o comportamento que esperam de suas filhas.

A liberdade tem sido almejada por algumas entrevistadas. Mas, por já estarem condicionadas a um padrão de família autocrático, onde o controle se exerce de uma forma mais acentuada, tal aspiração é bem limitada. Este fato se constata nos seguintes depoimentos:

"É justamente isso, da minha liberdade, sabe, eu não acho que ela (mãe) dá uma liberdade que possa ser ... não é liberdade de me soltar assim, e tudo ... mas como dizem né, liberdade com responsabilidade. (...) Não tenho uma liberdade (como a) que ela podia dar, não". (55)

"Mas esse negócio de sair, ter liberdade ... por que eu acho que a gente não deve ter liberdade totalmente, lógico, não deve ser tão liberal, por que deve ter uma pessoa pra mandar na gente, lógico ..."

(56)

As normas sociais já forma introjetadas. Desta forma, as jovens aspiram a uma liberdade condicionada a um modelo de comportamento, que implica em não ficar "solta", ou seja, sem obedecer a alguém. O peso das normas sociais é tão grande que, após uma experiência dolorosa em que enfrentou a autoridade dos pais, indo de encontro às suas ordens, uma jovem afirmou:

"A gente nunca deve lutar contra os padrões normais da sociedades, porque sempre dá errado. Por uma parte eu vejo que eu aprendi muita coisa, adquiri muita experiência, sofri ..."

(57)

O que se percebe neste depoimento, é uma posição de conformismo assumida pela jovem, diante de dificuldades experienciadas. Essa é porém uma atitude questionável e perigosa, nem sempre se constituindo no melhor caminho para a adequada solução dos problemas. Talvez seja mais cômodo assumir uma postura conformista, no entanto, dessa forma, alimenta-se a tendência de se cristalizar os padrões de comportamento já consagrados socialmente e que nem sempre coincidem com a melhor opção. Note-se que as tão desejadas mudanças, só poderão ocorrer com atitudes mais desafiadoras, mais questionadoras.

d) O Desafio Chamado Namoro

No presente subtema procurou-se agrupar algumas experiências das jovens, nas quais se observa o namoro constituindo-se como uma típica situação-desafio para elas, diante das concepções e postura dos pais. Há jovens que criam estratégias para "evitar" as proibições, relativas ao namoro; outras, renunciam diante dessas proibições ,

e poucas são aquelas que encontram forças para se contrapor às mesmas e levar adiante os seus compromissos afetivos : proibição de conversar, ameaças de tirar do colégio, de afastar as filhas de casa, colocar pessoas para vigiar, são alguns recursos de que lançam mão os pais, para impedir o namoro das filhas. Diante desta posição autoritária e repressiva por parte deles, as atitudes das filhas são diferentes. Umas, mais submissas, não encontrando coragem para reagir, acatam as ordens dos pais:

"Papai só deixou a gente namorar um mês, depois mandou acabar. Aí eu acabei com ele, eu disse a ele que queria acabar porque descobri que não gostava dele; mas era conversa, eu gostava muito dele. Eu pensei que fosse durar (...), eu estava confiante porque eu adorava ele. Aí meu pai mandou acabar, tinha que acabar".

(58)

"Tem vez que meu pai fala que "não quer", aí eu esqueço totalmente, sabe. Se papai não quer..."

(59)

"Eu estava achando que eles estavam certos porque eles eram meus pais, pelo fato deles serem meus pais eles estavam certos (...) mas ... era covardia, falta de coragem que eu tinha de reagir, aguentava tudo só (...) eu só tinha coragem de dizer a mamãe".

(60)

Uma única jovem, encontrou forças para se contrapor aos pais, embora enfrentando chantagens e ameaças, próprias de uma postura autoritária:

"Papai ... ele não era de chegar pra mim e falar, ele falava com mamãe: 'Se ela não terminar esse namoro, eu tiro ela da faculdade ...', mas foi uma confusão tão grande (...) Eu disse: ' Não, eu sei cuidar da minha vida, não vou terminar esse namoro' (...) dessa vez não, se for assim eu vou me acomodando, me acomodando, eles vão tomar conta da minha vida".

(61)

Outras, não podendo enfrentar a autoridade dos pais — algumas até por explícita falta de coragem — partem para o recurso de namorar escondido, usando a menti-

ra como estratégia pra sair de casa e se encontrar com o ra
paz:

"Aí papai disse que não podia de jeito nenhum namo-
rar com ele. Mas eu nem liguei, né, continuei a nã-
morar, já tinha começado mesmo. Aí namorava escondi-
do, porque meu pai não deixava a gente ir lá pra
casa, não queria que eu namorasse com ele, aí eu
namorava escondido".

(62)

"... o rapaz me pediu em namoro, e eu aceitei; ela
(mãe) não vai deixar, então eu vou namorar escondi-
do; aí namorei escondido ... (Ela nunca soube que
você namorou?) Nunca; eu não sei sabe, ela é toda
desconfiada, eu não sei como ela nunca desconfiou
que eu estivesse namorando escondido, sabe. Eu na-
morei escondido até aos X anos, ela nunca, nunca
desconfiou".

(63)

"(Eles aceitaram o seu namoro?) ... namorei até
escondido..."

(64)

"Eu me sentia mal mentindo, mas eu via que era o
jeito pra eu continuar namorando com esse menino ;
só mentindo".

(65)

"... muitos dos meus namorados papai nunca soube
(de sua existência), nem eu comento. É muito difí-
cil eu dizer a ele, eu não digo não ..."

(66)

"Quando eu estou com namorado escondido, aí pa-
pai fica falando assim ... eu fico com vontade de
falar pra ele que eu 'tou com um namorado ... nun-
ca mais namorei escondido ..."

(67)

A exigência dos pais leva a uma situação de
conflito interior da jovem. É o que se passa com uma delas,
ao declarar que se sente mal tendo que mentir . No entanto,
é talvez a única alternativa possível diante de uma situa-
ção de repressão. Há também situações vividas por outras jo-
vens que nada contam a seus pais a respeito de seus namora-
dos. Vai se criando, desta forma, uma barreira que dificul-
ta o relacionamento e a comunicação entre pais e filhas.

Houve inclusive entrevistandas que fizeram

referência à atração que sentem diante de proibições, como nestes casos, de convivência com alguns namorados. Vejamos o que elas dizem:

"É o gosto pelo proibido, né. Sempre a gente tem que fazer uma coisa na vida que seja proibida, aí já viu né. As coisas proibidas são erradas, quando a gente procura as erradas, aí já viu, né, entra numa !!! Eu sabia que era errado, eu achava horrível isso, quando eu parava pra pensar ... mas é o gosto pelo proibido".

(68)

"... uma coisa proibida é mais gostosa, compreendeu. Então se eles (os pais) proibirem de eu fazer isso, eles sabem que eu vou sentir maior desejo de fazer, compreendeu? (...) O fruto proibido é mais gostoso, se ela proibir, a coisa se torna mais ... assim ... mais arriscada, mais perigosa, mais ... gostosa de fato".

(69)

"Sair só com o namorado ... quando puder, a gente não sente mais vontade, né, eu acho que eu sinto vontade porque eu sei que ela não deixa, sabe. Sei que eu não posso, aí é que eu sinto vontade mesmo. Quando eu estiver assim, com 18 anos, maioridade, eu sei que ela vai deixar mas eu não vou sentir mais vontade de fazer aquilo, sabe".

(70)

Em um dos depoimentos acima, a jovem dá uma conotação negativa, ao associar o proibido ao errado; isto se verifica após uma experiência anterior, em que ela enfrenta as proibições da família. Na realidade, as proibições são estruturadas socialmente, e veiculadas pela família, primeiro grupo social a que pertencemos. No entanto, nem sempre elas têm uma lógica ao existir, nem se baseia em dados reais. Podem ser frutos de preconceitos sociais.

Importante também ressaltar, a afirmação de que a vontade é maior diante de algo que é proibido. Consideramos importante esses dois aspectos dos binômios "proibido = errado", "proibido = desejado", para se perceberem os efeitos da socialização nas jovens.

e) Atitudes, Valores e Diretrizes
Educacionais dos Pais

Neste último subtema , buscou-se descer a aspectos particulares, de significação, presentes na ação dos genitores. Pesquisou-se a relação entre o namorado da filha, por um lado, e por outro, os principais temores dos pais, o tabu da virgindade, o espantinho da gravidez enquanto solteira, problemas de possessão e ciúmes dos genitores, prestação de contas à sociedade, caminhos educacionais preferidos, formas de educação sexual escolhidas, e por fim, o problema da atitude submissa da mulher no lar.

Como já foi visto anteriormente, os pais fixam limites de conduta e tentam controlar rigorosamente o comportamento de suas filhas em relação a namoro. Perguntamo-nos: o que leva os pais a agirem dessa forma? Que preocupações e temores são vividos por eles? As declarações que se seguem expressam com clareza, as razões de tais atitudes dos pais para com as filhas:

"(Você sabe por que sua mãe age assim, proibindo-lhe de sair?) Pode ser por causa da criação dela né ... eu não sei, pode ser que ... é, são tantos os casos que acontecem aí no mundo né, morte, acidente, essas coisas todas né, porque uma colega minha casou grávida sabe, aí pronto, ela: 'Não vá por isso não', e eu digo: 'mamãe, não sou nenhuma criança pra ir pela cabeça dos outros. Só porque ela (a colega) fez isso .. ela fez porque ela gostava dele, se a menina fez isso era porque gostava. Mas a gente faz se quiser, não é obrigado não'. É mais por causa disso, sabe".

(71)

"Ela diz que essas menininhas de hoje em dia estão muito soltas, por isso fazem do que fazem, entendeu (...). Se sair sozinha, tarde, com o namorado entendeu, ela já está pensando que está fazendo outras coisas (Sexo?). É, é sempre sexo (...). Ela diz: 'Essas menininhas soltas por aí, que têm muita liberdade, que ninguém manda nelas, que o pai e a mãe não se incomodam', essas ela já não acha certas".

(72)

"Às vezes ela fica falando das meninas que casam grávidas (...). (Uma pessoa da família) casou grávi

da, Nossa Senhora, foi um absurdo na família (...). O pior é que ela era presa; 'tá vendo, prende de - mais, quando solta ... (...) ela era super-presa , tinha X anos (menos de 18), casou grávida, aí a família fica toda assustada".

(73)

"Ele (o pai) tem medo que aconteça assim, alguma coisa, um relacionamento mais forte entre a gente (ela e o namorado)(...). Meu pai acha que é capaz de acontecer uma coisa mais grave entre a gente. (Uma coisa mais grave seria uma relação sexual?) Sim, eu acho que só pode ser isso, né".

(74)

"Não pode (posso) sair com ele (o namorado) sozinha (...) ela (a mãe) acha que, se eu sair, eu vou fazer ... coisas erradas com ele".

(75)

"Eu já tive uma (parente), ela se casou muito cedo, porque ficou grávida e tal, aí se casou. De vez em quando a gente falava sobre isso, aí eu ria, e dizia: 'Ela foi apressada, não conseguiu esperar, 'tá vendo no que deu!' (...) Papai ficou danado também com esse casamento".

(76)

"Ao sair sozinha com o namorado, (o pai) disse que nunca ia me perdoar se tivesse acontecido alguma coisa ... a mentalidade de papai ...".

(77)

"(Ele diz que) tenha juízo, porque esse rapaz só quer se aproveitar...".

(78)

Em todos esses depoimentos há os temores, por parte dos pais, de que as filhas venham a ficar grávidas. Essa parece ter sido a principal razão de tanto controle para com as jovens e seus namorados. Os vários casos de gravidez anterior ao casamento, que ocorreram com outros parentes ou pessoas amigas da família assustam bastante aos pais, que vêem o perigo do mesmo vir a acontecer com suas filhas. Isto também implica numa preocupação deles com a virgindade, como se verá mais adiante.

Dentro desse rigoroso sistema de controle sexual baseado no temor, somente três entrevistadas colocaram a possibilidade de, ficando grávidas, terem o apoio dos pais; mas mesmo assim, para algumas, com várias restrições,

como se pode perceber nos trechos a seguir:

"... Deus me livre, mas se um dia por exemplo eu ficasse grávida, eu acho que ... lá em casa, mamãe disse que, se isto acontecesse, eu poderia ter o maior apoio dela. Porque não era porque eu ia ter errado, — ela chama isso de erro, vamos chamar de erro — (ri), não era porque eu ia ter errado que ela ia me desprezar, tudinho, não; ela ia me dar o maior apoio, e dar muito mais amor e carinho do que ela dava antes, certo, porque eu ia precisar, (...) mas sempre minha mãe ia ter uma mágoa (...) Papai disse que tudo bem, só que eu ia ter de trabalhar pra me virar, porque ele não ia sustentar neto, porque ele só tem que sustentar filho".

(79)

"... Eu vou citar um exemplo, que acontece no mundo de hoje (...) se eu ficasse grávida, eu tenho certeza que papai é do tipo de pessoa que jamais me botaria fora de casa..."

(80)

"(Sobre ficar grávida solteira) ... se acontecesse alguma coisa desse tipo aqui em casa, ou alguma das meninas engravidasse, qualquer coisa desse tipo, eu sei que na "hora H" ele (o pai) ia ficar ma goadíssimo, chateadíssimo, tudo, mas não ia dar as costas não, porque eu conheço papai... apesar de não dar as costas, ele estaria sendo completamente contrário, sabe, não admite esse tipo de coisa de maneira nenhuma, sabe".

(81)

Apesar da expectativa de apoio por parte dos pais, elas também revelam a mágoa, o sentimento de tristeza que eles provavelmente teriam diante da gravidez das filhas. No caso do primeiro entre esses três últimos depoimentos, é válido ressaltar a postura que presumivelmente seria assumida pelo pai da jovem, diante de uma possível gravidez. Acreditamos que, por se tratar de uma família dos Setores Intermediários da sociedade, a possibilidade de aumentar o número de dependentes, de forma socialmente reprovada, é recusada pelo chefe da família; promete-se, inclusive, uma punição financeira exemplar. Se a filha solteira vier a ter um filho, deverá trabalhar e assumir as despesas dessa criança. Observa-se a fragilidade econômica da figura feminina dentro de uma família tipicamente patriarcal, onde o sustento

financeiro e conseqüentemente as decisões máximas, cabem ao homem, ao pai.

A condenação moral e econômica existe; no entanto, falta o antecedente à condenação, que é a instrução, a explicação e educação sexual, incluindo os meios anticoncepcionais.

A falta de orientação sexual nas famílias foi denunciada pelas entrevistadas. A dificuldade dos pais é grande para falar sobre o assunto, de forma que se omitem de conversar a esse respeito. Além disso, elas mostram a incoerência deles, quando exigem determinado comportamento das filhas em relação a sexo, sem no entanto darem prévias informações para tal coisa. Os grupos de amigos, a turminha, os irmãos, os livros, o colégio e, para uma entrevistada, também a orientadora educacional, aparecem como os recursos de que se utilizam essas jovens, para conversar, tirar dúvidas e obter informações sobre sexo. A questão da falta de iniciativa dos pais, para dar tais informações, aparece nos depoimentos a seguir:

"Assim, sobre sexo, ela nunca falou nada. Ela acha uma coisa muito, é ... espantosa, muito assim ... que a gente não deve saber muito das coisas. Acha que a gente não sabe de nada (...). A gente aprende aonde (onde): no colégio, por aí (...) converso com amigas; mas dentro de casa, não tiro dúvidas. Eu nunca tirei uma dúvida assim de sexo, ou igual. Agora, se acontece (acontecer) alguma coisa errada quem tem culpa é ela, porque ela não falou nada pra gente, não disse nada a gente. Agora, se a gente chega pra ela e diz isso, ela diz: 'Não, vocês não perguntaram nada!' Pô, a gente fica até envergonhada, porque falar assim de sexo com uma pessoa que nunca falou assim com a gente ... a gente fica até envergonhada. Aí eu não converso nada, ninguém (...). Eu gosto muito de conversar assim (sobre sexo), mas com a minha família eu não gosto não".

(82)

"Uma coisa que eu discordo muito com eles também, porque mamãe não ensinou a gente, sei lá, mamãe não conversa com a gente, sabe, assim em termos de ... menstruação mesmo, minha irmã soube pelas colegas, eu soube por colegas de colégio, mamãe nunca chega a conversar, falar de sexo, nunca... sempre foi assim, distante, e papai também com meus irmãos, sabe

(Com quem você aprendeu sobre menstruação, sexo?) Com minhas colegas, minhas irmãs, as mais velhas ajudavam, mamãe nunca chegou pra isso. Eu não sei por que, né, eles têm medo, é a criação de - les, eu acho que foi assim, então é difícil eles serem ... eles também não viram como a gente 'tá vendo agora (...). A gente foi aprendendo assim, através de amigos, através de outras pessoas. Eu acho muito errado, eu acho que deveria ser os pais, os próprios pais, seria muito melhor do que a gente dar cabeçada, assim. A gente termina apanhando mais ..."

(83)

"Agora, uma coisa que ela não fala nadinha é sobre sexo, de maneira nenhuma, ela e papai, de maneira nenhuma. Ela fala assim, por cima, quer dizer ... se num programa de televisão aparece ... papai: 'Esse programa não está prestando não, vamos mudar pra outro', aí muda. Não tem jeito, revista lá em casa não entra nem por misericórdia. É uma besteira maior do mundo quanto a esse negócio de sexo; nadinha, e mamãe também, mamãe não fala de maneira nenhuma. (Nunca conversam com você?) Nunca; papai ... piorou, de maneira nenhuma, não toca no assunto. Às vezes eu digo, eu acho errado isso, se ela quer criar a gente certinha até o casamento ... (Certinha é ser virgem?) É, pronto; então ela devia prevenir a gente pra gente não ... não é mesmo, já que ela quer, eu entendo o jeito dela, ela foi criada assim. Mas já que ela queria, ela devia falar pra gente, que a gente devia fazer isso, devia fazer aquilo, devia ter um diálogo mais aberto, pra gente ir vendo mais o que ... o que ... ficava mais prevenida, lógico. É sabia como evitar uma situação dessa".

(84)

"Agora, eu acho tão ... lógico que a gente sempre fala com as meninas né, com a turminha, a gente descobre, né, quantas pessoas sabem (...) a gente descobre né; não devia ser em casa mesmo? É a maior besteira. A gente devia crescer vendo, já se acostumando com aquilo né, com a idéia, tudinho, já sabendo o que era certo, o que era errado, mas não ... no fim ..."

(85)

"Eu me lembro quando eu fiquei a primeira vez menstruada, aí ela: -'Olhe, não conte a ninguém viu, nem a seus amigos conte'. E eu, -' 'tá ', e eu já sabia oh... (faz gesto indicando muito tempo). -'E você já sabia?' -'Mas nada ('tá por fora) mamãe' (...) Ela pensava que eu não sabia. (Essas informações são sempre dadas no colégio?) No colégio, eu estudava no (nome do colégio) e as meninas mais velhas do que eu ... (davam as informações). A gente se dá tão bem com X (a orientadora educacional

do atual colégio), uma vez a gente passou a tarde toda conversando sobre sexo com ela, eu e as meninas".

(86)

"É muito difícil a gente puxar um papo assim ... assunto de sexo, essas coisas assim com ele (o pai), porque ele não dá chance não, sabe, nem quando a gente puxa (conversa) ele também não corta não, sabe. É, ele não dá chance assim, sabe. Ele quando vai falar de alguma coisa ele faz uma enrolada (...) Aí eu fiz um bocado de perguntas a ele; no começo ele ficou meio enrolado, assim; agora a gente nota, ele fala muito por alto, a gente nota que é dele mesmo, pelo fato dele ser muito trançado".

(87)

"Eu não pergunto tanta coisa a ela não, porque eu leio muito, entende, eu leio muito ... porque tem determinadas coisas que, se eu fosse perguntar a ela, ela já ia né ... olhar assim pra mim ...meia (meio)desconfiada, né (rindo). As coisas mais triviais assim é que eu pergunto a ela, tá entendendo? Eu leio muito sobre sexo, porque é muito bom a gente saber, né".

(88)

"Eu nunca cheguei pra conversar (com os pais) não, converso com duas pessoas, duas amigas minhas, converso muito sobre isso, a gente conversa muito, porque a gente tem maneira de pensar muito parecida e tudo, sabe. E às vezes fica aquela dúvida na cabeça: 'Pô, 'tá certo, não 'tá, e agora como é que é?' E até mesmo, ... sei lá, qualquer dúvida (...) com o pessoal de casa esse tipo de coisa... não tem sentido, não se conversa não, sabe; (pois) que é uma conversa que não existe, só o contrário".

(89)

Será que existe coerência na posição dos pais? Por um lado exigem que as filhas evitem a gravidez, mas por outro, não dão nenhuma informação clara a esse respeito.

Pode-se concluir, por todo o exposto, que é muito difícil para os pais abordarem com suas filhas, um tema que ainda se constitui em tabu para eles. As críticas, por esta omissão, estão sendo feitas por elas, que procuram suprir esta falta com os recursos de que dispõem.

Também constata-se a omissão da escola, como fonte de orientação sexual. Na maioria dos casos, a escola apenas propicia o contato com as amigas, com as colegas mais velhas, que na realidade, quando solicitadas, são as verdadeiras 'professoras', que prestam as informações desejadas.

As seguintes declarações mostram que a virgindade pode ser tema motivador de conflito entre pais e filhas:

"Eu acho que é a coisa (a) que ela mais dá valor numa moça, é a virgindade. (...) Ela diz que (o que) a gente tem de mais precioso em cima da gente: a virgindade. Eu luto muito pra ... não deixar minha mãe fazer minha cabeça... mas é porque às vezes a gente diz assim, que a gente é independente, tudinho, não adianta esses preconceitos e tabus, mas na "hora H", a mãe da gente aperta na cabeça da gente, não é? Foi uma coisa que ... eu procuro conversar com ela ... é a criação, 'tá entendendo, eu não consigo ... Pronto, muitas coisas eu já consegui vencer minha mãe, derrubar muitos tabus que ela tem, mas esses ... olhe que ... da virgindade... minha mãe dá um valor imenso".

(90)

"A maior divergência é que ... eu acho que a pessoa deve curtir a vida como achar que deve; se eu 'tiver a fim de transar com um cara aí, eu posso transar, e ela não aceita isso não, sabe; entendeu? Ela acha que deve ser tudo bem-feitinho, só no casamento, só (a partir) daquela noite. (Virgem até o casamento?) É, e eu acho que isso aí é besteira (...) a geração da gente acha desse jeito, e ela não aceita. Aí a gente discorda muito ..."

(91)

"(Em casa) Eu acho que (sexo) não é visto (falado), (ri); dá pra sentir né. Eu acho que é uma coisa que não é vista realmente; principalmente (sexo) antes do casamento; então é uma coisa que ... nem cogitam, né, não pode nem se cogitar. Já eu, vejo as coisas de uma maneira diferente, mas tudo bem, só comigo mesmo, com eles não tem nada a ver".

(92)

Tudo nos leva a crer que a expectativa

dos pais é a de que suas filhas se mantenham virgens até o casamento, já que isto faz parte do padrão ideal de namoro. A esse respeito, Azevedo, autor brasileiro que escreveu sobre o namoro, faz a seguinte afirmação:

"O controle exercido sobre a diade heterossexual durante o namoro tem como referência imediata a preservação da honra, da reputação, da pureza da moça representada, em última análise, pela virgindade como supremo bem de troca para o matrimônio na família burguesa". (p. 239).

É a virgindade o grande valor veiculado nas famílias, e sua preservação leva a uma atitude de rigoroso controle dos pais sobre suas filhas jovens e seus namorados.

Em um dos depoimentos anteriores, fica clara a influência dos pais sobre a filha, no que concerne ao valor da virgindade. Expressões como "não deixar minha mãe fazer minha cabeça", "na hora H a mãe da gente apita na cabeça da gente", denotam essa influência e a consciência da jovem de que ela existe.

Somente uma entrevistanda, única entre as vinte depoentes, colocou a virgindade como sendo um valor para ela; deu a entender ser essa sua postura, autônoma, em relação àquela de seus pais e daqueles que a cercam. No entanto, a fragilidade dos argumentos apresentados, suscita inúmeros questionamentos e mostra que tal postura, longe de ser uma exceção às colocações das demais jovens, vem confirmar a regra; e a regra confirma-se, ao se mostrar que a virgindade e a pureza chegam a ser endeusadas, através de mecanismos não-rationais, que acabam sendo transmitidos, também de forma sutil e imperceptível, às jovens, pelos seus pais e pela sociedade. Acompanhemos a narrativa:

"Eu não tenho de ter um relacionamento mais íntimo com meu namorado, não tem necessidade, porque eu não vou casar com ele, quer dizer, posso vir a casar, mas não vou casar agora. Então não tem necessidade de eu 'tá assim me expondo pra ele, entendeu? Já que a gente não é ... assim, nem mesmo no vo, porque ... não é a importância que os outros

dão, é a importância que eu dou, entendeu? Não que eu ache que a virgindade seja uma coisa bem importante pra os outros, mas pra mim é, pra minha pessoa (...). Quer dizer: a minha cabeça é muito evoluída pros outros, mas em termo meu, não, compreendeu? (...) Pra mim vai ser a maior prova de amor que eu hei de dar a meu marido, é eu ir sem saber; assim ... não 'sem saber' porque a gente sabe, né, a gente tem conhecimento, a gente lê, a gente estuda. Mas, no termo assim, na prática, um relacionamento sexual, eu quero ir sem saber de nada, assim, na prática (...). Na minha cabeça 'tá formado isso, não que meu pai ou minha mãe formaram isso na minha cabeça, nem que eles 'acham' isso ou deixem de achar, mas a minha cabeça é assim, entendeu? Não admito certo tipo de coisa comigo (...). Vai ser a maior prova de amor que (para) o meu marido, ir pura de tudo, entendeu? Não é só virgem ... porque... a gente sabe das coisa, a gente passa a conhecer né, porque tem outras formas de se fazerem as coisas (ri) sem tirar a virgindade, né. Mas eu não faço não, porque é nível de consciência meu; não é meu pai, não é minha mãe, não é meu namorado, não é ninguém, sou eu. Eu não aceito, é a minha cabeça, e acabou-se. (...) Eu só faria as coisas por amor, se tivesse segurança, entendeu".

(93)

Casar virgem e pura aparece, neste depoimento, como sendo uma "prova de amor". A virgindade, algo precioso, deverá ser preservada até o casamento, que representa, para ela, segurança.

Apesar de estar claramente presente a influência dos pais na escala de valores adotada pela filha, esta não se apercebe de que a "sua consciência" se estruturará a partir da aprendizagem de valores defendidos pela sociedade. Estes são transmitidos inicialmente pela família, e secundariamente por outros grupos sociais dos quais se participe, tais como, escola, religião, trabalho, amigos, vizinhança, etc.

Transparece, em outros depoimentos, o tipo de educação que é dada pelas famílias. Expressões como "muito presa", "muito trancada", "ser uma moça 'direitinha'", refletem uma educação autoritária, espelhada, muitas vezes, nos moldes de educação da geração passada. Este é um fato que foi revelado pelas jovens, nos trechos de depoimentos que se seguem:

"É que a gente foi criada assim, presa, desde pequena eu sou presa (...) Eu sempre fui presa, ela (a mãe) nunca me criou no meio da rua brincando, não, era sempre (com uma parente) brincando dentro de casa (...) Ela sempre diz que hoje em dia está tudo moderno, tudo mudado, mas que ela não vai mudar não, ela foi criada assim e quer criar os filhos dela do mesmo jeito que ela foi criada".

(94)

"Desde pequena a gente foi criada assim, uma criação muito rigorosa, sabe".

(95)

"... pelo fato de eu ser (ter sido criada) muito trancada, sabe, mamãe tem muito cuidado, papai tem muito cuidado comigo".

(96)

"... eles querem educar exatamente como eles foram educados, há essa transferência".

(97)

"... eu passear com o pessoal, assim com X (uma amiga), ir pra festa, ele (o pai) não concorda por que ele diz que, na época dele, as moças não saíam".

(98)

"Direitinhas são aquelas que ficam em casa presas, o tempo todinho (...) é como, é ... sair com o namorado, como a gente (que sai acompanhada por outras pessoas), entendeu".

(99)

"... Moça direita (...) que não sai sozinha com um rapaz, que não faz certas coisas, por exemplo, sexo ... (ficar) sozinha com ele, entendeu; que respeite ao máximo o homem, a posição do homem, eu defendo muito a posição da mulher, a mulher tem sempre que ficar igual ao homem, e ela (a mãe) não defende, ela acha que o homem, 'tá superior a tudo, sabe; antigo né, coisa antiga; e eu não acho".

(100)

"Uma moça de família não pode ficar até três horas da manhã num bar com o namorado".

(101)

Muitos pais parecem estar mergulhados numa pobreza imensa de alternativas educacionais que, associada à sua insegurança pessoal, leva-os a espelhar a educação de suas filhas, naquela que receberam; uma educação que

não acompanha a evolução do mundo, as mudanças de valores de uma geração para a outra. A esse respeito, Goode (1970) faz a seguinte colocação:

"Num período de mudança social, a sociedade na qual a criança cresce é diferente daquela em que os seus pais cresceram. Os pais apelam para a sua experiência de crianças como guia, mas a maior parte dela já se tornou irrelevante e os seus padrões já não se aplicam. Mesmo que as coisas não tenham mudado, os dois grupos, pais e filhos, se encontram em pontos diferentes de seu ciclo de vida e vêem de modo diferente muitos tipos de problemas e situações. Assim, pais e jovens estão em pontos diferentes na longa curva temporal de rápida mudança social, e em diferentes pontos de seus próprios ciclos de vida; por esta razão, é inevitável que ocorra algum conflito" (p.133).

Quanto menos os pais estiverem conscientes dessa situação familiar demasiado propícia ao conflito, citada por Goode, tanto mais haverá tendência a eclodirem os conflitos entre genitores e filhos (as). O mesmo ocorrerá, quanto menos os pais se questionarem com relação aos padrões sociais vigentes e aos modelos educacionais adotados.

Duas jovens dão explicações para o comportamento de proibição por parte de seus pais, dizendo o seguinte:

"Mamãe e papai sempre foram muito possessivos com os filhos (...) eu acho que eles têm medo, todos dois sabe; tinha(m) medo do mundo tomar os filhos deles, sabe (...). Eu acho que foi possessão sabe, tudo (a proibição) girou em torno de possessão... e eles não queriam (que a filha namorasse) pra não tomar (tomarem) a filhinha deles".

(102)

"... eu não posso 'tá conversando com rapaz nenhum, é um cuidado, sabe, eles têm ciúme".

(103)

Estes depoimentos vêm a confirmar a idéia, de serem consideradas as filhas como "propriedade exclusiva dos pais". Agir desta forma se explica pelo temor dos pais, de que venham a perder o controle sobre as suas filhas. Tal

temor ameaça a segurança e confiança em si próprios, e no poder e autoridade que possuem, e como reação, leva-os a agir com as filhas, como se elas fossem "propriedade" deles. Esta idéia, que distorce a realidade dos fatos, se estrutura, em algumas famílias, desde muito cedo; à medida que as filhas crescem, tornam-se capazes de perceber tal situação e reagem a isto; geram-se então os conflitos também nessa área.

Denunciam ainda, algumas jovens, que os pais procuram 'dar satisfação' aos outros do comportamento das filhas. Isto os leva a agir exercendo maior controle sobre elas. Desta forma atendem às expectativas dos outros que fazem parte dos seus grupos sociais, quer sejam de amigos, vizinhos, e até mesmo, satisfação aos próprios rapazes, namorados das jovens. Vejamos isto, nos depoimentos que se seguem:

"Outro aspecto que ela (mãe) combate muito é sobre casamento, porque eu digo a ela que não vou me casar, eu não acho casamento uma coisa ideal (...) Ela acha que é importante; preconceito sabe, conceito antigo (...) ela acha que é importante, que vai dar satisfação à sociedade (...) e eu acho que isso é desnecessário, sabe. Com o namorado é a maior tragédia, porque ela acha que eu não devo dizer isso pra ele, sabe, não devo de jeito nenhum dizer (...) ela não gosta, acha que o rapaz vai pensar uma coisa diferente de mim, que eu não sou uma moça direita..."

(104)

"... e o pessoal vai falar, porque ela (mãe) acha que o mundo é que toma conta da gente, a gente não pode agir só por causa da gente, tem que dar satisfação sempre ao mundo, sabe. Aí ela acha que a vizinhança vai falar, vai dizer que as filhas de D. X (nome da mãe) 'tão saindo sozinhas, aí dá tudo errado, aí eu não posso sair com ele, de jeito nenhum, aí lá vem discussão".

(105)

"... falaram (os pais) assim (...) 'E o que é que o seu namorado vai pensar se você ficar com ele na rua até X horas (da madrugada) da manhã?'"

(106)

"Mas papai acha que não devo sair porque o povo vai falar, vai achar que eu sou assim (...) Ele acha assim: porque tem assalto, não estar se expondo a assalto, a que o pessoal fale ... dizer que eu sou doida (...) os vizinhos vão dizer isso, vão dizer aquilo".

(107)

"(Falando sobre uma proibição do pai) Eu acho... como ele diz, não é falta de confiança na gente, que eu sei que não é falta de confiança na gente, eu acho que é mais por questão de ... da maneira ... das outras pessoas encararem isso, 'tá entendendo? (...) Se ele acha feio é porque as outras pessoas devem achar feio..."

(108)

A preocupação com o que o outro pode vir a pensar é grande, principalmente se este outro é um (a) vizinho (a) ou namorado. É importante, para algumas famílias, a boa imagem que deve ser transmitida às outras pessoas que fazem parte do convívio social. Logo, as filhas devem evitar comportamentos que dêem margem a críticas.

Ademais, os valores dos pais e das filhas em relação a casamento, são diferentes. É o que se pode constatar tanto no primeiro dos depoimentos acima, como naquele que vem a seguir:

"Eu não dou tanto valor a casamento, eu acho bonito, acho bonitinho. Minha mãe acha que ... ela mesmo diz que o dia mais feliz da vida dela foi o dia do casamento, certo (ri). Então eu quero dar esse gosto a ela ... mas, dentro de mim, eu não dou valor a isso. O que adianta a pessoa casar, muitas vezes eu falo pra ela, casar e não 'tarem casados, um para o outro; casar só pra sociedade né? É isso que eu falo".

(109)

Numa sociedade patriarcal, parece evidente a submissão da mulher ao homem. Nas famílias por nós estudadas, esta submissão existe, não só por parte da filha para com os pais, como também da mulher-esposa para com o marido.

Nas situações em que a jovem se encontrava proibida de namorar, a posição assumida pela mulher-mãe diante da filha, é de total concordância formal com a opinião do marido-pai; mas informalmente, sua opinião parecia ser divergente. Isto foi declarado pelas jovens, da seguinte forma:

"(Falando de um namoro proibido) Agora engraçado ,

talvez mamãe há tempo já tinha cedido, não tinha falado nada pra mim por causa de papai: 'Não, seu pai é que resolve, que decide'. Porque quando papai deixou, permitiu, ela chegou pra mim assim: 'Vá X, corra, vá pra (um local), se encontre com ele e diga a novidade'. Eu notei que ela 'tava dan do força, entendeu (...). Eu notei na hora que ela realmente já vinha cedendo, não cedeu mais por causa de papai".

(110)

(Falando de um namoro também proibido) Ela fazia isso: ela não tinha nada contra, mas é aquele velho dizer que a mulher tem que seguir o marido, sabe. Então ela ficava cega na frente dele, ela não se opunha em nada do que eu dizia, mas ela ficou minha inimiga — assim, inimiga no jeito de dizer; contra as minhas opiniões — por causa de papai. Ela sabia que não tinha nada assim, nada de mais, sabe. E às vezes quando papai se deitava e ela deixava eu sair, discutia com X (o irmão), mas X, pôu! dizia a papai, sabe. X, também, era muito possessivo, e quando a gente bota ele lá em cima, aí é que ele se acha mais no direito de dizer alguma coisa. Papai dava oportunidade a ele de mandar em mim, quase. Por exemplo, eu pedia pra ir pra uma festa, aí papai chegava e dizia mesmo assim: 'X, você acha que ela deve ir?' Aí eu ficava com raiva, mas nunca reagia, me trancava num quarto, não queria mais".

(111)

No primeiro depoimento, o que se verifica é não só a submissão da mulher ao marido, atitude essa fruto da sociedade patriarcal, como também, o fato da mulher sentir-se incompetente para assumir decisões quanto ao namoro da filha. Embora a tarefa de educar — no sentido de "tomar conta" dos filhos— seja da competência da mulher, as decisões importantes ficam a cargo do marido. A expressão "seu pai é que resolve, que decide", mostra o poder decisório que é atribuído quase que exclusivamente ao homem, e o estado de incompetência em que se encontra a mulher.

Neste último depoimento, além da nítida submissão da mulher ao marido, também aparece, com muita clareza, o poder que é atribuído a outra figura masculina da família, o irmão. O controle sobre a jovem, aí, é exercido basicamente pelo pai e pelo irmão. Dá a impressão que o filho consegue desgastar, até mesmo a autoridade da mãe. A mãe, ca

be o papel de mulher submissa à autoridade do marido. Tal papel foi aprendido pela filha, que o reproduz, espelhada na mãe, seu modelo. A esse respeito, Prado faz a seguinte colocação:

"Os jovens aprendem e assumem (questionam eventualmente) as atitudes e papéis do pai e da mãe. Isso torna-se claro quando observamos a educação diferenciada das crianças conforme o sexo" (p,41).

Observa-se isto na incapacidade da filha de reagir às pressões do pai e do irmão; impossibilitada de falar, sua atitude é de fuga diante da situação de opressão.

Desta forma, a autonomia da filha fica comprometida, por uma atitude possessiva por parte das duas figuras masculinas, que lançam mão de proibições e se opõem a ela. Reforça-se, desta forma, a dependência, submissão, obediência da mulher ao homem, valores esses socialmente transmitidos.

Embora o relacionamento entre irmãos não tenha sido objeto de nossa pesquisa, queremos salientar que esta situação de dominação, por parte do irmão, foi rara em nossas entrevistas. As poucas jovens que fizeram referências a seus irmãos, os apresentaram como pessoas mais acessíveis, até amigos.

"Ele (o irmão) sempre achou que ele (o namorado) não era a pessoa certa pra mim (...) (o irmão) foi a única pessoa que me apoiou".

(112)

"Meu relacionamento com meu irmão é muito bom, a gente brigueva muito quando era pequeno, mas quando a gente atingiu aquela idade de adolescente, a gente fez um pacto de um não se meter na vida do outro (...) Quando a gente sai junto é: 'te vira pra um lado que eu me viro pro outro. Tal hora a gente se encontra'. Agora é difícil eu sair com ele assim pra festa, mas quando eu saio é assim mesmo que acontece. Eu não me meto na vida dele, ele não se mete na minha, nunca interferiu nos meus namoros, porque tem irmão que é machão, né; negativo (...) a gente se dá muito bem".

(113)

Em todos esses depoimentos, fica claro que o namoro, embora sendo uma experiência tão freqüente durante a juventude, constitui-se numa grande preocupação para os pais. Falando sobre conflito entre pais e filhos(as), Goode (1970) coloca que:

"Nos países ocidentais, as fontes de conflito são fortalecidas, ainda, pelo fato de a família conjugal ter relações emocionais intensas com poucos parentes que possam agir como pára-choques ou amortecedores e pelo fato de os pais se preocuparem grandemente com a vida sexual de seus filhos". (p.133).

Para a Análise de Conteúdo deste tema, utilizamos as categorias já mencionadas no início do capítulo, e mais duas escalas de aferição, relativas a cada tema (anexo 3). Nessas escalas, focalizamos detidamente, as diversas condições estipuladas para classificar os textos, bem como cada um dos critérios definidores da pertinência do conteúdo à categoria específica.

Para melhor visualização do processamento da Análise de Conteúdo, tanto do tema "namoro", como dos demais temas — apresentados no Capítulo seguinte —, elaboramos um quadro demonstrativo onde aparecem de forma clara e inter cruzada, os elementos decisivos da nossa análise: o tema, os trechos (codificados) dos depoimentos individuais, e, as categorias de análise. Assim, o tema "namoro" teve cada um de seus trechos de depoimento sistematicamente avaliado através das categorias existentes, como se pode observar no quadro a seguir:

QUADRO 1

CONTROLE FAMILIAR RELATIVO A NAMORO: PERCEÇÃO E REAÇÃO DAS JOVENS

1ª CATEGORIA: PERCEÇÃO DA EXIS- TÊNCIA DO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 01 a 113 Nº DE RELATOS - 113	2ª CATEGORIA: REAÇÃO DO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 01 a 113 Nº DE RELATOS - 113
S I M	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111/TOTAL: 93	SUBMISSÃO	2, 5, 7, 26, 39, 40, 41, 58, 59, 60, 76, 82, 111/TOTAL: 13
		INSUBMISSÃO	1, 3, 4, 9, 11, 12, 16, 18, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 51, 61, 62, 71/TOTAL: 18
N Ã O	27, 53, 54, 56, 57, 82, 93, 108, 109 / TOTAL: 9	INDEFINIÇÃO	8, 15, 63, 64, 65, 66, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 104, 105, 109/TOTAL: 15
OMISSÃO	10, 31, 74, 80, 83, 87, 88, 99, 100, 112, 113/TOTAL: 11	OMISSÃO	6, 10, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 112, 113 /TOTAL: 67

O quadro ora apresentado nos permite chegar às seguintes conclusões:

- 1) A grande maioria dos trechos de depoimentos aqui catalogados (93 entre os 113) demonstra haver a percepção, por parte da jovem, da existência do controle, controle esse gerador de conflito. Somente em 9 deles, as jovens não percebem o controle, ou se percebem, valorizam a postura controladora dos pais. Nos 11 trechos restantes, não há referência a qualquer forma de controle.
- 2) No que se refere à 2a. categoria -"reação ao controle"- o quadro mostra que:
 - a) A grande maioria dos trechos de depoimentos catalogados (67 entre os 113) mostra que as jovens não manifestam nenhuma reação diante do controle dos pais; não fazem menção alguma à reação.
 - b) A reação das jovens é constatada em 46 trechos de depoimentos, sendo que:
 - em 13 demonstram reação de submissão aos pais;
 - em 18 de insubmissão;
 - em 15 de indefinição: ou a reação não pode ser classificada como submissa nem insubmissa, ou a reação é ambígua entre o falar e o agir, ou, ainda ela reage de alguma forma mas sem manifestar tal reação aos pais.
- 3) O que se conclui pelo quadro, no seu conjunto, é que as jovens, na maioria dos trechos de depoimentos apresentados, percebem a existência do controle; no entanto a ele não reagem.

De posse do resultado dessa análise, pode-se deduzir que, os pais tentam controlar o comportamento das jovens, para que elas ajam de acordo com os papéis aprendidos socialmente. Na realidade, eles têm expectativas em relação ao seu modo de agir, especialmente no que se refere ao relacionamento com o sexo oposto. Quando, muitas vezes, essas expectativas não estão sendo correspondidas, eles ape

lam para o recurso de potencializar, ainda mais, o rigor desse controle sobre as filhas. Impedem, de certa forma, que elas se desenvolvam emocionalmente, no sentido de se tornarem pessoas adultas, ou seja, com maior autonomia, responsabilidade, capacidade de tomar decisão, de fazer escolhas, etc. Esta situação — de controle exacerbado — torna-se, desta forma, uma fonte geradora de conflitos. Em todas as entrevistas, sem exceção, a oposição entre pais e filhas no que se refere a namoro, foi verbalizada pelas jovens. Diante das perguntas da entrevista, o namoro como uma das vivências mais significativas das jovens, apareceu como o principal campo de conflito entre pais e filhas, constituindo-se como um dos temas mais significativos desta pesquisa.

Diante de todo o exposto, através dos cinco subtemas desse capítulo, esperamos ter dado mostra dos principais aspectos conflitivos envolvidos no namoro das jovens. Alguns pontos, para nós, pareceram de maior relevância; todos, referem-se ao tema namoro. São eles:

- 1º) Há uma série de proibições que são impostas pelos pais às filhas.
- 2º) Através de proibições na maioria das vezes de natureza arbitrária, os pais procuram controlar o comportamento das jovens, para que ajam, exclusivamente, de acordo com os modelos socialmente aceitos.
- 3º) É notória a falta de orientação das filhas a respeito da vida sexual e afetiva. No entanto, exige-se delas a virgindade até o casamento, e a evitação compulsória e inexplicada da gravidez quando ainda solteiras.
- 4º) Procuram educar as filhas como "moças direitas", "moças de família", decerto baseados na educação que eles, os pais, receberam. No entanto, provavelmente, não estão levando em consideração a evolução dos tempos e as necessidades individuais.
- 5º) Há uma grande preocupação, por parte dos pais, em

dar satisfação à sociedade, acerca da conduta das filhas.

- 69) Há um modelo ideal de namorado, muito valorizado pelos genitores.
- 70) A grande maioria das filhas percebe o controle dos pais, no entanto, não apresenta qualquer reação diante de tal situação. Não se sentindo em condições para se oporem ao controle dos pais, muitas jovens apelam freqüentemente para o recurso paliativo, do namoro escondido. Isto demonstra que elas não conseguem enfrentar a autoridade paterna e, em busca de evitar o conflito familiar, recorrem a esse comportamento de fuga.

CAPÍTULO V

OUTRAS ÁREAS DE MANIFESTAÇÃO DE CONFLITO

Neste capítulo trataremos de focar alguns outros temas de conflito no relacionamento familiar, entre pais e filhas. Como já vimos, os conflitos se manifestam no âmbito das vivências mais significativas das jovens, e tais vivências estruturam-se em quatro campos distintos de polarização:

- o namoro,
- o estudo,
- as bases financeiras, e
- as amizades.

São eles os quatro grandes temas que sintetizam o material coletado; apenas o primeiro foi abordado no capítulo precedente, restando-nos analisar, no presente capítulo, os três últimos da lista. Para tanto, utilizaremos as mesmas categorias já apresentadas anteriormente. São elas:

- Percepção da existência do controle;
- Reação ao controle.

1. ESTUDO

Mostrou-se, também esta, uma área propícia à manifestação de conflitos entre filhas e pais, conflitos esses relacionados com a vida escolar. Por ocasião da realização das entrevistas, todas as jovens entrevistadas eram estudantes. Algumas, no momento, encontravam-se de férias, já que a presente pesquisa foi realizada no período correspondente aos meses de novembro a fevereiro.

Do total de vinte entrevistadas, oito cursavam o terceiro grau, onze o segundo e apenas uma o primeiro. Em relação a escolas públicas e privadas, a distribuição é a seguinte:

TABELA 1

DISTRIBUIÇÃO DAS JOVENS, DE ACORDO COM O NÍVEL DE ESCOLARIDADE E A REDE DE ENSINO

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	JOVENS CURSANDO A ESCOLA PÚBLICA	JOVENS CURSANDO A ESCOLA PRIVADA
1ª	1	-
2ª	1	10
3ª	2	6
T O T A L	4	16

A Tabela 1 é bem significativa, já que estamos tratando com jovens dos Setores Intermediários da sociedade. Constata-se que há um total de quatro jovens cursando a escola pública, enquanto que dezesseis são as que frequentam escolas particulares. Os dados apresentados nesse quadro podem sugerir que, a nível de segundo e terceiro graus, há uma fuga, por parte dessas jovens, da escola pública. Conseqüentemente se verifica uma grande procura da escola particular. A nível de segundo grau, talvez isto se verifique pela má qualidade do ensino nas escolas estatais, o que leva as jovens a procurarem aquelas da rede particular. Mesmo assim, as dificuldades no vestibular parecem grandes, já que somente duas conseguiram entrar na U.F.PE (Universidade Federal de Pernambuco). Esta universidade é a mais concorrida, por ser a única no Estado de Pernambuco, que conta com ensino público e gratuito, de bom nível acadêmico. As seis jovens restantes se distribuem em faculdades isoladas, na UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco) e na FESP (Fundação do Ensino Superior de Pernambuco); esta última, apesar de ser uma instituição estadual, cobra mensalidades correspondentes aos preços das outras instituições particulares.

O papel de boa estudante, expectativa gerada pelos pais, não vinha sendo desempenhado pelas jovens en-

trevistadas. Diante de tal situação, surgiram choques no relacionamento entre pais e filhas, denunciados nos seguintes depoimentos:

"O relacionamento da gente é um pouco difícil, mas às vezes ... às vezes a gente chega a um entendimento, sabe; mas é difícil. Em termos de estudo mesmo, papai nunca chega em (a um)acordo, assim... por mais que eu converse com ele, ele acha que a gente deve se interessar mais ... ele queria que a gente se ligasse mais ... mas em estudo ... nunca fui reprovada".

(114)

"(Ela teve uma atitude considerada rebelde em relação a uma professora) A diretora queria me expulsar do colégio, sabe, botar pra fora mesmo(...) Papai brigou tanto comigo, olhe, foi o dia (em) que papai reclamou mais, porque eu fiz uma coisa e ele não gostou, teve raiva mesmo (...) Papai ficou danado comigo, puxou minha orelha, disse que eu era louca em ter feito uma coisa dessa (...). Eu fiquei traumatizada, cheguei em casa danada, imagine se eu fôsse expulsa né! Porque garoto ser expulso é normal, mas uma menina ser expulsa é porque fez uma coisa 'de' muito errada".

(115)

O castigo físico, puxar as orelhas, imposto pelo pai à filha jovem, é uma demonstração clara do autoritarismo na família. Os estereótipos dos papéis masculinos e femininos parecem muito evidentes na fala desta última entrevistada. A sua concepção a respeito dos papéis desempenhados por estudantes de diferentes sexos, corresponde ao que socialmente é mais aceito: para o rapaz não há problema em ele ser expulso da escola, enquanto que, para a moça, este ainda é um fato grave e reprovável. Os valores e normas sociais da família já foram assimilados e orientam o comportamento dessas jovens.

O rigoroso controle dos pais determinante de conflitos, se exerce, também na vida escolar de suas filhas. Quer seja pressionando-as para que estudem, quer indo ao colégio para saber das suas notas, e, em caso extremo, buscando-as diariamente na faculdade, tratam-se, todas, de situações vividas e não aceitas pelas jovens que, assim se expressam:

"Pra estudar é a mesma coisa, ela só fica no 'meu pé' (...) Eu não gosto que ninguém fique no 'meu pé'. Gosto de fazer de livre e espontânea vontade".

(116)

"O problema no colégio, de notas ... mamãe sempre vai lá (no colégio), e eu não gostava disso, sabe. Porque eu acho que eu já tinha idade de resolver pelo menos negócio de notas, mas mamãe fazia questão de tomar a cobertura, tomar a frente de tudo, sabe. Eu não gostava daquilo".

(117)

"De noite volto da faculdade, ela vai me buscar na faculdade, ela não quer que eu volte sozinha, todo dia".

(118)

Rendimento escolar que apresente notas baixas ou reprovações, é terreno fértil para o surgimento de conflitos entre filhas e genitores, como se pode constatar nos depoimentos a seguir:

"... a não ser assim, notas, quando ela vê minhas notas, fica danada, isso é normal".

(119)

"Em relação à escola, com ele (o pai), aquele velho problema da matemática, né. De vez em quando eu tirava nota baixa em matemática, cheguei a ser reprovada por causa da matemática, e a reação dele era sempre assim, de recriminar, botar de castigo, essas coisas assim sabe".

(120)

"Lá em casa nunca ninguém levou pau, nunca ninguém entrou pelo cano, se alguém levar ... é por isso que eu estou com medo esse ano. (...) Se levar ... (o pai) bota pra estudar num colégio do governo, ou me bota pra ser interna ..."

(121)

Fica clara a conotação negativa do "colégio do governo". É tomada como um castigo, a mudança de um colégio particular para um da rede oficial de ensino. Na realidade, em tal mudança, dois aspectos estão envolvidos. Em primeiro lugar, há o reconhecimento de que, nas escolas da rede oficial, o ensino é tido como de nível mais baixo, inferior em relação ao da grande maioria dos colégios da

rede particular. Em segundo lugar, ocorre a perda de "status", ao se sair de um colégio particular para ingressar em um "do governo". No colégio particular, a população de estudantes, regra geral, é formada por pessoas oriundas de famílias de um nível sócio-econômico mais elevado; já nos outros, observa-se a predominância de alunos provenientes de famílias de nível sócio-econômico mais baixo.

Constata-se porém, que as reações dos pais são diferentes diante das notas baixas de suas filhas. No entanto, quer seja usando de castigos, recriminando, ameaçando colocar a filha num internato ou num "colégio do governo", em todas essas medidas eles mostram atitudes autoritárias. Contudo, não podemos esquecer o fato de que os pais investem, direta ou indiretamente, na educação das filhas; esperam que elas cumpram as tarefas de estudante. No entanto, a forma de fazer tais exigências nem sempre é a mais adequada, e nem sempre eles conseguem ter sucesso com os métodos que aplicam.

O vestibular também apareceu nos depoimentos de jovens que viveram as seguintes situações:

"Eu não conseguia estudar muito pro vestibular, e eu sabia que o vestibular era um grande passo, por que eu numa universidade ia ser uma pessoa muito mais livre (...) Eu achava que numa universidade eu é que ia me virar, porque todo mundo se vira; por que eu não ia me virar?"

(122)

"... Às vezes ele (o pai) ... ele ... é grosso, assim sabe, é muito ... assim ... ele gosta muito de dizer assim: 'Você não passa no vestibular, por que você não estuda' (...) Ele pensa que nós não temos capacidade (...) Realmente ele se esforça em pagar colégio, é um gasto danado (...) Ele recrimina, ele gosta muito de rebaixar, sabe, dizer que nós não temos capacidade, não estuda (estudamos); ele gosta de falar isso, eu não gosto, eu acho errado, sabe".

(123)

"Eu acho que é muito importante que o pai se interesse, eu acho que ele 'tá fazendo o futuro do filho dele né. Eu não acho errado que a pessoa gaste dinheiro com o filho (para estudar). Eu acho uma obrigação dele pagar colégio pra mim, apesar

de que, eu não gosto, sabe, porque ele fala muito. Por mim ele não pagava nada pra mim ... colégio, essas coisas; eu não gosto".

(124)

Passar no vestibular e ir para a universidade é a esperança de uma vida escolar mais livre, mais autônoma, com menor controle por parte da família; poderá haver controle, sim, porém mais racional, menos rigoroso, longe dos níveis de exacerbação.

As recriminações diante das reprovações no vestibular têm sido uma atitude dos pais que incomoda às filhas. Nos depoimentos anteriores, há interferência do aspecto econômico nos conflitos, pois, estudar em colégio pago e vir a ser reprovada no vestibular, é motivo de mais fortes recriminações e conflitos, que, quando se trata de colégio gratuito. Tratando-se de famílias dos Setores Intermediários da sociedade, este tipo de reclamação parece-nos mais compreensível, já que a economia da família pode estar sendo comprometida pelos gastos escolares.

Somente uma entre as vinte jovens entrevistadas, referiu haver abertura por parte dos seus pais em relação à sua vida escolar. Tudo indica não haver rigores de controle que a levem a estudar sob pressão, nem a temer recriminações diante dos "fracassos" escolares. Seria realmente isto, ou simplesmente desinteresse dos pais pelos seus estudos? Acompanhemos a experiência narrada por ela:

"Mamãe é muito aberta com esse negócio de colégio. Eu posso faltar os dias que eu quiser que ela não se incomoda. (...) Ela nunca ligou pra esse negócio de colégio com a gente. (...) Eu levei pau no primário, eu não queria nada com estudo, só fazia brincar, quando era pequena. Papai nunca abriu a boca pra brigar com a gente, dar castigo, não tem esse negócio de dizer: 'Só ganha presente no fim do ano, se passar'; não, lá em casa nunca teve isto".

(125)

No momento de se decidir por uma profissão, as filhas encontram-se diante da influência, e até

mesmo da interferência de seus pais. Os discursos que se seguem mostram como elas se posicionam, diante desta situação.

"Papai quer que eu faça economia⁽¹⁾. Aí uma vez eu disse: 'Oh, papai, eu não vou fazer economia, vou fazer ciências sociais.' Aí papai ficou danado, totalmente contra, aí disse que não, se bem que é fácil arranjar emprego, diz ele, em ciências sociais, ele quer que eu faça alguma coisa que siga ele, que faça o que ele fez (...) Eu queria fazer ciências sociais, eu li sobre isso e gostei, aí disse: 'Oh, papai, eu vou fazer isso, resolvi mesmo'. Aí quando vou (fui), no dia lá de botar no papel (inscrição no vestibular), aí eu botei economia, e a segunda opção geografia; esqueci completamente ciências sociais, resolvi assim, na hora (...) Foi uma decisão que eu tomei só, como meu pai mesmo quer (...) O que ele fala da profissão dele, eu acabo caindo na dele. Comigo, papai, ele é assim ... ele sempre é contra, mas depois eu sempre consigo ver que ele é que 'tá certo. Lá em casa não dá pra fazer isso não, de você ir contra até o fim. Lá em casa tem que fazer o que eles querem, tem que fazer sempre o que eles querem, a gente pode ir contra no começo, contra eles, contra a opinião deles, mas depois ... sempre acaba ... não dá. Lá em casa nunca ninguém foi contra até o fim(...) A gente sempre acaba fazendo o que papai quer, sem reclamar".

(126)

"Eu sabia que não gostava de seguir a carreira de (profissão da área de saúde), eu acho bonito saber, mas não dá pra mim, eu não gosto de sangue, eu não gosto dessas coisas, eu sabia que ia me dar mal nisso, sabe (...) Eu 'tava consciente daquilo, mas ia porque achava que eles eram meus pais e eles é que estavam certos".

(127)

"Eu 'tou fazendo (curso X, da área de saúde) não por ele (pai) ... pra realizar(a) ele, nem realizar (a) minha mãe, porque os dois queriam ser (profissionais da área de saúde), mas porque eu quero ser (uma profissional X), porque eles nunca disseram pra eu ser (a profissional X). Papai não queria que eu fosse estudar (o curso X), papai queria que eu fosse professora, porque (a profissional X) tem que sair de noite, dar plantão,

(1) Os nomes das profissões foram mudados para garantir a não-identificação das pessoas entrevistadas.

isso não é profissão de moça, isso é profissão de rapazes, por causa dos plantões né".

(128)

Parece clara a expectativa dos pais de que as filhas sigam as profissões escolhidas por eles, mesmo que isto vá de encontro à liberdade de escolha de cada uma delas. Vale ressaltar também que, nem sempre isto tem sido um desencadeador de conflito entre pais e filhas. No primeiro dos três depoimentos acima, o esquecimento do curso escolhido, na hora da inscrição no vestibular, mostra o mecanismo utilizado para fugir de uma situação de conflito, tanto intra quanto inter-subjetivo. "Foi uma decisão que eu tomei só, como meu pai mesmo quer"-neste trecho do discurso transparece a interferência do pai, nas tomadas de decisões, embora possa até parecer à entrevistanda que haja liberdade para escolher. Ir de encontro à opinião do pai torna-se difícil, e parece haver um alto nível de obediência e submissão às ordens paternas, já que se faz tudo "sem reclamar", e depois consegue "ver que ele é que 'tá certo". Talvez seja menos difícil acatar a autoridade dos pais, que se rebelar e fazer valer a sua vontade própria, tanto no que se refere à escolha vocacional, quanto a outras áreas da vida.

Para outra jovem, os pais são vistos como pessoas que não erram, por isso, mesmo ela tomando consciência de não desejar uma tal profissão, decide-se por ela por ser a indicada pelos genitores.

O preconceito em torno das profissões ditas masculinas e femininas também aparece, no terceiro dos depoimentos acima. É importante que a jovem escolha uma profissão "adequada" à sua situação de mulher.

Somente uma jovem fez referência à necessidade de se realizar profissionalmente. Ela faz o confronto entre a atividade profissional e a vida afetiva. Mostra a importância de se desenvolver esses dois aspectos da vida, para satisfazer às necessidades individuais, embora enfatize, ainda mais, a vida profissional.

"(Na véspera de provas ela não namora, porque precisa estudar) Eu acho que meus estudos são mais importantes, entendeu? Porque é minha realização, porque eu acho o seguinte: que o casamento não é solução de vida, entendeu, casamento é só pra solucionar a parte sentimental, porque a gente precisa, a gente não pode viver sozinho. A gente precisa de uma pessoa que ... que tenha carinho pela gente, e a gente tenha carinho por 'ele'. Mas a gente também precisa ser realizado, e ele também ser realizado, para que os filhos se sintam bem, pra que seja uma família completa, entendeu?(...) Eu quero ter a minha realização profissional, e ele também ter a dele, porque ... pra nenhum dos dois se sentir superior, os dois serem do mesmo nível, pra nenhum se sentir superior ao outro (...) Eu quero fazer (uma determinada profissão) porque eu gosto, porque é uma coisa que eu gosto, porque eu vou me sentir realizada. (...) Eu estudo porque eu acho que ... eu gosto de estudar, eu acho que ... é a única maneira de eu conseguir os meus objetivos, entendeu, como se fosse uma escada pra mim, pra eu me realizar, entendeu?".

(129)

Assim como a família, grupo prioritário, a escola é o segundo grupo, através do qual a criança toma contato com a realidade social. Favorece o desenvolvimento da socialização, não só da criança como também dos(as) jovens. É na escola, seja ela de primeiro, segundo ou terceiro grau, que se formam muitos dos círculos de amizade da juventude.

Para a Análise de Conteúdo deste tema, utilizamos as mesmas categorias já citadas. O significado exato de cada uma delas, já foi apresentado anteriormente, quando da análise do tema "namoro".

Passaremos agora a apresentar o quadro com a Análise de Conteúdo referente ao tema "estudo".

QUADRO 2

CONTROLE FAMILIAR RELATIVO A ESTUDO: PERCEPÇÃO E REAÇÃO DAS JOVENS

1ª CATEGORIA: PERCEPÇÃO DA EXIS- TÊNCIA DE CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 114 a 129 Nº DE RELATOS - 16	2ª CATEGORIA: REAÇÃO AO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 114 a 129 Nº DE RELATOS - 16
S I M	114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128/TOTAL: 14	SUBMISSÃO	126, 127/TOTAL: 2
N Ã O		INSUBMISSÃO	128/TOTAL: 1
OMISSÃO	125, 129/TOTAL: 2	INDEFINIÇÃO	114, 115/TOTAL: 2
		OMISSÃO	116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129/TOTAL: 11

Constata-se, a partir do quadro ora apresentado, que:

- 1) A grande maioria dos depoimentos aqui catalogados (14 entre os 16) demonstra haver a percepção, por parte da jovem, da existência do controle, controle esse gerador de conflito; somente em 2 deles não há referência a qualquer forma de controle.
- 2) Poucos são os depoimentos (5 entre os 16) que demonstram haver por parte da jovem, uma reação (de submissão, de insubmissão ou de indefinição) diante do controle.
- 3) Os 2 únicos depoimentos (de nºs 125 e 129) em que não há referência à percepção do controle, também estão incluídos naqueles onde não aparece qualquer reação da jovem ao controle. Logo, se tal controle não é relatado, é difícil que se reaja a ele.

Pode-se concluir que a autoridade e o controle da família que se abatem sobre as filhas, também se refletem na vida escolar de cada uma delas. A ausência de reação das filhas a tal controle é notória. O que se pôde constatar é que, os pais têm expectativas estruturadas em relação ao papel de boa estudante, que deverá ser desempenhado pelas jovens. Em decorrência disto, usam de artifícios a fim de controlar ainda mais o comportamento delas, com as seguintes atitudes: pressão para estudar, ameaças de mudar de colégio e castigos diante de notas baixas e reprovações (também no vestibular), e, ainda mais grave, interferência na escolha profissional. São atitudes de imposição, onde se desconhece o diálogo, a opinião do outro. Na realidade, com tal comportamento, os pais não estão preparando as filhas para a autonomia e a assunção de responsabilidades pessoais. E sim, condicionando-as num esquema comportamental caracterizado por dependência, submissão, sentimento de incompetência e inferioridade no que tange a escolhas e decisões. Tal quadro bem caracteriza a distribuição do poder que ocorre na família, distribuição esta que gera confli -

tos. Neste trabalho estamos procurando mostrar apenas que, o conflito entre pais e filhas, é antes de tudo uma luta de poder, onde, regra geral, quem vence são os genitores; e vencem, graças à apelação à sua legítima autoridade, razão pela qual se mantêm permanentemente como detentores do poder. Uma jovem fez uma colocação a este respeito dizendo : "Eu não posso deixar de admitir que fui vencida, por papai e por mamãe". A existência do bipolo social dominadores-dominados, abundante na sociedade brasileira - sociedade essa carregada de peculiaridades sociais, econômicas e políticas -, faz-se presente, de certa forma, nas famílias das jovens pesquisadas. Ou seja, as relações de poder nas famílias e na sociedade possuem pontos em comum e se completam. Na realidade, a família é fruto dos valores culturais que são difundidos em cada sociedade.

2. BASES FINANCEIRAS

Mesada e trabalho foram os dois tópicos abordados pelas jovens, e que fazem parte de suas experiências de vida. Estão contidos em um outro item, mais amplo, que abrange a esses dois: o problema das bases financeiras.

No que se refere ao aspecto econômico, onze jovens não dispunham de rendimento fixo algum; das nove que tinham esse rendimento, duas dedicavam-se ao trabalho remunerado; outras duas jovens, além de trabalhar, recebiam mesadas; as cinco restantes, limitavam-se apenas a receber mesadas de seus pais. As duas já mencionadas, que acumulavam a mesada com o trabalho remunerado, fizeram notar que isto, em parte, era devido aos diminutos salários que recebiam. Dentre aquelas que trabalhavam, três eram funcionárias públicas, e uma, empregada em um empresa privada.

A total dependência financeira das filhas aos pais, tem se constituído numa razão para conflitos. Os depoimentos que se seguem, mostram como esta realidade está sendo vivida por algumas dessas jovens:

"Eu e meu pai a gente discorda muito, e acho que a maioria dos adolescentes de minha idade, do meu ... do tipo que eu sou assim, estuda, não trabalha ... é questão de dinheiro, sabe. Agora a gente está se arranjando mais um pouco porque eu comecei a ganhar mesada. (...) Teve uma época agora (há) pouco, a gente discordava muito, mas era discussão sempre. Esse negócio: 'Papai, eu quero dinheiro pra comprar um vestido'

- 'Mas minha filha, outro vestido, mas pra que outro vestido?'

(...) Eu vejo pelas pessoas da minha idade, geralmente há esse problema, geralmente. E principalmente quem só tem uma fonte de renda que é meu pai, né, aí já viu ... eu não trabalho (...) Eu dependo exclusivamente dele, de papai, então a gente entrava muito em atrito, sabe. (...) Ele agora 'tá dando mesada, aí evita que eu fique pedindo dinheiro. Mas é uma coisa que eu vejo que acontece muito, é justamente entrar em atrito em questão de dinheiro (...) É realmente uma coisa que 'tava acontecendo muito, agora melhorou porque ele inventou uma mesada, que espero que dê certo. (...) Eu acho que é uma coisa que acontece muito, sabe ... (Você percebe isto também entre suas amigas?) Percebo, demais, demais mes

mo, elas se queixam, todas elas. O pai pode ter ou não ter (dinheiro), sempre se queixam. Inclusive agora minhas colegas 'tão começando a arranjar emprego pra evitar (isto). A maioria agora 'tã querendo. (...) Eu 'tava até com vontade sabe ... eu arranjei até um emprego bonzinho. Mas não sei não, vou deixar passar esse vestibular".

(130)

"(Falando a respeito de mesada) Papai não dá mesada à gente, a mesada que ele dá é bem dizer o colégio. Eu não faço questão sabe ... não exijo muito não ... Eu sou um pouco vaidosa ... quando eu trabalhar, um dia, não vou precisar, né ... Sou louca pra trabalhar pra não viver mais dependente, sabe, porque às vezes a gente quer comprar uma coisa, mas papai não tem condições. (...) Se eu não passar no vestibular esse ano, eu vou tentar outra coisa né, para o ano (que vem); se eu não passar no vestibular e não passar na Escola Técnica, eu vou trabalhar e vou fazer um curso de inglês (...). Eu sou louca pra trabalhar, sabe, passar o dia fora (de casa), porque eu acho que é bem melhor assim, sei lá, não se aperreia tanto né, não se liga tanto (no que acontece em casa), vai se aperrear lá fora, no trabalho".

(131)

"Para o ano (que vem), se eu não passar no vestibular, eu vou trabalhar no banco (...) Eu já vou criando outra vida né, eu já vou criando outro ambiente, já vai melhorando pra mim. Se eu não passar no vestibular ... Se eu passar eu vou fazendo o curso, né, lógico. Se eu não passar, o que é que eu vou ficar fazendo em casa?"

(132)

"Ela (a mãe) paga tudo, ela me sustenta em tudo; se eu fosse uma pessoa que ganhasse bem, já teria saído de casa pra viver a minha vida. Não pra dizer assim, transar na hora que eu quisesse, não, não é também esse exagero, tudo tem limite, certo. Mas pra receber minhas amigas na hora que eu achar que devo, conviver com as pessoas que eu achar que devo, fumar na hora ... eu não posso fumar dentro de casa".

(133)

"(Falando sobre trabalho) Mamãe não admite, diz que eu sou nova, que vou perder meus estudos. (...) Toda vez é isso, ela não quer que eu trabalhe por causa dos meus estudos".

(134)

Como se pode constatar, a dependência econômica constitui um problema para algumas jovens. No

primeiro dos cinco depoimentos acima, depender exclusivamente do pai é uma situação conflitiva. Neste caso específico, tal situação foi amenizada pela existência da mesada. No entanto, mesmo com este recurso, continua a existir a dependência financeira. No segundo depoimento, a mesada não existe, sendo justificada a sua ausência pelos gastos com o estudo.

De acordo com os depoimentos anteriores, para duas jovens, o trabalho se mostra como uma forma de manter-se independente e de afastar-se dos problemas domésticos. Desperta como uma alternativa diante do fracasso no vestibular, como um meio de formar um novo círculo de amizades em substituição aos amigos da escola. De tal modo, o papel de estudante deverá ser substituído pelo de uma profissional, passando a jovem a participar de mais um grupo social.

O desejo de autonomia está presente no quarto discurso registrado. A vontade de sair de casa, viver a própria vida, independente dos pais, tem sido bloqueada à jovem, por falta de recursos financeiros. Aparece também, de forma bem clara, a introjeção dos valores culturais em relação à sexualidade: "Transar na hora que eu quisesse não (...) é (...) exagero". Esta afirmação mostra, com clareza, como já foram absorvidas as proibições em relação a sexo. Mesmo percebendo-se independente da mãe, saindo de casa para viver a própria vida, ela não admite, para si, a plena liberdade sexual. A censura já faz parte de si própria.

Somente uma entrevistanda, no último dos depoimentos, admitiu existir a proibição clara, por parte de sua mãe, de que ela venha a desempenhar atividades profissionais em detrimento das atividades escolares.

O tema "bases financeiras" também foi analisado a partir das duas categorias já apresentadas; tal análise consta do quadro a seguir:

QUADRO 3

CONTROLE FAMILIAR RELATIVO A BASES FINANCEIRAS: PERCEÇÃO E REAÇÃO DAS JOVENS

1ª CATEGORIA: PERCEÇÃO DA EXIS- TÊNCIA DO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 130 a 134 Nº DE RELATOS - 5	2ª CATEGORIA: REAÇÃO DO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 130 a 134 Nº-DE RELATOS - 5
S I M	130, 133, 134/TOTAL: 3	SUBMISSÃO	
		INSUBMISSÃO	
N Ã O		INDEFINIÇÃO	
OMISSÃO	131, 132/TOTAL: 2	OMISSÃO	130, 131, 132, 133, 134/TOTAL: 5

Diante de todo o exposto, pode-se concluir que:

- 1) Somente em 3 trechos de depoimentos constatou-se a percepção, por parte da jovem, da existência do controle como gerador de conflito; nos outros 2 trechos restantes, o controle não é referido.
- 2) Em todos os trechos de depoimentos acima analisados, constatou-se inexistir qualquer reação da jovem ao controle, mesmo naqueles em que elas demonstram haver chegado a perceber tal controle; percebem-no mas a ele não reagem.
- 3) Mesmo se constituindo em um dos temas específicos do presente estudo sobre conflitos familiares, as bases financeiras foram explicitadas pelas jovens, em seus depoimentos, em apenas 5 trechos significativos. Observa-se assim, que as jovens aí submetidas ao processo de forte controle familiar, ainda se encontram muito distantes de compreender, em suas raízes, os fatores determinantes de tal controle e conseqüente conflito. É incrível ter que fazê-lo, mas vale salientar que, bases financeiras foi o tema que contou com o menor número de trechos de depoimentos: apenas 5, do total de 143 que compunham o universo total desta análise.

A situação de total dependência financeira das filhas em relação à família, foi questionada tão somente por algumas jovens entrevistadas. Convém ressaltar que, enquanto por um lado há uma nítida percepção, por parte delas, do grande controle familiar na sua vida afetivo-sexual, por outro, tende a inexistir uma consciência clara e perspicaz no que se refere à percepção do controle financeiro - talvez a base dos demais controles - exercido por seus pais. Na realidade, toda a distribuição de poder na família, e a base dos controles, estão apoiados, provavelmente, na dependência financeira. E de tal fato as jovens demonstram não se aperceberem, já que muito poucos foram os relatos que a isto fizeram menção. O controle vai

continuar sendo exercido e as pessoas estão alheias à raiz do problema. Talvez a dependência financeira seja uma situação que só de futuro virá a ser percebida e enfrentada por elas; só então, possivelmente, chegarão a compreender o obstáculo que ela representa no relacionamento entre pais e filhas.

3. AMIZADES

Durante a juventude, os (as) amigos (as) fazem parte dos grupos aos quais as(os) jovens mais se ligam afetivamente. Muitas vezes se constituem como um grupo de referência, que serve como parâmetro para orientar as suas ações. Para as jovens entrevistadas, regra geral, é na escola e na vizinhança que se concentram suas grandes amizades.

Em algumas famílias, as amizades constituem-se em território livre para a eclosão de conflitos entre filhas e pais. Desde uma proibição explícita até uma sutil inaceitação, essas são formas dos pais reagirem às amizades das filhas. Os depoimentos que se seguem mostram como, na prática, as dificuldades estão acontecendo.

"Um amigo meu, que também é amigo dele (do seu ex-namorado) agora é mais amigo dele do que meu, porque nunca mais falei com ele, mamãe também não quer que eu converse com ele".

(135)

"Sempre tive uma intimidade muito grande com os meninos, inclusive me dou melhor com os meninos do que com as meninas. Tenho mais amigos homens do que mulheres. (E seu pai aceitava isso?) Aceitava, mas... não gostava, não é que não gostasse de meus amigos, mas gostaria ... depois de conhecer os meninos ele aceitava bem, mas ele gostaria ... 'tá entendendo, eu acho que teoricamente, aquele papo todo: mais menina com menina, aquele negócio todo".

(136)

"Ela não confia que eu tenha amizade com as pessoas, minha mãe não confia, porque ela acha que eu me envolvo demais com as pessoas, confio demais e ao mesmo tempo me estrepo, sabe. Ela combate as minhas amizades. Se eu arranjar uma amiga e levar pra casa, ela quer saber quem é, onde é que vive, onde é que trabalha, o que é que faz, o que não faz, e eu não queria dar esse tipo de satisfação a ela. Porque se eu conheço você, eu acho que você deve ser minha amiga, pra que 'tá dando satisfação pra minha mãe; se eu conheço você, não precisa minha mãe conhecer, certo? (E isto ainda hoje existe?) E como existe!!! Essa de amizade é o que existe mais, dá mais discussão dentro de casa por causa disso".

(137)

"(Estava reunida com um grupo de amigos) 'Tava brincando com uma patota, não tinha ninguém com namorado, bagunçava, sabe, não tinha intimidade de chegado, de alisado, de beijo, não; brincando escutava piada, ria (...) Aí ele não quer, esse negócio de turminha, papai não quer, tem ódio. (...) Não pode sair só; assim, dizer: 'Mamãe, a gente vai juntar a turma para ir pra um barzinho!!' Aí mamãe diz: 'Não vai de jeito nenhum (...) sozinha eu não vou deixar ir (...)'

Agora quando vai assim a mãe de outra menina, sabe, aí ela deixa (...) Nesse ponto assim, a gente discorda, porque a gente gosta de sair, de bagunçar, de ir pra festa, e mamãe não deixa".

(138)

Como se pode constatar, os conflitos em relação a amizades, se dão em níveis diferentes. A nível de proibição explícita, a jovem fica vetada de conversar com o amigo, por ele ter ligações com o seu ex-namorado; este último, pessoa também não aceita pela família.

Num segundo nível, o pai aceita, mas não gosta que sua filha tenha maior número de amigos do sexo masculino. Socialmente é esperado que as amizades das mulheres sejam predominantemente com outras mulheres, e, em menor escala, com homens. E isto é verbalizado pela entrevistanda, ao afirmar que "teoricamente, aquele papo todo: mais menina com menina".

No terceiro depoimento, o conflito se dá a nível de confiança. Os pais não confiam nas amizades da filha, e iniciam um verdadeiro interrogatório com a finalidade de obter dados a respeito de quem é, e como vive a pessoa. Esta é uma forma de rigoroso controle que se estabelece a partir da falta de confiança na própria filha.

Também há proibições no que se refere a sair com os grupos de amigos, a "turminha", só se permitindo à jovem, sair acompanhada de pessoa mais velha.

Outras dificuldades aparecem diante dos temores dos pais de que suas filhas tenham amizades com pessoas viciadas em droga. Preocupam-se com as possíveis influências sobre as filhas e dessa forma, proibem-nas de sair com amigos(as). É o que será narrado, a seguir:

"(Tem pessoas viciadas em droga na família) Aí mãe pensa também que a gente pode entrar numa dessa, entendeu, ser influenciado. Não, lógico que a gente não vai (...), mas esse negócio de droga, ela morre de medo, entendeu? Ela tem medo das amizades também, da gente arranjar amizades que sejam (jovens) viciados em droga. Aí ela prende também a gente por causa disso, ela diz que hoje em dia ninguém deve confiar em ninguém, que a gente deve ver por onde é que anda. Eu digo a ela: 'Mãe, não se preocupe que a gente sabe de tudo isso, que a gente não vai procurar pessoas assim, não', porque a gente termina sendo mesmo; se a pessoa procurar, andar muito (com), gostar muito daquela pessoa, pode ser até que (essa pessoa a) leve pro mau caminho, não é? O problema mesmo só é esse".

(139)

"(Falando sobre os temores dos pais em relação a suas amizades) De fumar, assim, de achar que o pessoal da faculdade ... ele não deixa eu sair com o pessoal da faculdade porque ... porque ele acha que o pessoal da faculdade é assim ... não tem gente direita, pelo menos a turma com quem eu ando, e na minha turma eu nunca vi ninguém dizer assim que tivesse (houvesse) ... gente maluquinha ... assim ... viciada, esse negócio. Mas toda faculdade tem; é viciada em droga, é ... assim... homossexual, é lésbica, esse negócio assim. Ele (pai) não quer por causa disso, porque vai me influenciar, não sei o quê ... Mas o pessoal com quem eu ando... eu sei selecionar minhas amizades ... Tem aquela turma, assim ... que é da pesada, mas a gente não se mistura não. Tem, porque toda faculdade tem, não vai deixar de ter, mas a gente não vai andar com esse pessoal".

(140)

O fumo também foi apresentado pelas jovens, como motivo de conflito entre elas e os seus pais. Os depoimentos a seguir mostram que, na realidade, ainda existe preceito em torno do hábito de a mulher fumar.

"O cigarro, que minha mãe e meu pai combateram muito, né (...) aí comecei a fumar. Aí minha mãe combateu muito, brigou muito comigo, discordou muito. Havia até discussão dentro de casa mesmo, porque ela não aceitava, de jeito nenhum, que uma filha fumasse (...) Ela discorda totalmente da minha opinião, tanto de fumar, quanto amizades".

(141)

"Tem uma coisa que eu faço contra papai (...) eu fumava ... papai não deixa. Mas papai não deixa é porque é feio mulher fumar e eu sou muito moça, tenho X anos. Faz mal ao pulmão inclusive né, mas não é só por causa disso não".

(142)

O preconceito em torno de hábitos, quando adquiridos pela mulher, se estende também no que se refere a beber, principalmente se acompanhada do namorado. Uma jovem apresentou uma experiência vivida entre ela e seu pai, em relação a tal preconceito:

"Uma outra coisa, pronto, esse ano eu arenguei com papai, arenguei não, ele me repreendeu por causa de uma coisa. Na casa de (uma parente), eu bebi muito na frente de X (o namorado). Papai achou que era feio. Eu gosto, adoro (uma determinada bebida). (...) Eu e X tomamos quase um litro de (bebida), papai disse que era muito feio ... feio pra mulher".

(143)

Também este tema passou pelo crivo das duas categorias formuladas. O resultado é apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 4

CONTROLE FAMILIAR RELATIVO A AMIZADES: PERCEPÇÃO E REAÇÃO DAS JOVENS

1ª CATEGORIA: PERCEPÇÃO DA EXIS- TÊNCIA DO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 135 a 143 Nº DE RELATOS - 9	2ª CATEGORIA: REAÇÃO AO CONTROLE	RELATO(S) DE Nº 135 a 143 Nº DE RELATOS - 9
S I M	135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143/TOTAL: 9	SUBMISSÃO	139/TOTAL: 1
		INSUBMISSÃO	141, 142/TOTAL: 2
N Ã O		INDEFINIÇÃO	137, 138/TOTAL: 2
OMISSÃO		OMISSÃO	135, 136, 140, 143/TOTAL: 4

Os dados do quadro ora exposto mostram que:

- 1) Em todos os 9 trechos de depoimentos relativos ao tema "amizade", constata-se a percepção, por parte da jovem, da existência do controle como gerador de conflito.
- 2) Somente em 2 trechos de depoimentos, constata-se a reação explícita da jovem ao controle; neles, ela assume uma postura de oposição aos pais. Há 1 trecho de depoimento em que ela se mostra submissa, e, em 2 outros, revela uma postura indefinida. Há omissão total de referência a qualquer reação ao controle em 4 trechos de depoimentos, apesar de estar expresso que essas jovens percebem tal controle.
- 3) Foi pequeno o número de trechos de depoimentos (somente 9 de um total de 143) onde foram explicitadas pelas jovens, situações de conflito no que se refere ao tema "amizades". No entanto, naqueles apresentados, fica muito claro o controle como gerador de conflito no relacionamento entre filhas e pais.

É grande a importância atribuída pelos jovens aos (às) amigos (as) durante a juventude. O companheirismo está muito presente nesta época, e o grupo de iguais possui um forte poder para apoiar, rejeitar e orientar os comportamentos de seus elementos. Essa importância foi ressaltada por Goode (1970), quando ele tenta relacioná-la ao problema da dependência familiar. Eis o que ele diz: "Especialmente no Ocidente, a combinação dos grupos de iguais como sistema escolar impessoal enfraquece a dependência do jovem para com a sua família" (p.132).

A jovem está aberta para o mundo, e um mundo não mais restrito ao âmbito familiar. É preciso que ela se relacione e possa trocar experiências com pessoas de uma mesma geração.

Por todo o exposto no presente capítulo, fica claro que os conflitos entre as duas gerações estão pre-

sentos também nessas três áreas de vivência da jovem: estudo, bases financeiras e amizades. O controle dos pais sobre as filhas se exerce permanentemente, e quando ele se acentua, os conflitos eclodem. Pressão para estudar, condenação diante dos resultados escolares, interferência na escolha profissional, dependência financeira e, interferência nas amizades, tudo isto forma um conjunto de atitudes dos pais, diante das filhas, que dificulta o relacionamento entre as duas gerações. E a ausência de reação das filhas ao controle, foi uma situação muito freqüente, presente nos depoimentos analisados.

Diante de tudo o que foi apresentado neste capítulo, questionamos:

- que tipo de educação é dada, pelos pais, a essas jovens?
- o que eles almejam atingir, com tal educação?
- como genitores, permanecem nesse estilo de comportamento, simplesmente por inércia?

Parece-nos que a autonomia das jovens, bem como o 'treino para alcançá-la', estão sendo comprometidos, e com isto, comprometida a sua estabilidade afetiva, emocional e financeira. Reforça-se assim a submissão e a dependência da mulher, comportamentos já demasiadamente marcados numa sociedade patriarcal como é a nossa.

CONCLUSÃO

Concluídas a apresentação e a análise dos resultados, cumpre-nos agora ressaltar os aspectos mais significativos dos dados gerados pela pesquisa, bem como suas implicações.

A socialização, como uma das principais funções da família, se processa através de um complexo jogo de desempenho de papéis. Desde cedo, as pessoas aprendem como devem se comportar, que papéis devem desempenhar, de acordo com as expectativas dos outros que lhes são significativos. A família, como primeiro agente socializador do homem, procura estabelecer 'controles comportamentais' a cada geração. Tais controles, às vezes muito fortes, exacerbados, contribuem para gerar conflitos entre filhos e pais, dificultando o relacionamento entre as duas gerações. Como vimos, muitas vezes esses conflitos surgem como uma oposição clara ao modelo de educação da família, modelo esse que não reflete as exigências e necessidades das filhas, mas reflete sim, aquelas que foram incorporadas pelos pais, numa geração passada. As expectativas dos pais em relação ao comportamento de suas filhas, nem sempre correspondem ao papel que as jovens desempenham na família e na sociedade. Há uma grande preocupação, por parte dos pais, em dar satisfação à sociedade, acerca da conduta das filhas.

Cada cultura desenvolve um tipo de relação entre pais e filhas. E no caso da nossa cultura, no grupo de jovens por nós entrevistadas, constata-se que há dependência das filhas em relação aos pais. Tal dependência se manifesta do ponto de vista econômico-financeiro, conseqüentemente, desdobrando-se em atitudes específicas, tais como as de submissão. Num relacionamento onde as pessoas se encontram em posições, respectivamente, de dominante e dominado, a dependência está presente e contribui para que se mantenha o controle de uns sobre os outros. Esta relação de dependência estabelecida entre filhas e pais, é aprendida inicialmente na família e reforçada na escola e em outros

grupos sociais.

Durante o desenvolvimento emocional, regra geral, deveria ocorrer a passagem, gradativa, da dependência para a autonomia. A necessidade psicológica da jovem sentir-se independente, autônoma, é fundamental para o seu desenvolvimento emocional, para que ela se perceba como uma pessoa adulta, capaz de tomar decisões, fazer escolhas e ser responsável, e passe a assumir, de fato, tal postura. Quando essa passagem (da dependência para a autonomia) é bloqueada pela família, eclodem os conflitos. O bloqueio se dá através da atitude de controle dos pais sobre o comportamento das filhas. Tal controle, ao atingir níveis elevados a ponto de incomodar e desconsiderar a filha, caracteriza-se por uma série de proibições que se manifestam no âmbito das vivências mais significativas da jovem: nos estudos, na vida afetivo-sexual, nas amizades, e, nas bases financeiras. Isto ficou claro nos depoimentos por nós analisados. Confirmando esta nossa afirmação, Desidério coloca:

"Entretanto a dependência instaurada em vários campos conflitua com as necessidades psicológicas de independência, comuns nos adolescentes. Tal estado de coisas favorece atos de rebelião ou fugas desesperadas dos estudantes, como é o caso das drogas" (p.29).

Para alguns pais, a autonomia de suas filhas pode se constituir numa ameaça para eles. A esse respeito, afirma Maldonado (1981):

"Pode acontecer, também, que a crescente autonomia da criança assuste ou ameace os pais, por fazê-los sentir que já não estão com as rédeas na mão, que não conseguem controlar tudo e muito menos "modelar" o filho conforme desejariam. O medo da autonomia e da individualidade do filho e, conseqüentemente, a necessidade de manter controle sobre ele pode começar muito cedo, até mesmo na gravidez..." (p.30).

Pudemos constatar neste trabalho que, o temor de perder o controle sobre as filhas ameaça a segurança e confiança dos pais em si próprios e no poder e autoridade que

antes possuíam e aplicavam para tal fim, a ponto de agirem como se elas fossem 'propriedade' deles.

Do ponto de vista econômico, constata-se que, muitas jovens não são preparadas adequadamente para a aquisição e o desempenho de uma autonomia financeira. Os jovens, rapazes, muitas vezes o são. Isto contribui para manter a mulher num estado de dependência; ao casar, passa da dependência do pai para aquela do marido.

Outro comportamento que está implicitamente relacionado ao controle exercido pela família, é a postura autoritária dos pais. A dependência, por um lado, o autoritarismo por outro — lados opostos de uma mesma moeda —, são comportamentos decorrentes de um mesmo esquema de controle familiar. Recorrendo mais uma vez a Maldonado, observamos que ela coloca existirem diferentes maneiras de se "resolver" os conflitos, e o autoritarismo estaria entre elas. Acrescenta que na relação entre pais e filhos, como também em outros relacionamentos marcados por uma desigualdade de posições (dominador-dominado), o autoritarismo tem sido a estratégia frequentemente utilizada.

Não queremos com isto negar a autoridade que é atribuída aos pais sobre as filhas, e nem procuramos entrar no mérito da mesma. O que questionamos, entretanto, é o uso abusivo e demasiado dessa autoridade, que leva a comportamentos de rigidez, de dominação e de repressão, que caracterizam uma postura autoritária. O que vimos nos depoimentos apresentados neste trabalho, é que, a sequiosa necessidade de exercer controle sobre as filhas, leva alguns pais a assumirem tal postura. Isto se torna mais grave diante do fato que, regra geral, são negadas a elas, informações e explicações que pelo menos, justifiquem tal conduta.

A família é, talvez, o grupo social onde ocorrem fortíssimos laços afetivos, que possibilitam a interação entre seus membros, laços esses vividos aqui com mais intensidade que em outros grupos sociais. Tentando captar quais as razões de a filha tolerar e aceitar a autoridade familiar, percebe-se o grande peso e significação da carga afetiva que se desenvolve no lar. O sistema de recompensas e punições às

filhas encarrega-se de garantir uma boa aceitação das figuras de autoridade, no âmbito familiar, e, nesse sentido, o afeto, o amor, os sentimentos positivos dos pais para com elas, serão fundamentais para que aceitem a autoridade materna e paterna.

Quando, algumas vezes, as filhas se colocam contra a autoridade familiar, o poder dos pais através da coerção e da repressão funciona, impedindo que a estrutura familiar seja ameaçada. Convém esclarecer a diferença entre esses dois mecanismos de um sistema autoritário. Na repressão, tenta-se abolir a vontade da pessoa, porque ela representa uma ameaça para a existência do sistema; enquanto que na coerção, se procura conduzir o outro a mudar de idéia ou comportamento, levando-o a agir de acordo com o que for melhor para o sistema (Lobrot, 1977). Vimos que, quando da apresentação dos dados da pesquisa objeto do presente trabalho, ficou claro como a família utiliza desses mecanismos para se manter como um grupo social, que reflete os valores da sociedade mais ampla em que está inserida. Um exemplo disto foi verbalizado por uma entrevistanda, quando coloca que a família chega até a "poder, proibir de trabalhar, proibir de namorar ..."

O autoritarismo, que envolve a dependência e a repressão ou até a coerção, parece tornar-se mais acentuado quando recai sobre a mulher. É na família que ela aprende a ser submissa, para que o continue a ser na sociedade. A esse respeito Belotti coloca:

"Embora tanto as mulheres quanto os homens tenham sido educados de forma autoritária e repressiva e, por conseguinte, costumem reproduzir no papel de educadores os mesmos valores que receberam, certo é que esse tipo de educação pesou muito mais sobre as mulheres.

O sexo masculino goza de maior liberdade e consideração social e portanto não desenvolve tanto os defeitos típicos do indivíduo educado repressivamente" (p.112).

A situação de dependência das filhas, o autoritarismo e a repressão por parte dos pais, são, como vimos, três formas de manifestação dos comportamentos que se estendem sobre a vida das jovens; principalmente no que se refere à sua vida afeti-

va, em especial às experiências de namoro, há atitudes de forte controle. Em relação à vida escolar, isto se verifica mais acentuadamente no que diz respeito ao rendimento aí obtido. O mesmo acontece em relação a algumas amizades que não são do agrado dos pais, como também no que se refere às bases financeiras. Todas essas situações, geradoras de conflitos entre pais e filhas, mostram que as expectativas dos pais não correspondem aos papéis desempenhados de fato, por elas, no dia-a-dia.

O que se pôde constatar, nos dados já apresentados, como síntese dos resultados das duas categorias (percepção da existência do controle e reação ao controle) que analisaram a totalidade dos quatro temas propostos neste estudo (namoro, estudo, bases financeiras, amizade), conduz-nos a três conclusões:

- 1a.) As jovens, em sua quase totalidade (em 119 trechos de depoimentos dentre 143), percebem o controle exercido por seus pais, e este, como vimos, constituiu-se em fonte geradora de conflitos. Essa percepção das jovens em relação ao controle dos pais, especialmente do controle exacerbado, revela por si só, a nosso ver, a gênese de conflitos, notadamente os caracterizados como intra-subjetivos; o conflito, pois, existe, na maioria dos depoimentos, mesmo se limitando apenas ao nível pessoal. Este tipo de conflito, no entanto, não é o objeto do presente estudo, razão pela qual não nos deteremos sobre ele.
- 2a.) Em sua maioria (87 dentre 143 trechos de depoimentos), as jovens não conseguem contrapor alguma reação efetiva a esse controle percebido; tentam escapar do mesmo usando de estratégias mil, mas sem sair daquele micromundo em que vivem, sempre mantendo-se encerradas dentro do mesmo quadro repressivo que denunciam; e continuam tentando esquivar-se, sempre, buscando em sua fuga, vislumbrar alguma esperança de modificação de tal quadro. Na realidade, esquecem da condição essencial de que, não

se pode mudar a própria vida pessoal sem buscar, ao mesmo tempo, modificar o mundo que as cerca. Ao imergir em conflitos, o conjunto formado por filhas, pais e família - todos pertencentes aos Setores Intermediários da sociedade, com valores bem definidos - parece proibir o surgimento de qualquer nova perspectiva de liberdade e rudimentos de auto-determinação na mentalidade de suas próprias jovens.

3a.) Somente numa minoria de depoimentos, 56 entre 143, aparece uma posição de reação das jovens diante do controle dos pais. E dentre esses 56 trechos de depoimentos, apenas 21 são aqueles em que se observa uma situação clara de conflito inter-subjetivo: as filhas se opõem aos pais; o conflito assume aí uma dimensão nitidamente social. Tal conflito é o foco de interesse do presente estudo.

Como explicar o fato de haver uma maioria de depoimentos que mostram as jovens percebendo o controle de seus pais, enquanto que poucos são os depoimentos em que elas a ele apresentam uma reação?

Tal resultado reflete, decerto, as diferenças existentes no que se refere à padronização dos papéis sociais dos dois sexos. Os pais procuram criar as suas filhas, desde pequenas, de acordo com os específicos estereótipos culturais. As meninas são reforçadas a apresentar um comportamento de submissão, docilidade, passividade e dependência, enfim, um comportamento parental⁽¹⁾. Já os meninos, esses são estimulados a comportamentos de competição, independência e coragem.

A nossa cultura patriarcal, onde o poder e a autoridade máxima são atribuídos ao homem, é discriminativa em relação à mulher. Como outras culturas, ela se utiliza

(1) Comportamento parental: expressão utilizada por Tucker & Money quando se referem a características dos comportamentos das fêmeas em geral, características essas de acolhimento, maternalismo, passividade, etc.

de todos os meios de que dispõe para levar os indivíduos, dos dois sexos, a se comportarem de acordo com os valores por ela estabelecidos e transmitidos, e que lhe interessa conservar. Para a família e para a sociedade, em relação à sexualidade, é importante transmitir e reforçar o duplo padrão de educação e moral, principalmente no que tange à virgindade: a mulher deve manter uma atitude de recato e ingenuidade, tanto antes quanto depois do casamento, posição que nos parece diferente em relação à do homem; a ele não só se permite, como até se cobra uma longa experiência de vivências sexuais anterior ao casamento, enquanto que, a ela, o desconhecimento teórico e prático em relação à sua sexualidade deve conduzi-la até o "altar". Como se pode concluir, ambos deveriam partir para uma vida a dois, a fim de experienciarem juntos toda a realização do potencial sexual de que dispõe; porém ao se encontrarem, estão em níveis diferentes em relação ao conhecimento teórico e à vivência da sexualidade.

Como se pode perceber nas entrevistas coletadas, há um grande temor das famílias, diante da possibilidade da perda da virgindade por parte das jovens, quando ainda solteiras, e sobretudo - caso mais extremo - da gravidez indesejada. Esses temores justificam atitudes de controle que se exercem sobre elas, que concorrem para o surgimento de conflitos. Não desconhecemos a existência do duplo problema da família a esse respeito: ser vítima do estigma da gravidez na mulher solteira, e ter que arcar com a responsabilidade, inclusive econômica, de uma criança.

Poucas são as jovens, como vimos, que são orientadas e informadas a respeito da sua sexualidade. O sexo é tabu, logo não é abordado, nem do ponto de vista da reprodução-contracepção, nem do ponto de vista do prazer. No entanto, caso venham a engravidar, a condenação moral recairá sobre elas. Será que se pode falar, em nossa cultura, da realização sexual da mulher? Há alguma preocupação com a sua satisfação sexual? Como será a convivência sexual de uma jovem, casada, inexperiente em termos sexuais, com um jovem rapaz experiente? Tudo nos leva a crer que as nossas jovens ainda estão sendo preparadas para um casamento onde assumirão o "papel natural" da mulher: ser dona de casa, cui

dar dos filhos, e dar "status" ao homem que, casando, pode se afirmar mais como macho na sociedade.

O modelo de educação veiculado em nossa cultura é discriminador em relação aos dois sexos. Podemos constatar, nesta pesquisa, que as proibições e controle da família em relação às jovens são muito fortes. Sempre que algumas delas não desempenham o seu papel de filha "obediente", "moça direita", "moça de família", padrões esses de comportamento esperados pelos pais, estes reagem e, se elas os enfrentam, os conflitos eclodem. Verificamos também que, nem sempre os pais têm argumentação suficiente para tudo que eles proíbem. Falta explicação coerente para muitas das proibições.

Podemos observar o quanto é difícil arrebanhar e até modificar a "cadeia de condicionamentos" injustos que se transmite de uma geração para outra. Para que haja transformação dos padrões de comportamento vigentes (que refletem a idealização social), vemos como muito importante, em primeiro lugar, que a mulher tome consciência de que está se deixando dominar, indevidamente, pelo homem, quer ele seja seu pai, marido, ou até mesmo, seu irmão. Em segundo lugar, é necessário que ela tome conhecimento e chegue ao domínio, adequados, sobre o seu corpo, pois falta-lhe o conhecimento específico, que lhe dê acesso ao controle dos meios contraceptivos, que lhe possa garantir a opção de uma gravidez desejada, ou as precauções para evitar uma gravidez indesejada (como podemos detectar nas entrevistas, é a gravidez - afora o defloramento e a preocupação em dar satisfações à sociedade - o grande temor dos pais, em relação às práticas sexuais das jovens solteiras).

Enfim, para realizar essa transformação dos padrões de comportamento vigentes - de discriminação sexual - vemos como necessária, uma mudança no modelo de educação que vigora nas famílias. É preciso substituir essa educação que forja atualmente a dependência e a submissão da mulher, por outra, alternativa, cuja orientação leve em conta alguns aspectos fundamentais:

- 1) Assegurar uma programação educacional para a jovem, através da qual ela tenha oportunidade de treinar a

- passagem gradativa da dependência para a autonomia.
- 2) Estimular o amadurecimento emocional das filhas, através de um acompanhamento educacional permanente, preparando-as, desde a infância, para enfrentar as decisões requeridas pelo leque de opções da condição de autonomia para a qual estão sendo preparadas.
 - 3) Proporcionar, no relacionamento cotidiano, experiências de diálogo entre filhas jovens e cada um dos genitores, evitando-se, tanto quanto possível, aquelas de imposição.
 - 4) Valorizar decididamente a autoridade dos pais, e contemporaneamente desmistificar o autoritarismo e suas manifestações. Partir daí para promover uma melhor distribuição de poder, de direitos e deveres, entre os membros da família.
 - 5) Designar à filha jovem, papéis sociais em que ela não fique relegada, basicamente, à condição de submissa, obediente, passiva e dependente, e sim que lhe garantam a condição de ela poder questionar e discutir tabus e preconceitos, bem como atitudes rígidas. Papéis que lhe permitam espaço para a crítica e a autocrítica, no âmbito familiar, dentro de um clima de amizade e respeito.

Não pretendemos, com esse trabalho, fazer uma acusação colérica contra a família, e em especial aos pais. Reconhecemos que eles são fruto de uma cultura, dos valores culturais que aí são veiculados. Na realidade, refletem as relações de poder que estão além deles, na sociedade como um todo; ela (a família), é uma "miniatura da sociedade externa". A introjeção do autoritarismo ocorre nas pessoas, independentemente do tipo de família por elas formado; depende basicamente do contexto cultural. É necessária pois uma reeducação social, dado que é a cultura a maior responsável pelas idéias que moldam o indivíduo.

Nossa pretensão, ao realizarmos este trabalho, era a de analisar os conflitos no relacionamento fami -

liar, do ponto de vista das filhas jovens. Objetivávamos , com isto, desmistificar os estereótipos da adolescência-juventude vistos, em geral, como sendo um período característico de conflitos das jovens com os outros, principalmente os familiares. Na realidade, se esses conflitos existem - como de fato existem - , não poderão ser atribuídos apenas a uma parte do grupo de pessoas envolvidas neles. O conflito se dá de um lado, em consequência do comportamento dos pais, com atitude autoritária, que envolve até mesmo a repressão (com o objetivo de controle), e de outro, devido à postura desacomodante das filhas, numa atitude de inquietação e questionamento, por estarem num período de crescimento emocional e desabrochar sexual, que as leva a sair de uma situação de dependência e reivindicarem mais autonomia. Pode-se juntar a isso, também, um provável afrouxamento social no que tange à cobrança dos tradicionais estereótipos femininos.

Ao concluirmos este trabalho, consideramos importante termos realizado esta pesquisa com moças , oferecendo-lhes esta contribuição de estudo, análise e reflexão , de forma a participarmos da sua luta contra a injustiça da discriminação social em relação à mulher. Esperamos que ele sirva para alertar algumas pessoas - pais, jovens (eles e elas) e educadores - para o papel da mulher na família e na sociedade, papel esse bem diferente daquele que ela atualmente representa. É importante que tomem consciência - homens e mulheres - dos condicionamentos que sofreram e que , por inércia, continuam a imprimir aos outros, para que esta situação não se transmita a outras gerações, perpetuando-se.

BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline - O que é feminismo. São Paulo : Brasiliense, 1981. 78 p.
2. ARIÈS, Philippe - História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 280p.
3. AZEVEDO, Thales - Namoro à antiga: tradição e mudança. In Gilberto Velho & Sêrvulo A. Figueira (Coord.). Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro : Campus, 1981 . 348 p.
4. BARDIN, Laurence - L'analyse de contenu. Paris: Puf, 1977.
5. BELOTTI, Elena Gianini - Educar para a submissão. 2.ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1979. 164 p.
6. BEM, Daryl J. - Convicções, atitudes e assuntos humanos . Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. 192 p.
7. BERGER, Peter L. - Perspectivas sociológicas. 4.ed. Trad . Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1978. 204p.
8. BERGER, Peter L. & LUCKMANN, T. - A construção social da realidade. 4.ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1978. 247 p.
9. BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Tabulações avançadas do censo demográfico: resultados preliminares. Rio de Janeiro: 1981. 632p
10. CADERNOS DE PESQUISA - A família em questão. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 37, maio 1981. 103 p.

11. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio - Uma incursão pelo lado "não-respeitável" da pesquisa de campo. Trabalho apresentado na reunião do grupo de trabalho cultura popular e ideologia política, IV Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1980. 26 p. Mimeografado.
12. CANEVACCI, Massimo - Dialética da família. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1981. 282 p.
13. CONGER, John - Adolescência: geração sob pressão. Trad. Rosane Amador Pereira. São Paulo: Harper & Row, 1980. 128 p.
14. CORRÊA, Mariza - Repensando a família patriarcal brasileira. In Maria Suely Kofes de Almeida e outros - Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982. 204 p.
15. DESIDÉRIO, Fiorangela Maria - Encontros, desencontros, reencontros em família. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982. 184 p.
16. GALLATIN, Judith E. - Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. Trad. Antonio Carlos Amador Pereira & Roseane Amador Pereira. São Paulo: Harbra, 1978.
17. GOFFMAN, Erving - A representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975, 234 p.
18. GOLDBERG, M^a Amélia A. & FRANCO, M^a Laura P. - Análise de conteúdo: notas metodológicas. São Paulo, 1980. 39p. Mi meografado.
19. GOODE, William J. - A família. Trad. Antônio Augusto Arantes Neto. São Paulo : Pioneira, 1970. 199 p.

20. _____ - Revolução mundial e padrões de família. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo:Ed. Nacional - EDUSP, 1969. 564 p.
21. KITWOOD, Tom M. - On values and value-systems: evidence from interviews with adolescents. In Educational Research. USA, 18 (3) : 223-231, s/d (após 1976).
22. LAING, Ronald D. - A política da família e outros ensaios. Trad. João Grego Esteves. São Paulo : Martins Fontes Ed., s/d. 155 p.
23. LANE, Silvia T. Maurer - O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1981. 88 p.
24. LOBROT, Michel. - A favor ou contra a autoridade. Trad. Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro :Francisco Alves Ed., 1977. 182 p.
25. MACEDO, Carmem Cinira - A reprodução da desigualdade. São Paulo: HUCITEC, 1979. 150 p.
26. MAKARENKO, Anton Simionovitch - Conferências sobre educação infantil. Trad. M^a. Aparecida Abelaira Vizotto. São Paulo: Ed. Moraes, 1981. 95 p.
27. MALDONADO, Maria Tereza - Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. Petrópolis: Vozes, 1981. 165 p.
28. MURRAY, Edward e outros. Conflito. In David L. Sills (Org.) Enciclopedia internacional de las ciencias sociales . Madrid : Aguillar, 1975, vol. 3.
29. NETO, M^a. Inacia d'Avila - O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamê, 1980. 126 p.
30. OLIVEIRA, M^a. Coleta F. A. de - Família e reprodução. São Paulo: FAU, 1976. 72 p.

31. POSTER, Mark - Teoria crítica da família. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 251 p.
32. PRADO, Danda - O que é família . São Paulo: Brasiliense, 1981. 94 p.
33. RIBEIRO, Darcy - O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 273 p.
34. ROCHEBLAVE-SPENLÉ, Anne-Marie - O adolescente e seu mundo. Trad. Olympia Salette Rodrigues. São Paulo: Duas Cidades, 1975. 142 p.
35. _____ - Psicologia do conflito. Trad. Olympia Salette Rodrigues. São Paulo: Duas Cidades, 1974. 156 p.
36. SALEM, Tania - O velho e o novo : um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis: Vozes, 1980. 240 p.
37. SARBIM, Theodore & TURNER, Ralph - Papel social. In David L. Sills (Org.). Enciclopedia internacional de las ciencias sociales. Madrid: Aguillar, 1975, vol.7.
38. SCHEIBE, Karl E. - Socialização: a formação da identidade. Weleyan University (USA) - PUC São Paulo, 1974. 57 p. Mimeografado.
39. STAKE, Robert E. - Uma subjetividade necessária em pesquisa educacional. In Goldberg, M^a. Amélia e Souza, Clarilza Prado (org.) - Avaliação de programas educacionais. São Paulo : EPU, 1982.
40. TUCKER, Patricia & MONEY, John - Os papéis sexuais. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Brasiliense, 1981 . 203p.

ANEXOS

1. ROTEIRO DA ENTREVISTA
2. FORMULÁRIO PARA A JOVEM
3. ESCALAS DE AFERIÇÃO

ANEXO 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA

FASE I : SENSIBILIZAÇÃO

OBJETIVOS	ÁREA	VARIÁVEL	ITENS
<p>Informar a entrevistanda:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sobre as reais intenções da entrevista. - Sobre o sigilo e a liberdade de a entrevistanda aderir ou não à proposta da entrevista - Sobre a confiança recíproca sem o que será impossível a CO-PARTICIPAÇÃO na tarefa e esta acabará por tornar-se enorme bisbilhotice científica. - Sobre a absoluta necessidade de que a entrevistanda "orientada" a entrevistadora levantando e oferecendo dados que auxiliem a atingir as reais intenções da entrevista. 	<p>PRESSUPOSTO:</p> <p>"A ciência do homem deve atribuir-lhe a plena posse dos poderes pessoais. Em relação a valores deve trabalhar com uma concepção do respondente, segundo a qual ele é ativo, perceptivo e autônomo em situações de pesquisa".</p> <p>(Kitwood)</p>		<ul style="list-style-type: none"> - A jovem entrevistanda receberá garantia plena de que seu nome jamais será ligado à fita gravada e de que esta jamais será exibida a seus pais e conhecidos. - A entrevistanda receberá o conteúdo das Fases II e III da entrevista, com um ou dois dias de antecedência, a fim de preparar-se corretamente para a gravação. - A entrevistanda será instruída no sentido de que ela dirigirá essa parte da entrevista, como se fosse um cineasta que estivesse escrevendo o roteiro de sua própria vida

FASE II: CARACTERIZAÇÃO

OBJETIVOS	ÁREA	VARIÁVEL	ITENS
- Descrever da forma mais ampla e clara possível, o funcionamento da vida familiar da jovem.	- Vida familiar.	- Rotina familiar. - Evento(s) que rompe(m) a rotina.	- Imagine que você vai fazer uma reportagem completa sobre sua família. Você escolheu fazer essa reportagem abrangendo: a) "Um dia na vida da minha família"; b) "Um acontecimento muito especial na minha família".

FASE III: EXPLORAÇÃO

OBJETIVOS	ÁREA	VARIÁVEL	ITENS
- Entrevistanda e entrevistadora empenham-se em levantar e analisar situações concretas de conflito familiar vividas pela jovem no último ano.	- Conflitos familiares	- Choque a nível de idéias.	- Pense no período deste seu último ano de vida; procure lembrar-se de situações do seguinte tipo: 1º) em que você e seu pai e/ou sua mãe, discordaram muito sobre alguma coisa;

Continua

FASE III: EXPLORAÇÃO (Continuação)

OBJETIVOS	ÁREA	VARIÁVEL	ITENS
		<p>- Choque a nível de decisões.</p> <p>- Choque a nível de desempenho de papel (escolar, sexual, familiar).</p> <p>- Vínculo PAIS/FILHA: domesticação/emanipulação.</p>	<p>29) em que você tomou uma <u>decisão</u>, tendo seu pai e/ou sua mãe violentamente contra ela;</p> <p>39) em que algum <u>comportamento</u> seu na escola, ou com o namorado, ou em família, tenha sido objeto de violenta reprimenda por parte de seu pai e/ou sua mãe.</p> <p>Você pode lembrar de uma ou mais situações de cada tipo. Todas elas, porém, devem ter marcado uma <u>oposição muito forte</u> entre você e seu pai e/ou sua mãe. Em cada situação é importante você lembrar todo o seu desenrolar, bem como ser capaz de dizer <u>por que</u> a discordância ocorreu.</p>

ANEXO 2

FORMULÁRIO PARA A JOVEM

ÁREAS	VARIÁVEL	QUESTÕES
1) Dados Pessoais	- Sexo	- Sexo M () F ()
	- Idade	- Idade (em anos completos) 15 16 17 18 19 20
	- Estado Civil	- Estado Civil S () C ()
	- Religião	- Religião _____
	- Residência	- Bairro onde mora _____ - Locais onde você passou a maior parte de sua vida até hoje _____
2) Vida Profissional	- Trabalho	- Você já trabalhou? SIM () NÃO ()
		- Onde? _____
		- Você trabalha atualmente? SIM () NÃO ()
		- Onde? _____
		- Quantas horas você trabalha por semana? _____ - Que motivos lhe levaram a sair do seu último emprego para o atual? _____
- Mesada	- Você recebe mesada? SIM () NÃO ()	
	- Qual o valor da sua mesada? Cr\$ _____	
	- De quem você a recebe? _____	
3) Vida Familiar	- Composição da Família	- Quantas pessoas moram na sua casa? _____
		- Diga quem são e os graus de parentesco entre você e elas _____
		- Há quanto tempo você mora com essas pessoas? _____
		- Quem é(são) a(s) pessoa(s) que realmente manda(m) na sua casa? _____
		- Profissão de seu pai _____ - Profissão de sua mãe _____

4) Vida
Escolar

-Trajetória Es-
colar

-Reconstituição dos colégios por onde você passou:

1º grau: _____

2º grau: _____

3º grau: _____

- Nome da instituição em que você estuda atualmente :

- Série: _____

- Cidade onde ela se localiza: _____

- Sua escola é paga? SIM () NÃO (). De quanto é a mensalidade? Cr\$ _____. Por quem ela é paga? _____

- Quem paga as outras despesas dos seus estudos? _____

- Você faz algum outro curso além da escola? _____

- Quanto, em geral, é gasto por mês para esse(s) ou-
tro(s) curso(s) ? Cr\$ _____

- Quem o(s) paga? _____

-Repetên-
cia

- Você repetiu alguma série escolar? SIM () NÃO ()

- Qual(ais)? _____

- Por que? _____

-Evasão

- Você já interrompeu seus estudos? SIM () NÃO ()

- Durante quanto tempo? _____

- Por que? _____

-Rendimen-
to

- De um modo geral, durante este ano, qual tem sido a sua posição em relação aos seus colegas de classe no que diz respeito ao seu rendimento escolar?

() Entre os mais adiantados

() Entre os medianamente adiantados

() Entre os medianamente atrasados

() Entre os mais atrasados

	Escolha Profissional	<p>- De todas as profissões que você conhece, qual delas gostaria mais de exercer? _____</p> <p>- Algumas vezes uma pessoa não pode seguir a carreira que deseja. Considerando problemas como tempo, dinheiro, oportunidade, etc., qual carreira você acha, realisticamente, que vai seguir em sua vida? _____</p> <p>_____</p>
5) Vida Social e Afetiva	Lazer	<p>- Quando você não está estudando, o que você faz com o tempo de que dispõe? _____</p> <p>- Em relação a televisão, que tipo de programas você assiste? _____</p> <p>- Em relação a leitura, que tipo de livros e revistas você lê? _____</p> <p>- Pratica algum esporte? SIM () NÃO () Qual? _____</p> <p>- Namoro</p> <p>- Você tem namorado? SIM () NÃO () Onde você o conheceu? _____</p> <p>- Você já teve outro namorado? SIM () NÃO () Onde você o conheceu? _____</p> <p>- Amizades</p> <p>- De onde provêm os seus maiores amigos(as)? () da vizinhança () da escola () do clube () de outros lugares _____ Quais? _____</p> <p>- Você é sócia de algum clube social da cidade? S () N (). Qual(ais) ? _____</p>
6) Situação Financeira	Bens Dureáveis	<p>- Na sua casa você possui (e quantos):</p> <p>() geladeira () máquina de lavar roupa</p> <p>() enceradeira () máquina de lavar louça</p> <p>() telefone () aspirador de pó</p> <p>() automóvel () TV a cores</p> <p>() TV preto e branco</p>

- | | |
|---------------------|---|
| - Adminis
tração | - Na sua casa há empregada? SIM () NÃO ()
Quantas? _____ |
| - Familiar | - Quantas pessoas contribuem para a renda fami-
liar? _____ |
| - Imóveis | - Tem casa própria? SIM () NÃO ()
- Além dela, possui outro(s) imóvel(eis)?
SIM () NÃO () |

ANEXO 3ESCALAS DE AFERIÇÃO

1a. CATEGORIA: PERCEPÇÃO DA EXISTÊNCIA DO CONTROLE

CONDIÇÕESCRITÉRIOS

- I - SIM A JOVEM FAZ REFERÊNCIA, OPCIONALMENTE:
- à clara percepção da existência do controle;
 - à percepção da existência de conflito, conflito este gerado pela ação do controle;
 - ao conflito, indicando com isto a existência de controle sutil ou manifesto;
 - a proibições ou normas explícitas que são, em última análise, expressão do controle (ex: 'não quero', 'não faça', 'não deixava', 'nunca deixou');
 - a um seu comportamento de fuga, omissão, não-revelação, ou de ação efetuada às escondidas; tal comportamento constitui uma forma de a jovem subtrair-se quer ao controle, quer ao conflito familiar por ele gerado.
- II - NÃO OPCIONALMENTE, A REFERÊNCIA DA JOVEM INDICA QUE:
- a jovem não percebe a existência de controle, embora ele esteja presente de forma clara ou sutil em seu relato;
 - a jovem pode chegar a fazer referência ao controle, porém não o percebe como tal, ou seja, o vê como uma postura 'adequada'; defende, então, a postura dos pais, em detrimento da própria;
 - a jovem valoriza, expressamente, a postura controladora dos pais.
- III-OMISSÃO - O controle não é referido no texto, e de fato inexistente no relato.

2a CATEGORIA: REAÇÃO AO CONTROLE

CONDIÇÕESCRITÉRIOS

- I - SUBMISSÃO - Diante de uma situação de controle, a jovem expressa uma reação, que é manifestada aos pais, seja de forma verbal, seja por meio de ações e/ou atitudes.
- Abrange: - obediência às normas paternas;
 - aceitação do controle, mesmo que seja apenas aceitação formal;
 - capitulação diante do controle.
- II - INSUBMISSÃO - Diante de uma situação de controle, a jovem expressa uma reação, que é manifestada aos pais, seja de forma verbal, seja por meio de ações e/ou atitudes.
- Abrange: - oposição ao controle dos pais;
 - confrontação com a autoridade paterna;
 - recusa em acatar as normas dos pais.
- III - INDEFINIÇÃO - Diante de uma situação de controle a jovem expressa uma reação, que pode ser manifestada ou não, aos pais, e isso quer de forma verbal, quer por meio de ações e/ou atitudes, no primeiro caso, e, no segundo, manifestada apenas à pesquisadora, sob forma de opinião, pensamento, etc.
- Abrange: - a reação da jovem, que dificilmente se classificaria apenas como submissa ou simplesmente como insubmissa;
 - a reação ambígua da jovem: entre o falar e o agir referidos existe clara incoerência;
 - a reação da jovem, que se mostra, simultaneamente, submissa

e insubmissa;

- a reação reservada que a jovem sente ter diante do controle, e que, no entanto, não é manifestada aos pais.

IV- OMISSÃO - Quando no texto inexiste situação de controle, e/ ou não há referência a qualquer reação ao controle.